

ISSN 2965-5129

CANGAÇO

em Revista

Vol. 2 | 2023

Antônio Amaury
Corrêa de Araújo
(1934-2021)



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



CEEC
Centro de Estudos
Euclides da Cunha

CANGAÇO

em Revista

Salvador, Volume 2, p. 1-115, 2023



CEEC
Centro de Estudos
Euclides da Cunha

Publicação anual temática do Centro de Estudos Euclides da Cunha que analisa e discute assuntos relacionados ao fenômeno do cangaço, aberta a contribuições externas, desde que estejam de acordo com a linha editorial adotada. Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores. É permitida a reprodução parcial ou total, respeitada a obrigatoriedade da citação da fonte.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

ADRIANA DOS SANTOS MARMORI LIMA
Reitora

DAYSE LAGO DE MIRANDA
Vice-Reitora

TÂNIA MARIA HETKOWSKI
Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-graduação

CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA

MANOEL ANTONIO DOS SANTOS NETO
Coordenador

CONSELHO EDITORIAL

Aderbal Nogueira Pesquisador e Cineasta	Liandro Maciel de Souza Historiador, Pesquisador e Produtor Cultural
Ângelo Osmiro Pesquisador, Bibliófilo e Escritor	Luciana Savaget Jornalista, Pesquisadora e Escritora
Arquimedes Marques Pesquisador e Escritor	Luiz Rubem Bonfim Escritor e Pesquisador
Carlos Perrone Jobim Historiador e Pesquisador	Manoel Severo Gurgel Barbosa Historiador, Pesquisador e Produtor Cultural
Prof.ms Eric Maheu Universidade do Estado da Bahia	Miguel Angelo Almeida Teles Historiador, Fotógrafo e Documentarista
Fábio Paes Historiador, Professor, Pesquisador e Músico	Moisés Varjão Historiador e Pesquisador
Flávio Caetano da Silva Professor Historiador e Pesquisador	Nadja Lucilene Claudino Barbosa Historiadora, Pesquisadora e Escritora
Frederico Pernambucano de Melo Historiador Pesquisador e Escritor	Oleone Coelho Fontes Escritor, Jornalista e Historiador
Germana Gonçalves de Araújo Professora, Pesquisadora e Designer Gráfica	Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana Historiadora, Professora e Pesquisadora
João Batista Lima Historiador e Pesquisador	Tadeu Botelho Professor, Historiador e Pesquisador
João Ferreira Damião Professor e Historiador	Vagner Silva Ramos Filho Professor, Historiador e Pesquisador
José Bezerra Lima Irmão Pesquisador e Escritor	Vera Lúcia Ferreira Nunes Jornalista, Pesquisadora e Escritora

CANGAÇO

em Revista



EDITOR CHEFE
MANOEL ANTONIO DOS SANTOS NETO

EDITORA CIENTÍFICA
MARTA MARIA LEONE LIMA

COMISSÃO EDITORIAL
MARTA MARIA LEONE LIMA
LUCAS SOUZA VIANA
LUCIJANE DE SOUZA LIMA

**CRIAÇÃO DE CAPA E
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**
LUCAS SOUZA VIANA

FICHA CATALOGRÁFICA – SISTEMA DE BIBLIOTECA DA UNEB

Cangaço em Revista/Universidade do Estado da Bahia, Centro de Estudos Euclides da Cunha--- v. 2, p 1-115, (2023). —Salvador:CEEC- Uneb, 2023.

Anual

1. Cangaço-História-Periódicos. 2. Cangaçeiros-Periódicos.

CDD:981.05

Disponível em: www.revistas.uneb.br/index.php/cangacoemrevista

A correspondência relativa à colaboração, solicitações de exemplares e pedidos de permuta devem ser enviados para o e-mail cangaemrevista@gmail.com e/ou para o Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC, Rua do Cabeça, no10, Edifício Marquês de Abrantes, Sala 812, CEP 40.060-230, Salvador-BA, Brasil.

DEDICATÓRIA

À memória de um gigante do cangaço,
o Dr. Antônio Amaury Corrêa de Araújo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos amigos pesquisadores Angelo Osmiro, Luiz Rubem Bonfim, José Bezerra Lima Irmão e Miguel Angelo AlmeidaTeles pelas fotos e informações cedidas tão gentilmente para a realização do presente volume.

SUMÁRIO

8 EDITORIAL

Manoel Neto

10 APRESENTAÇÃO

Marta Leone

ARTIGOS

13 Liberino Vicente e o cangaço

Moisés Santos Reis Amaral

25 Documentos sobre o cangaço nos arquivos da Polícia Militar da Bahia: Volantes, cangaceiros e conflitos (1929-1940)

Raimundo José Rocha Marins

Andréa Reis de Jesus

41 Melquíades Pinto Paiva (1930-2021): Contribuições para a história natural e social dos sertões

Antônio Fernando de Araújo Sá

53 Cangaço: Do passo ao traço e à cena, que vira arte

Carlos Carneiro de Jesus

DEPOIMENTO

67 O caipira que amava o Nordeste

Carlos Elydio Corrêa de Araújo

ENTREVISTA

74 Uma conversa atemporal: Proseando com Antônio Amaury Corrêa de Araujo

Manoel Neto

Lucas Viana

EDITORIAL

Os impressos no formato de revistas tiveram grande importância entre as publicações comerciais do mercado editorial brasileiro, congregando um expressivo número de leitores, motivados pelos conteúdos diversificados que publicavam: lazer, moda, grandes reportagens sobre as celebridades brasileiras e internacionais, destaques momentosos da cena nacional e internacional, tais como a política e seus grandes personagens e tensões, muito humor e a violência estampada em crimes polêmicos, além de informes sobre a vida doméstica e matérias dirigidas a mulher, claro que dentro de uma perspectiva conservadora, ao contexto do período histórico que vivíamos, isto é, as décadas de 1940 aos anos de 1970, para não recuarmos aos anos de 1920 e 1930, quando estas publicações se apresentavam estética e editorialmente ainda rudimentares, por casualidades tecnológicas e regras de controles sociais então vigentes.

Esse prólogo serve para dar uma ideia, a você que nos acompanha de forma *online*, o extraordinário esforço dos empreendimentos impressos de menor recursos e caráter científico, para sobreviver ao verdadeiro tsunami que representa em todos os setores de nossa vida, do mais íntimo do nosso viver privado, as redes sociais abertas onde cabem os fake news e artigos, teses acadêmicas, extratos de dissertações da maior qualidade, quer dizer, cabe tudo, até as manifestação mais abjetas dos humanos na inexorável Internet. O que se conserva para o leitor é a sensibilidade e critério para selecionar o que se apresenta aos seus olhos e aquilo que lhe chega às mãos na forma editorial clássica, ou seja, o papel com suas letrinhas e imagens saídas das moderníssimas impressoras atuais.

Muito embora revistas como O Cruzeiro, Realidade e Manchete (não casualmente já extintas), houvessem publicado grande e ótimas reportagens sobre o Nordeste, a cultura popular e dado uma enorme visualidade ao cangaço, com brilhantes matérias coetâneas aos acontecimentos históricos, em especial a morte de Lampião, Maria e mais nove cangaceiros em Angico, não temos conhecimento sobre nenhuma publicação acadêmica essencialmente dedicada ao Cangaço, sobressaindo nos seus editais a percepção de buscarmos novas arguições e hipóteses sobre essa tão polemizado movimento, mesmo decorrido 82 anos do epílogo trágico em Barra do Mendes, na Bahia, resultando na morte de Corisco e prisão de Dadá.

A “Cangaço em Revista” como o próprio nome sugere, em que pese ser um periódico nascido no ambiente da academia, procurou através dos seus escritos, selecionados por pareceristas intelectualmente preparados, transgredir – como as mulheres cangaceiras o fizeram no passado – para melhor dialogar com o todo social, mesmo que correndo riscos, por arrostar alguns princípios que regem a ordem dos periódicos pensados e circulantes no meio universitário. Desejamos a todos bom proveito em suas leituras.

Prof. Manoel Neto
Editor Chefe

APRESENTAÇÃO

Estamos lançando mais um número do periódico *Cangaço em Revista*: nessa nova edição selecionamos quatro artigos que tratam de diferentes momentos do fenômeno histórico e social nomeado *cangaço*, um tipo de banditismo social ocorrido no nordeste brasileiro entre o final do século XIX e início do XX. Além dos artigos, temos um relato emocionado de Carlos Elydio Corrêa de Araújo, filho do nosso homenageado Antônio Amaury Correia de Araújo, seguido de uma entrevista realizada pela equipe do CEEC inédita desse pesquisador que faleceu vítima de Covid-19 no ano passado.

O primeiro artigo nos apresenta um personagem que participou como soldado da Polícia Militar na volante de Zé Rufino em dois eventos importantes para a história do cangaço. Um desses refere-se ao importante fato que encerrou o ciclo do cangaço na Bahia que foi a morte de Corisco o ferimento grave de Dadá em Barra do Mendes. O artigo relata a história do soldado Liberino Vicente, sertanejo do município baiano de Fatima, figura proeminente nesta cidade que relata uma das muitas histórias que compõe o capítulo da presença do bando de Lampião na Bahia. O artigo é de autoria do historiador Moisés Santos Reis Amaral, intitulado *Liberino Vicente e o Cangaço* nos leva a conhecer o destino de um dos muitos nordestinos que presenciaram história tão marcante para o Brasil.

Em seguida apresentamos o artigo *Documentos sobre o cangaço nos arquivos da polícia militar da Bahia: volantes, cangaceiros e conflitos (1929-1940)* de autoria de Andréa Reis de Jesus e Raimundo José Rocha Marins que trata da documentação disponível no Arquivo da Polícia Militar da Bahia constituída desde manuscritos a objetos relativos aos principais eventos da história do Brasil e em especial da história da Bahia. Tal arquivo é patrimônio material da história da humanidade e premiado pela UNESCO. São documentos primários e fonte importante para a composição da historiografia do cangaço na Bahia.

O artigo intitulado *Melquíades Pinto Paiva (1930-2021): Contribuições para a história natural e social dos sertões* de autoria Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá, trata da importância desse pesquisador cearense tanto para as ciências naturais como para as ciências sociais, em função dos seus trabalhos realizados junto ao IHGB sobre os Naturalistas e da sua atuação para criar as primeiras entidades científicas brasileiras.

Atuou como pesquisador, professor e palestrante em diversas Universidades. Sua produção se concentrou sobre a contribuição de naturalistas nacionais e internacionais para o desenvolvimento da ciência brasileira no século XIX. Esse autor crítico demonstrou como o sertão e a caatinga contribuíram para o aparecimento do cangaço, destaca-se que tal configuração o aproxima de Euclides da Cunha ao refletir sobre a importância da natureza para o surgimento do fenômeno do cangaço.

E o nosso último texto intitulado *Cangaço: do passo ao traço e à cena que vira Arte* discute sobre a linguagem artística e o cangaço e sobre como esse movimento histórico influenciou as manifestações artísticas no nordeste brasileiro. O autor, Carlos Carneiro de Jesus, destaca como a estética do bando de Lampião inspirou as artes visuais, a música, a moda e o artesanato nordestino. Demonstra como essa influência aparece nas festas junina e peças teatrais em Euclides da Cunha. Conclui por fim que o cangaço não foi só violência: tornou-se uma forte referência cultural e identitária para o povo nordestino.

Desejamos uma boa leitura!

Profa. Dra. Marta Leone
Editora Científica

ARTIGOS

LIBERINO VICENTE E O CANGAÇO

Moisés Santos Reis Amaral¹

RESUMO

Esse artigo busca traçar um breve relato acerca de dois episódios principais das ações envolvendo Liberino Vicente, natural da cidade de Fátima, agreste baiano, que integrou a coluna militar comandada pelo tenente José Osório de Farias, conhecido no mundo do cangaceirismo como “Zé Rufino”. Esse trabalho registra a atuação desse sertanejo no combate ao cangaço como soldado da polícia baiana e está focado em dois famosos combates entre cangaceiros e volantes, dos quais participou Liberino Vicente ao Lado de Zé Rufino e seus companheiros, inclusive com registros fotográficos: O combate que vitimou Marino e Porto da Folha-se, em 1936 e o último combate da trajetória do cangaço no Nordeste, a morte de Corisco em Barra do Mendes em 1940.

PALAVRAS-CHAVE: Liberino Vicente; Zé Rufino; Cangaço; Volantes, Polícia.

ABSTRACT

This article seeks to outline a brief account of two main episodes of the actions involving Liberino Vicente, a native of the city of Fátima, in rural Bahia, who was part of the military column commanded by Lieutenant José Osório de Farias, known in the world of “cangaceirismo” as “Zé Rufino”. This work records the performance of this “sertanejo” in the fight against “cangaço” as a soldier of the Bahian police and is focused on two famous combats between “cangaceiros” and the police, in which Liberino Vicente participated alongside Zé Rufino and his companions, including with photographic records: The combat that killed Marino and Porto da Folha-se, in 1936 and the last combat of the cangaço trajectory in the Northeast, the death of Corisco in Barra do Mendes in 1940.

KEYWORD: Liberino Vicente; Zé Rufino; Cangaço; Volantes, Police.

INTRODUÇÃO

O atual município de Fátima, agreste da Bahia, na divisa com Sergipe, situa-se em terras que, nos anos 1920 e 1930, compunham a vasta zona de atuação de cangaceiros. Naturalmente, o sertanejo contemporâneo ao cangaço dificilmente escapava da influência desse fenômeno por completo. Assim sendo, os jovens daquele difícil período mantinham relações com cangaceiros e eventualmente engrossavam as

¹ Mestre em ensino de História, Universidade Federal de Sergipe (UFS).

fileiras do banditismo ou seguiam o caminho inverso e aderiam à força policial no combate aos cangaceiros.

Dessa forma, muitas famílias fatimenses carregam nas lembranças coletivas histórias de cangaceiros e volantes. Foram pelo menos três jovens fatimenses a adentrar nas colunas militares de combate ao cangaço, mas a memória desses feitos acabou se perdendo com o passar dos anos para os familiares da maioria desses homens.

Liberino Vicente, entretanto, destoa dessa realidade. É parte de uma família muito ligada, ainda hoje, ao militarismo, e ocupou, no período pós-cangaço, posição de destaque no município, sendo o primeiro delegado de polícia de Fátima emancipada.

É igualmente desconhecida a informação de qual volante, e sob o comando de qual tenente, os outros dois soldados fatimenses atuavam; e isso dificulta, e muito, a apuração e o levantamento de informações acerca de suas vidas. No caso de Liberino, seu Comandante foi nada mais nada menos que José Osório de farias, o Zé Rufino, muito famoso entre os entusiastas do tema cangaço.

Nascido a 12 de outubro de 1907, “Seu Liberino”, como era conhecido entre os fatimenses, compôs a volante comandada por Zé Rufino, responsável por inúmeras mortes de cangaceiros, inclusive a de Corisco, o diabo loiro. Segundo um de seus filhos, Liberato, ele entra na volante como contratado, sendo efetivado como soldado da polícia baiana posteriormente, e tem sua presença confirmada em vários e famosos combates com bandoleiros entre Bahia, Sergipe e Alagoas.



Imagem 1: José Rufino na volante do estado da Bahia
Fonte: Blog Lampião Aceso. Acessado em 20 de janeiro de 2022.

A fotografia acima, tirada pelo famoso sírio, Benjamim Abraão, assessor do Padre Cícero do Juazeiro, foi batida em 1936, e registra Liberino Vicente (em destaque) ao lado dos companheiros de luta.

DESENVOLVIMENTO:

No ano de 1936, a volante de Zé Rufino partiu, a pé, do Raso da Catarina, nas proximidades de Serra Negra (hoje, município de Pedro Alexandre), em busca do bando do cangaceiro Mariano. Na ocasião do combate, o subgrupo comandado por Mariano foi dilacerado em Cangaleixo, no município de Porto da Folha, estado de Sergipe. No rastro dos bandoleiros, a volante de Zé Rufino encontra com Benjamin Abraão, que solicita autorização para fazer o retrato. Nela, podemos ver o tenente Zé Rufino – em pé, o primeiro à esquerda – e o soldado Liberino, então com 29 anos. Esse combate é parcialmente relatado na obra *Fátima*, traços da sua história. (REIS, 2022).

O local específico da fotografia é desconhecido, mas se sabe que, dali os soldados partiram para a localidade onde se suspeitava estar o grupo liderado por Mariano. Após interrogatórios, e horas seguindo os rastros, os soldados encontraram os cangaceiros jogando baralho em meio ao precário acampamento de pequenas barracas feitas com lençóis amarrados à vegetação. O tiroteio foi ferrenho e três cangaceiros foram mortos. Entre eles, o líder do Bando, Mariano, que teve uma morte dolorida e cruel.

Consta que, entre os soldados, estava o rastejador Bem-te-vi, que havia entrado para a volante justamente para vingar a morte do pai, ato cometido supostamente por Mariano. Ao identificar entre os feridos o bandido chefe, Zé Rufino manda chamar Bem-te-vi e o autoriza a cumprir a vingança que tanto desejava.

Segundo relatos, jamais houve um assassinato com tanto prazer por parte do algoz. Bem-te-vi teria debruçando-se sobre o cangaceiro com seu punhal e deferido golpes vigorosos, fazendo dezenas de perfurações. Ao observar a cena Zé Rufino teria alertado ao comandado: “Cuidado com a cabeça que eu preciso dela”.

Ao consumir a morte de Mariano, e boa parte do seu bando, os soldados cortaram as cabeças dos mortos a golpe de facão e levaram para Porto da Folha, onde fizeram a foto abaixo.



Imagem 2: Cabeças dos cangaceiros e seus pertences
Fonte: Blog Lampião Aceso. Acessado em 20 de janeiro de 2022.

Não é prudente fazer juízo de valor acerca da conduta das volantes, ao menos, não é essa a minha intensão. Cortar a cabeça de uma pessoa após assassiná-la brutalmente é, aos olhos de hoje, um ato que beira a insanidade. Entretanto, é preciso lembrar que aqueles homens eram fruto da dura terra sertaneja, como descrito acima, e que, como filhos do seu tempo, agiam como tal (LIMA, 2006). Um erro muito comum entre as pessoas que gostam de história é fazer julgamentos de pessoas que viveram em outros períodos, tomando como elemento balizador seus valores contemporâneos. Nós, historiadores, damos a esse comportamento o nome de anacronismo histórico.

A foto a seguir é de autor desconhecido, e foi tirada no mesmo dia da anterior, contudo, após o combate, já em Porto da Folha, em meio à agitação que ficou na cidade após a notícia da morte dos cangaceiros e da chegada das cabeças. Nela, vemos os soldados de posse de alguns itens retirados dos cadáveres dos cangaceiros. Liberino Vicente, por exemplo, ostenta um chapéu ornamentado que, provavelmente, herdou de um dos bandidos.

Para efeito didático, e em uma tentativa de ilustrar a importância daquela ação em Cangaleixo, dedicarei algumas linhas para tratar da vida do cangaceiro que chefiava

aquele grupo destroçado furiosamente pela volante liderada pelo sagaz tenente Zé Rufino:



Imagem 3: Liberino Vicente em destaque
Fonte: Blog Lampião Aceso. Acessado em 20 de janeiro de 2022.

O cangaceiro Mariano era natural do município de Afogados da Ingazeira, Pernambuco. Nasceu no ano de 1898 e entrou para o cangaço em 1924. Ele foi um dos oito cabras que chegaram à Bahia, em 1928, que foram flagrados na foto abaixo, feita em Ribeira do Pombal-BA, pelo alfaiate Alcides Fraga.



Imagem 4: Mariano junto a Lampião, Corisco, Ezequiel e o restante do bando
Fonte: Jornal o Correio, de 10 de dezembro de 1928.

Após o episódio em Pombal, o grupo passou por Cícero Dantas, Sítio do Quinto, Heliópolis e, possivelmente, por Fátima. Oito anos após entrar na Bahia, Mariano, já chefe de subgrupo, foi abatido pela volante na qual Liberino Vicente combatia em Sergipe.

A volante de Zé Rufino é considerada por boa parte dos estudiosos do cangaço como o mais eficiente grupo policial no combate ao cangaceirismo. Em entrevistas concedidas em Jeremoabo, onde passou a morar após a aposentadoria, e onde morreu já como Coronel da reserva, Zé Rufino orgulhosamente afirmou nunca ter perdido um homem em combate.

Existem poucos registros fotográficos da volante de Zé Rufino nos tempos do cangaço. A foto aqui em destaque foi veiculada em jornais sergipanos da época e registra a dureza da vida daqueles homens que combatiam e eram combatidos em tempos difíceis para homens e mulheres sertanejos.

O combate mais famoso do qual Liberino Vivente participou, sem dúvidas, ocorreu já numa época em que o cangaço estava em franca decadência. No dia 25 de maio de 1940, acontecia o último combate entre cangaceiros e volantes, na cidade baiana de Barra do Mendes. Tratou-se do embate em que Corisco, o Diabo Loiro, foi morto, e sua companheira, Dadá, perdeu uma das pernas, em consequência de um tiro de fuzil.

Durante os anos de auge do cangaceirismo no Nordeste, Corisco era considerado o segundo homem nas trincheiras do banditismo, abaixo apenas de Lampião. Notório pela sua crueldade, cometeu atos tão hediondos, que rivaliza com as ações do próprio Virgulino. Por esse motivo, adquiriu a alcunha de Diabo Loiro.

Em 1940, contudo, o cangaço dava seus últimos suspiros. Após a morte de Lampião, em 28 de julho de 1938, o cangaceirismo passou a sofrer um forte processo de decadência, seja pela própria simbologia da morte do seu maior expoente, seja pela intensificação das perseguições do Estado, a fim de dar linhas finais ao banditismo na região e/ou pelo desmantelamento das redes de coiteiros que davam sustentação às ações clandestinas dos grupos e proteção contra a polícia.

Após o massacre de Angico, vários grupos foram sendo dissolvidos, entregando-se às autoridades ou sendo dizimados pela polícia; e os chefes de subgrupos foram, aos poucos, cedendo às pressões que levariam ao fim do movimento. Assim, bandos como os de Zé Sereno e Ângelo Roque, dentre outros, foram entregando-se e dando baixa em suas armas.

Naquele 25 de maio de 1940, contudo, o combate entre a volante de Zé Rufino e Corisco não foi necessariamente um fogo, como os bandoleiros nominavam os tiroteios entre soldados e o grupo de bandidos, pois Corisco não estava mais no comando do seu, outrora numeroso, grupo de cangaceiros.

Na oportunidade, viajavam Corisco, Dadá, Rio Branco, Florência e a menina Zefinha, natural de Bebedouro (atual Coronel João Sá). Não estavam mais atuando como cangaceiros, já não usavam mais sua característica indumentária. Vestidos como civis e carregando o que restara dos espólios do cangaço, viajavam em fuga, rumo a uma vida clandestina e distante das catingas que dominaram por anos.

Acerca dos valores carregados pelos viajantes naquela ocasião, o grande pesquisador do cangaço, o cearense Aderbal Nogueira, lembra em entrevista para o seu Canal do Youtube (2021) que Corisco já não carregava mais consigo tanta riqueza em ouro, dinheiro e joias. De acordo com Aderbal, com a morte de Lampião, dois anos antes do ataque em Barra do Mendes, Corisco não participou mais de nenhum grande saque, e já tinha perdido boa parte das conexões com coiteiros, e passou os últimos dois anos de vida gastando aquilo que tinha arrecadado nos anos áureos dos cangaceiros.

O pequeno grupo segue viagem, e, à altura da cidade de Barra do Mendes, pediram pouso na fazenda Pacheco. Passavam-se por romeiros em direção a Bom Jesus da Lapa, possivelmente seu destino final fosse o estado de Minas Gerais. Na época, Corisco já não lembrava nem de longe o estereótipo de guerreiro que havia adquirido nos anos de combate. Deficiente de ambos os braços em decorrência de ferimentos a bala, já sem a famosa cabeleira loira, era alcoólatra e tinha dificuldades para atirar.

De Patrocínio do Coité (Paripiranga), o Tenente Zé Rufino buscava rastrear o último grupo de cangaceiros que, de uma forma ou de outra, ainda perambulavam em liberdade. Perspicaz e incansável, o Tenente consegue pistas do possível paradeiro de Corisco. Naquela expedição chefiada por Zé Rufino, Liberino Vicente já gozava do posto de soldado efetivo da polícia baiana.

O grupo de 15 soldados chega à Fazenda Pacheco, onde Corisco e o restante do grupo estavam escondidos. Dadá é a primeira a perceber a chegada dos soldados e alerta Corisco que prontamente começa a atirar contra os policiais. Não foi uma luta justa, visto que Rio Branco e Florência estavam afastados e fugiram ao escutar os primeiros disparos. Corisco e Dadá enfrentam sozinhos o numeroso grupo de soldados enquanto a menina Zefinha se esconde embaixo da cama.

Em poucos minutos de ação efetiva, Dadá é baleada na perna e vai ao chão, gritando para que Corisco fuja, mas não houve tempo. Alvejado por uma rajada de metralhadora disparada pelo soldado Mulungu, Corisco cai com as vísceras à mostra. Estava mortalmente ferido, mas ainda respirava.

A fotografia abaixo foi feita momentos após o combate. Nela, não foi possível identificar Liberino, muito provavelmente pela sua baixa qualidade, Zé Rufino está ao centro e o segundo da direita para a esquerda é o soldado Mulungu.

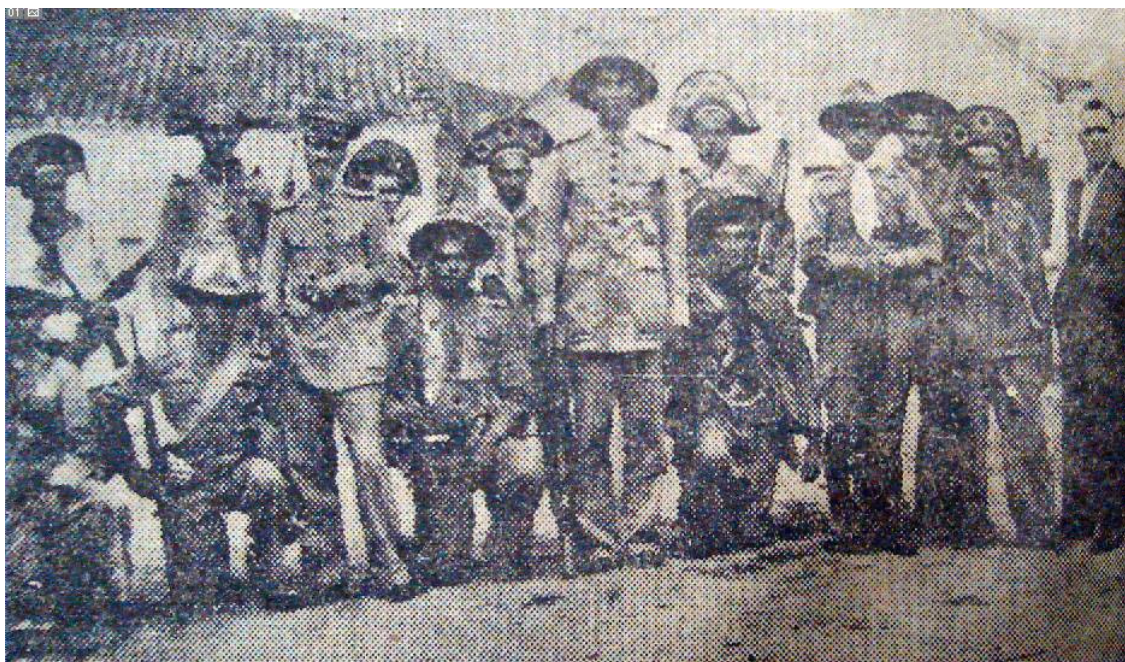


Imagem 5: Volante que matou Corisco
Fonte: Acervo pessoal de Kiko Monteiro.

Em entrevista concedida ao cineasta Glauber Rocha, realizada em Jeremoabo, nos anos 1960 e citada por Fontes (2010), Zé Rufino afirma que conversou com Corisco enquanto ele agonizava. Queria saber por que o cangaceiro não tinha simplesmente se entregado diante da evidente desvantagem. Indagação a qual Corisco teria respondido com essas palavras: “Não sou homem para me entregar, sou homem para morrer”.

De acordo com o pesquisador Robério Santos, em vídeo do seu canal (2019), o casal de cangaceiros feridos e a menina Zefinha são postos em um carro de boi e levados para a cidade vizinha, de Miguel Calmon. No trajeto, descrito posteriormente por Dadá, como uma viagem extremamente longa e dolorida, Corisco viria a morrer, cerca de seis horas depois de ser baleado. Ao chegar na cidade, Dadá é levada ao

hospital, onde tem sua perna direita amputada, e Corisco é sepultado no cemitério da cidade. De lá, Dadá e a menina Zefinha são postas em um trem e levados para Salvador. Dadá é presa e a criança mandada de volta para a casa dos seus pais.

Inusitadamente, nos anos posteriores, Dadá e seu algoz, Zé Rufino, desenvolvem um sentimento de respeito mútuo. Tanto é que, nos anos 1960 a ex-cangaceira visita o militar em Jeremoabo. Durante uma dessas visitas, ela relata que adquiriu um respeito pelo agora Coronel Zé Rufino, em decorrência das suas ações após o combate. Ele teria impedido que cortassem a cabeça de Corisco, algo muito comum naquelas ocasiões, e ainda garantiu que Dadá não fosse executada ali mesmo.

Essa informação é rebatida por alguém que estava presente e, de certa forma, promoveu o encontro entre Dadá e Zé Rufino, o Jornalista Huberto Mesquita (1990). De acordo com ele, na ocasião, Zé Rufino já estava muito debilitado e pediu perdão a Dadá. Diante do fato, a ex-cangaceira teria dito que sim. Ao sair da residência do agora Coronel Zé Rufino, Dadá teria confessado ao jornalista que não cabia a ela perdoar ninguém, demonstrando assim uma mágoa com o velho militar.

Aquele combate em Barra do Mendes entraria para a história como sendo o marco final do cangaço. Não está claro, dada a escassez de registros confiáveis, qual foi a participação do soldado Liberino na ocasião. Sabe-se, contudo, de acordo com depoimentos dele, ao longo da vida pós-cangaço, que estava presente e participou efetivamente da ação de fuzil nas mãos.



Imagem 12: Corisco agonizando

Fonte: Blog Lâmpião Aceso. Acessado em 20 de janeiro de 2022

CONCLUSÃO:

O cangaço foi um fenômeno tipicamente nordestino de banditismo social, com apogeu entre as décadas de 20 e 30, do século passado. O cenário nordestino desse período era tão trágico quanto o do advento do movimento de Canudos, décadas antes. A população faminta era encurralada entre a seca severa e os desmandos de coronéis que acumulavam poderes frente à negligência do Estado.

É nessa conjuntura de abandono que nordestinos aderem ao banditismo, passando a vagar pela caatinga, praticando toda sorte de barbaridades. Não é minha intenção, aqui, fazer juízo de valor dessas pessoas, mas analisar o processo de construção do fenômeno do cangaço.

Os cangaceiros tinham controversa reputação entre os sertanejos. Eram considerados bandidos sem princípios, por uns; e heróis cantados em verso e prosa, por outros. Fato é que o bando de Lampião, só pra ficar em um exemplo, atuou fortemente por mais de duas décadas, demonstrando a incapacidade do poder público de cercear as ações de grupos de cangaceiros.

Com a chegada à presidência da república do gaúcho Getúlio Dorneles Vargas, as ações de combate ao fenômeno se intensificam e o fim dos bandos de cangaceiros que varriam o sertão é traçado. De acordo com Chagas (2011), Getúlio assume o poder apoiado por parte das oligarquias urbanas e jovens oficiais. Era o fim da primeira república, e a sociedade clamava por mudanças como eleições limpas, isto é, o fim do voto de cabresto², por exemplo, e uma modernização do País, bem como a convocação de nova constituinte.

Tentando manter-se no poder, Vargas fez concessões e promessas, ganhando tempo para, em 1934, submeter o Brasil a uma constituição autoritária, mesmo sendo ele eleito Presidente após sua promulgação. Sempre equilibrando-se no poder, em 1937, ele assume de vez o posto de Ditador, implementando o Estado Novo.

O foco de Getúlio Vargas sempre foi o trabalhador urbano, sendo sua preocupação com o cangaço, um fenômeno regional aqui do Nordeste, diminuta. Entretanto, os descontentamentos da população com seu governo cresciam com as ações de imposição, não sendo abafados mesmo sob a intensa propaganda estadonovista.

Ainda de acordo com as ideias de Chagas (2011), a promotoria da cidade de Água Branca, em Alagoas, envia enérgica carta para Vargas, relatando a incapacidade das volantes dos estados nordestinos de capturar Lampião, símbolo maior do cangaço, e dar ponto final ao banditismo que manchava a reputação dos governos locais.

A reação do Governo Federal foi imediata, provocando um efeito cascata onde a pressão ao governo do estado de Alagoas levou à constrição do Diretor de Polícia do estado, o Major Lucena, que, por sua vez, convocou o tenente João Bezerra a trazer a cabeça de Lampião em um período de trinta dias.

Essa atitude, aqui contextualizada, e diversos fatores menores, levaram a ação policial que resultou no massacre de Angicos, de 28 de julho de 1938, onde morreram Lampião, Maria Bonita e outros nove cangaceiros.

A morte de Lampião, como dito acima, representa um marco na história do cangaço e é o começo do fim para o movimento. Prova disso é que naquele mesmo ano de 1938, diversos bandos como o de Zé Sereno, Balão, português e Pancada resolvem se entregar, assinalando que cangaço estava com os dias contados.

Finalmente, em 1940, ocorre o último combate entre militares e cangaceiros. Naquele conflito em que Corisco foi morto por uma rajada de metralhadora disparada pelo soldado Mulungu e Dadá foi gravemente ferida na perna direita, o fatimense Liberino Vicente estava presente e testemunhou o capítulo final do movimento cangaceiros após cerca de cinco décadas de combates sangrentos e terror no sertão nordestino.

BIBLIOGRAFIA:

CHAGAS, Maria Celina. **Comtismo, castilhismo e varguismo** | Locus: Revista de História.

FONTES, Holeone Coelho. **Lampião na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1988.

LIMA, Estácio. **O Mundo Estranho dos Cangaceiros**. Salvador: Alba, 2006.

MESQUITA, Humberto. **Eu estava no encontro de Dadá com Zé Rufino**. Youtube, 17 de maio de 2021. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ROiL8iYSeXQ&ab_channel=CanalHumbertoMesquita >.

NOGUEIRA, Aderbal. **Cangaço - Eu vi Corisco Baleado**. Youtube, 25 de maio de 2021. Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=hKLtixgTLOg&ab_channel=AderbalNogueira-Canga%C3%A7o >.

REIS, Moisés. **Fátima, Traços da Sua História**. Aracaju, Infographics, 2022.

SANTOS, Robério. **Onde Estava Corisco? | CNL | #372**. Youtube, 11 de setembro de 2019. Disponível em: <

https://www.youtube.com/watch?v=v9X0s2wYoEg&ab_channel=OCanga%C3%A7onaLiteratura >.

DOCUMENTOS SOBRE O CANGAÇO NOS ARQUIVOS DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA: VOLANTES, CANGACEIROS E CONFLITOS (1929-1940)

Raimundo José Rocha Marins¹

Andréa Reis de Jesus²

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo analisar uma parcela da documentação produzida pela Polícia Militar da Bahia durante o período em que esteve incumbida de combater o cangaço. O conjunto de fontes encontra-se no arquivo geral da referida instituição militar e é composto pelos Boletins Gerais Ostensivos, diversos boletins internos, como os boletins do Destacamento do Nordeste, das FONE (Forças de Operações do Nordeste). Para tanto, foram selecionados os documentos que registram aspectos da organização das volantes e dos confrontos com os cangaceiros, sobretudo a partir do primeiro embate com Lampião, em 1929, na cidade de Queimadas, até o confronto com Corisco, em 1940. Tal recorte temporal se justifica em razão do papel de liderança, no âmbito do cangaço, dos sujeitos históricos representados por Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) e Cristino Gomes da Silva Cleto (Corisco). A proposta teórico-metodológica desse trabalho consiste em analisar as fontes primárias cotejando com a bibliografia sobre o tema e a conceitualização pertinente ao campo historiográfico e arquivístico.

PALAVRAS-CHAVE: Polícia Militar; arquivo; cangaço; volantes.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar una parte de la documentación producida por la Policía Militar de Bahía durante el período en que fue responsable de combatir el cangaço. El conjunto de fuentes se encuentra en el archivo general de la mencionada institución castrense y está compuesto por los Boletines Generales Ostensivos, varios boletines internos, como los boletines del Destacamento Noreste, de la FONE (Fuerzas de Operaciones del Noreste). Fueron seleccionados documentos que registran aspectos de la organización de los volantes y de los enfrentamientos con los cangaceiros, especialmente desde el primer enfrentamiento con Lampião, en 1929, en la ciudad de Queimadas, hasta el enfrentamiento con Corisco, en 1940. Tal corte temporal es justificado por el papel de liderazgo, en el ámbito del cangaço, de los sujetos históricos representados por Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) y Cristino Gomes da Silva Cleto (Corisco). La conceptualización es pertinente al campo historiográfico y archivístico.

PALABRAS CLAVE: Polícia Militar; arquivo; cangaço; volantes.

¹ Graduado em História e Mestrando em Museologia pela Universidade Federal da Bahia.

² Graduada em História e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia.

INTRODUÇÃO

O arquivo da Polícia Militar da Bahia, importante repositório da história da instituição, tem sob sua guarda inúmeros documentos que registram diversos fatos fundamentais do processo histórico nacional e internacional, como a Guerra de Canudos e a Guerra do Paraguai. Entre os documentos mais valiosos encontram-se os registros da campanha do Estado baiano contra o cangaço, através da atuação da sua Força Pública.

As origens do Cangaço nos sertões do nordeste brasileiro remontam ao século dezenove, porém é somente no século vinte que esse fenômeno social ganhará ímpeto, a partir do surgimento de Virgulino Ferreira, o Lampião. Para o propósito desse artigo, cumpre demarcar que os registros da entrada de Lampião na Bahia nos arquivos da Polícia Militar são encontrados a partir de agosto de 1929, quando passou a ser uma preocupação para o governo do Estado, notadamente para a sua força policial. O intervalo entre o registro da presença de Lampião na Bahia e a morte de Corisco, em 1940, compôs um importante acervo que documenta a movimentação dos cangaceiros no Estado e, conseqüentemente, das medidas que foram tomadas para o seu enfretamento.

Essa trajetória de onze anos foi registrada nos Boletins Gerais Ostensivos³ e em diversos Boletins Internos, dentre estes, os boletins do Destacamento do Nordeste, das FONE (Forças de Operações do Nordeste) e dos Boletins Internos dos diversos Batalhões da PMBA que tratavam dessa problemática, em especial os boletins do 4º Batalhão, sediado até os dias atuais no município de Alagoinhas, em razão de abranger a região conflagrada.

Por meio do acervo do arquivo geral da Polícia Militar é possível, sobretudo, aproximar o público e os pesquisadores das fontes primárias sobre a história do Brasil e da Bahia produzidas pela polícia militar, através do registro sistemático de sua atuação em eventos significativos durante o período imperial e republicano. Nessa perspectiva, busca-se apresentar uma parte relevante desse acervo, especialmente a documentação relativa à repressão ao cangaço, grande parte dela selecionada, reunida e catalogada pela equipe da professora da prof^a dra. Alícia Duhà Lose, do Departamento de Letras da Universidade Federal da Bahia.

O cangaço é uma temática mundialmente conhecida e nacionalmente muito

³ Os Boletins Gerais Ostensivos (BGO) e os Boletins Internos Ostensivos (BIO) são os documentos oficiais que dão publicidade aos atos administrativos da Polícia Militar.

estudada e revisada por historiadores, cientistas sociais, jornalistas, dentre outros. Portanto, entendemos a relevância de apresentar fontes primárias constituídas pela polícia militar da Bahia, a partir do enfrentamento do banditismo no estado ao longo das primeiras décadas do século vinte. São fontes que se constituíram com o registro minucioso das ações que se desenvolveram e, que se desdobram para além da repressão ao banditismo nos sertões nordestino. Através dos documentos do acervo é possível ampliar a perspectiva sobre o fenômeno e levantar novas questões que auxiliam na compreensão dos sujeitos históricos e na análise do quadro social do período. Nesse sentido, buscaremos dialogar com estudos que possam ajudar a compreender tais eventos e introduzir novos debates, com ênfase na análise da atuação da força repressiva do estado no período.

O ARQUIVO DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA

A documentação produzida na Polícia Militar da Bahia remete a sua criação em 17 de fevereiro de 1825. O Corpo de Polícia, como foi então denominada a Polícia Militar, foi fundada no bojo dos desdobramentos da Independência da Bahia, em meio a uma conjuntura de consolidação da emancipação política, de turbulência social e motins de militares.

Na sucessão dos eventos que se seguiram à rebelião do 3º Batalhão de Caçadores, conhecida como Revolta dos Periquitos, sua dissolução e punição dos rebeldes, o governo imperial decidiu, através do o Decreto do Imperador D. Pedro I, datado de 17 de fevereiro de 1825, criar um Corpo de Polícia para substituir o batalhão insurgente na função de policiamento de Salvador (BORGES ET AL, 1975).

Assumiu como primeiro comandante geral, o Major Manuel Joaquim Pinto Paca, que havia se destacado no processo da Independência. O efetivo inicial contou com 238 homens e ficou aquartelado no Mosteiro de São Bento.

No decorrer da sua trajetória, a Polícia Militar da Bahia recebeu várias denominações e participou de diversos acontecimentos históricos na Bahia, no Brasil e, inclusive fora do país, como a Sabinada, Guerra Cisplatina, Guerra do Paraguai, Canudos, o Cangaço, a chamada Guerra Paulista de 1932, dentre outros. Atuou de várias formas e recebeu diversas competências e atribuições ao longo do Império e da República.

Na atualidade, a Polícia Militar exerce sua competência pautada pelo artigo

144 da Constituição Federal de 1988 que estabelece no inciso 5º: “Às Polícias Militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública” (BRASIL, 1988). Dessa longa trajetória produziu-se uma gama de documentos distribuídos pelas suas unidades, batalhões e companhias na capital e interior do Estado. No entanto, é no arquivo geral que se encontra o fulcro dos documentos que registram os principais acontecimentos da história brasileira e baiana, os quais contou com a participação efetiva da Polícia Militar da Bahia. O arquivo constituiu-se, assim, com a finalidade de abrigar os registros diários da rotina da caserna, de suas campanhas no enfretamento da criminalidade, das turbulências sociais e do policiamento das cidades baianas.⁴

Remonta à década de quarenta do século passado, a preocupação da instituição no que se refere à organização do arquivo tendo em vista atender às necessidades administrativas e de preservação dos documentos. O Boletim nº 283 de 1940 prescrevia as instruções para o funcionamento do Arquivo:

Arquivo da Polícia Militar, a cuja guarda ficarão os livros, documentos e mais papéis arquivados, encarregar-se-á também da organização do serviço especial de estatística da corporação, o qual obedecerá às regras definidas nestas “Instruções (BGO nº 238 de 31 de dezembro de 1940).

Entre os diversos documentos acumulados ao longo dos anos como manuscritos, datiloscritos, impressos, fotografias, gravuras e objetos de memorabilia, encontra-se um conjunto documental formado pelos Registros do Detalhe (Registros de Ordem do Dia ou Boletins Internos ou Ostensivos)⁵ que compõe o centro nevrálgico do acervo. São 216 volumes de Relatos do Detalhe, de 1859 a 1940, nos quais constam acontecimentos marcantes da história da corporação e, por intermédio dela, é possível observar parte significativa dos processos históricos desenrolados na Bahia, no Brasil e na América Latina.

Para sermos mais objetivos, cumpre esclarecer que os documentos aqui

⁴ A importância desse acervo foi reconhecida em 2017, quando concorreu e ganhou o Prêmio Memória do Mundo, oferecido pela UNESCO pelo reconhecimento do valor das obras contidas no acervo. O conjunto documental que foi apresentado para a candidatura é composto pelos Livros de Registro do Detalhe, que ao longo do tempo passou a receber outras denominações, tais como, Registros de Ordens do Dia, posteriormente substituído por outros tipos de documentos, os Boletins Gerais Ostensivos. No entanto, a designação de Registros do Detalhe é como são chamados estes documentos na instituição até os dias atuais.

⁵ A função dos Livros de Registro do Detalhe, ou Registro de Ordens do Dia ou Boletins Gerais Ostensivos ou Boletins Ostensivos Internos é apresentar em detalhes, os acontecimentos mais importantes ocorridos diariamente na instituição.

tratados são considerados como documentos de polícia, conforme definição de Bacellar (2005):

Sob a denominação de “polícia” estaremos considerando uma vasta variedade de documentos acumulados durante o Império e a República. São os acervos, de maneira geral, relativos à ação repressora do Estado, em que contravenções as mais diversas são enquadradas, com indivíduos capturados, julgados e presos. (BACELLAR,2005, 31)

No que se refere especificamente à polícia militar, tratam-se de boletins e relatórios de serviço, cujo conteúdo abrange todas as atividades executadas diariamente pela instituição, os quais podemos definir como um tipo documental originado na esfera administrativa a que serve, ou seja, “é o resultado de uma atividade administrativa de uma entidade (BELLOTO, p.355, 2014). São textos comprobatórios e informativos, cujo conteúdo versa sobre os mais variados assuntos referentes à rotina da corporação, desde a transferência, promoção e reserva de pessoal até o registro de inquéritos, dentre outros processos administrativos.

A partir da análise da configuração desses elementos, podemos afirmar que o arquivo da polícia militar é corrente e permanente e seus principais usuários são o público interno e externo, especialmente pesquisadores do campo da história militar, no entanto o seu acervo histórico é acessível ao público em geral.

Nos Livros de Registros de Ordens do Dia de 1869 a 1874, um exemplo de documento que pode ser encontrado é o registro de informações relacionadas à Guerra do Paraguai. São dados sobre o assentamento do Corpo Provisório da corporação para a Guerra do Paraguai; quantitativo de policiais do efetivo da Polícia militar baiana que foram para a guerra e quantos retornaram; como se portaram lá e quais mereceram castigos ou distinções.

O documento apresentado acima e outros que serão analisados ao longo desse trabalho fazem parte do acervo histórico da Polícia Militar e foram selecionados em função de apresentarem momentos significativos da história, os quais tivemos acesso em razão da nossa atuação profissional na coordenação dos documentos e da memória da instituição.

A produção e a divulgação desses documentos pela polícia são de grande valia

para a abordagem histórica, pois permite analisar tanto as ações preventivas e repressivas do Estado contra grupos e sujeitos considerados suspeitos, perigosos ou criminosos, quanto o perfil social dos sujeitos históricos. Nesse sentido, Bacellar ressalta que: “A documentação da própria Polícia, sob diversas denominações que o órgão teve ao longo do tempo, são bastante ricas e ainda muito pouco exploradas pelos historiadores” (Idem, p. 32).

Passadas quase duas décadas dessa observação de Bacellar, é possível afirmar que o campo de pesquisas sobre história militar se ampliou, bem como, o acesso às fontes, embora ainda esteja distante do ideal. Nos últimos anos, os simpósios nacionais e estaduais de História vêm contando com um número significativo de apresentações sobre história militar que tratam de vários aspectos do militarismo como instituições, sujeitos, guerras, escolas, política, dentre outros, resultantes das diversas pesquisas acadêmicas sobre a temática nas universidades brasileiras.

Diante do interesse dos pesquisadores sobre a história militar torna-se imprescindível o acesso aos arquivos das instituições militares, portanto, a divulgação desses valiosos acervos, necessariamente, representa um passo fundamental nesse sentido. Nessa perspectiva, apresentaremos algumas fontes sobre o cangaço.

FONTES SOBRE O CANGAÇO

O fenômeno social que corresponde ao banditismo nos sertões do nordeste entre meados do século dezenove até quase a primeira metade do século vinte, tornou-se mundialmente conhecido como “cangaço”. Não cabe aqui aprofundarmos a caracterização do que foi o cangaço, pois a historiografia, antropologia, a literatura, bem como, relatos televisivos e cinematográficos, dentre outros, já retrataram e analisaram muito bem o fenômeno. No entanto, entendemos ser necessário trazer algumas questões para a discussão

Dentre os elementos que compõem a história do nordeste brasileiro,⁶ pelas suas implicações na paisagem e na vida humana daquele local, dois merecem destaque: a seca e o cangaço. A seca, por se tratar de um fenômeno ainda presente no semi-árido baiano, com o qual a sociedade convive historicamente há séculos, repercutindo no ambiente natural e no quadro sócio-político. O cangaço, por ser um fenômeno

⁶ Ver a crítica feita por Durval Muniz de Albuquerque Júnior in: **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

multifacetado, que decorreu de causas sociais e econômicas e vinculou-se diretamente às paisagens físicas e culturais de onde brotaram e se desenvolveram, por força, também, das grandes secas que devastaram as precárias economias regionais, contribuindo para definir as especificidades sociais nos sertões.

Ao levantarmos o problema da seca, não é nosso objetivo reduzir a problemática do banditismo às questões naturais nem diminuir a importância desta para os fenômenos ocorridos no nordeste brasileiro entre os finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, sobretudo Canudos e o cangaço. Trata-se aqui de demarcar o cenário, o semi-árido baiano sob o domínio do cangaço, especialmente após a chegada do mais famoso deles, Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião”, à Bahia, em 28 de agosto de 1928, após fugir do confronto de Mossoró, no Rio Grande do Norte e ser perseguido por policiais de vários estados (CÉSAR, 2002.).

O termo “cangaço”, segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz (1977), teria sido utilizado pela primeira vez com o sentido atual já nas décadas de 1830 e 1840 pela população do sertão nordestino, de acordo com alguns estudiosos, ao passo que, segundo outros, essa designação era usada da forma corrente desde o século XVIII, ainda que a “função dos cangaceiros”, na época contratados pelos colonizadores, fosse a de perseguir índios.

Discussões atribuem a causas sociais o fenômeno do cangaço, associando-o a teoria do banditismo social, discutida na obra **Bandidos** (1975), de Eric Hobsbawm. Para este autor, os “bandidos sociais” permaneceriam dentro da sociedade camponesa e seriam admirados e respeitados pela população pobre, que os consideraria heróis, vingadores, justiceiros e até líderes de sua libertação, desse modo oferecendo-lhes seu apoio. Seriam vistos como símbolos do protesto social, já que lutavam contra os inimigos de classe dos camponeses: o Estado e os “senhores”, ou seja, os potentados rurais. Em outras palavras, esses bandoleiros compartilhariam valores morais e a mesma visão de mundo de suas comunidades e se tornariam foras da lei em defesa delas: um protesto social de caráter pré-político e inconsciente.

De qualquer modo, o cangaço teve várias lideranças, sendo algumas delas citadas por Luiz Bernardo Pericás (2010): Jesuíno Brilhante, Antonio Silvino e Sinhô Pereira. Esses líderes cangaceiros vinham de famílias tradicionais e respeitadas em suas regiões e poderiam ter percorrido uma trajetória mais confortável que a maioria dos sertanejos. Isso leva a crer que ingressaram no cangaço por disputas e vinganças familiares. Foi esse motivo, aliás, que levou Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) a se

incorporar, junto com dois dos seus irmãos, ao bando de Sinhô Pereira, vindo pouco depois a liderar seu próprio bando e tornar-se a figura de maior destaque no cangaço.

A popularidade que os atos de Lampião deram ao cangaço acabou por mobilizar a sociedade da época, que passou a pressionar o poder público em virtude do pavor que tal fenômeno lhe despertava (BONFIM, 2007). Nesse sentido, no bojo das transformações oriundas da Revolução de 1930 e da consolidação do estado com Getúlio Vargas alçado ao poder em nível nacional, forças políticas locais se reestruturaram a partir da interventoria de Juracy Magalhães e as ações que objetivavam extinguir de uma vez por todas o banditismo no nordeste brasileiro foram intensificadas. Assim, no contexto das diversas estratégias tentadas pelo governo do Estado da Bahia no combate ao cangaço, entre os anos de 1928 e 1940, cumpre destacar o papel desempenhado pelas volantes.

Em decorrência de um acordo firmado pelos estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e Sergipe, as investidas policiais contra o cangaço, durante o ano de 1927, foram intensificadas e quase dizimaram os bandos cangaceiros, fazendo com que suas atividades cessassem por algum tempo, dando à polícia a ilusão de que a tranquilidade dos sertões havia sido alcançada. Tal ação favoreceu a que Lampião e seu bando conseguissem burlar o forte policiamento estabelecido nas divisas e penetrasse na Bahia sem maiores dificuldades, aparecendo pela primeira vez neste estado em agosto de 1928 (BORGES et al, 1975). Com as notícias sobre esse acontecimento, a polícia percebeu que a estratégia do convênio havia falhado e deslocou suas forças para a captura do cangaceiro, passando a enfrentar uma das missões mais árduas da sua história.

As volantes foram forças especiais criadas pelas policias estaduais em virtude do agravamento do problema do cangaço, a fim de combatê-lo. Tais forças foram comandadas por policiais de carreira e militares do Exército, estes de forma comissionada. Essa característica torna-se marcante após o advento da Revolução de 1930. Em 1932, mais de duas dezenas de militares do Exército foram comissionados como oficiais para servir nos combates nas caatingas nordestinas.

Entre os integrantes das volantes, também se destacavam os "soldados" temporários (conhecidos igualmente como contratados, provisórios, "cachimbos" e outros), que eram recrutados observando-se diferentes critérios. Desse modo, é possível verificar nos boletins que registraram a rotina dessas forças de operações, a importância dada ao contratado, que reunia habilidades de rasteador, dentre outras habilidades naturais imprescindíveis ao desempenho das forças volantes.

O sistema de tropas volantes adotado pela polícia, “a despeito da inexistência de um centro de operações na região, provou-se o mais indicado para a perseguição e combate ao bando de Lampião” face à extrema mobilidade desenvolvida pelos cangaceiros nos seus ataques (BORGES et al, 1975, p. 141). Inicialmente, como observam os supracitados autores, o sistema de emboscadas, outra das táticas dos bandidos, compensava-lhe a inferioridade numérica (no encontro com volantes maiores) e determinava um alto índice de perdas de vidas dos integrantes das forças policiais. Registra-se que das 24 volantes que foram organizadas nos dois primeiros anos de combate ao banditismo (1929/30), algumas foram completamente dizimadas.

Cumprе ressaltar que a exposição da tropa às dificuldades do terreno, especialmente hostil aos agentes oriundos dos centros urbanos mais afastados da região, transformava-os em alvo fácil a enfermidades de toda a sorte, motivo pelo qual campanhas de vacinação foram empreendidas em oposição a inúmeras doenças, de acordo com o que se observa, por exemplo, no boletim da Força Pública de maio de 1932.

A literatura, no que diz respeito às volantes, observa que os métodos de atuação de tais soldados, especialmente em relação à população pobre sertaneja, era muito semelhante, às vezes pior, do que os utilizados pelos próprios cangaceiros. Abordagem em igual sentido foi feita por Pericás (2010).

Pelo exposto, é possível vislumbrar quadros após a passagem de certas volantes, nos quais se viam, mutilações e até mortes. Segundo Oleone Coelho Fontes (2001, p. 293), “muitas ordens para que suspeitos de darem coito a Lampião fossem tratados com rigor eram oriundas da própria chefia de polícia em Salvador”. Este mesmo autor define as características dos soldados que compunham as volantes que caçavam Lampião, como: com poucas exceções, eram analfabetos, e haviam se formado em meio a uma sociedade constitucionalmente violenta; a brutalidade estava no sangue, não conheciam senão formas brutais de fazerem aquilo que consideravam justa; quando ingressavam na polícia não recebiam qualquer instrução, além das táticas de perseguição assimiladas no cotidiano das caatingas; se o treinamento dos soldados da força regular já era curto, o dos provisórios era nenhum.

Ainda que se empreendessem campanhas para instrução continuada à tropa, como aquela direcionada à erradicação do analfabetismo encetada no segundo semestre de 1932 (BGO PMBA, 1932), tais medidas não produziram efeitos consideráveis a ponto de modificarem substancialmente o quadro de alfabetização das tropas.

Com tais características, não é de se estranhar que as tropas volantes fossem descritas como reuniões de homens “selvagens”, a exemplo de Optato Gueiros (apud FONTES, 2001, p. 294), oficial alagoano, que declarou:

Comandei verdadeiras feras. Tínhamos o direito, às vezes, de alistar civis sertanejos, que depois, apesar de serem efetivados como soldados, nada conheciam da disciplina, nem qualquer outra instrução, a não ser o manejo do fuzil, para atirar. Uma tropa, composta dessa gente, naqueles tempos, só não era mesmo cangaceiro porque não se consentia que matassem e furtassem, mas o desejo de fazer isso alguns deles tinham.

A mesma opinião era compartilhada por um oficial baiano (Idem, ibdem). Isso possivelmente explica porque a polícia dispunha de tão exíguas informações para dar arrojado combate aos cangaceiros.

Por outro lado, o banditismo continuou crescendo, e o governo da Bahia, então representado por Vital Soares, invocando os termos do Convênio formado com os estados vizinhos, propôs a “organização de um destacamento único, constituído por frações das forças policiais dos quatro estados interessados na campanha, sem subordinação, porém, de qualquer natureza, aos comandantes das polícias das quais provieram” (BORGES ET AL, 1975, p. 142).

A despeito do grande número de praças e da frequência com que eram enviados à região, o combate ao banditismo, realizado assistematicamente, sem qualquer estratégia global de ação, não poderia alcançar maiores êxitos, e ao contrário, essa atuação descontínua no tempo e no espaço, oferecia ao bando oportunidades de reorganização e expansão.

De acordo com Fontes, para conferir às forças maior sentido de unidade e possibilitar uma ação conjunta, mediante a definição de estratégias e táticas de ataque organizadas, “o governador Vital Soares enviou para a região uma comissão especial, composta de 120 homens, comandada pelo coronel da Polícia Militar Terêncio dos Santos Dourado” (2001, p. 296), com a missão de estudar a situação e organizar as forças que ali atuavam.

Do trabalho do Coronel Terêncio, resultou a criação das Forças em Operações no Nordeste (FONE) e a divisão da área “em seis regiões ou grupos de destacamentos, com sedes em Bonfim, Juazeiro, Uauá, Tucano, Jeremoabo (sede do Comando) e Santo Antonio da Glória e mais um Destacamento Volante” (Borges, 1975, p. 142), de maior mobilidade, para atendimento mais rápido às localidades atacadas. Foi assim que,

segundo esses autores, no ano de 1932, no auge de uma das maiores estiagens de que se tem notícia no Nordeste, o efetivo das FONE somava 1.170 (um mil, cento e setenta) homens, aumentando com o passar do tempo na medida que o desafio se avolumava.

Como se pode observar, as volantes mereceram atenção especial nas lutas contra o banditismo pelas caatingas sertanejas. Diante disso, passaram a constituir grupos destacados das formações da tropa. Conforme podemos vislumbrar até o momento, nenhum organismo montado pelo poder estatal esteve tão próximo dos cangaceiros como o dos integrantes das volantes, mesmo que os combatendo e estabelecendo verdadeiras micro relações de poder na região. Suas atuações produziram personagens, a exemplo do coronel José Osório de Farias, o temido “Zé Rufino”, que empreendeu o último combate contra corisco e o próprio coronel Felipe Borges de Castro, que participou ativamente, inclusive pelo viés humanístico, das ações desenroladas no palco dos acontecimentos, chegando a elaborar um plano de estruturação das regiões atingidas, com especial direcionamento às crianças, cujas infâncias foram marcadas pelas aterrorizantes pejejas travadas entre os grupos antagônicos de então (BGO PMBA, 1940).

Nesse sentido, fontes encontradas no arquivo da Polícia Militar da Bahia revelam tanto a preocupação do governo do estado baiano, como suas iniciativas de combate ao banditismo. Revelam ainda o movimento dos cangaceiros pelo território e diversos fatos relacionados às volantes e às comunidades afetadas pela passagem dos bandoleiros.

Uma das ações mais importantes de combate ao cangaço foi o implemento e a modernização das comunicações. Em um relatório do oficial da central de radiopatrulha encontra-se descrita como ocorreu o planejamento para o incremento e implantação das estações de comunicação policial:

O Serviço Radiotelegráfico do Estado da Bahia foi criado por ato do Governo, em janeiro de 1930, atendendo necessidades imperiosas da campanha contra o banditismo no Nordeste, em cuja região perdurou por muitos anos, praticando toda a sorte de infâmias e atrocidades, a horda sinistra dos famigerados asseclas da época, chefiados por Virgulino Ferreira, o Lampeão, muito bem classificados de “almas de lama e de aço”[...] Por conseguinte, teve início este eficiente serviço com a instalação de três estações apenas, que logo entraram em funcionamento, sob entusiasmo geral, contempladas as cidades de Bonfim (então posto de concentração das forças em operações), Uauá e Jeremoabo, de sorte que, em outubro do mesmo ano, verificou-se a instalação da estação central [...] no antigo edifício da Secretária de Segurança Pública neste mesmo local do atual, contando-se até aquela data quatro estações. Foi assim mais engrandecimento para a então

Polícia Militar (atual Força Policial) a adoção de tão utilíssimo Serviço, com a conseqüente organização do quadro de pessoal, constituído de militares, que, como o foi, continuou a disposição da Secretária de Segurança Pública. (OLIVEIRA, 1945: 1).

A implantação do serviço exigiu um efetivo qualificado para atuar nas comunicações, bem como, o implemento de recursos financeiros para comprar armamentos, equipamentos de radiotelegrafia, contratação de pessoal e manutenção das tropas, pois já em janeiro de 1929 ocorriam os primeiros embates entre o grupo de Lampião e a força policial, como podemos observar no documento a seguir:

O Sr. Cel. Cmt. Geral da Força, em seu boletim de ontem, louva ao segundo Sargento desta Unidade, de nº 14, Manoel dos Santos Vieira, pelo motivo heroico com que se portou, na manhã de 7 do corrente no encontro que teve com o célebre bandido “Lampeão”, no lugar (sic) denominado Abóboras, município de Jaguarary, demonstrando dest’arte o aludido sargento a sua incontestável bravura no mencionado combate de que cahiu ferido com mais alguns companheiros. Este comando ufanando-se louva também, ao referido inferior, que sem medir sacrifícios de vida soube honrar a farda que veste e as tradições gloriosas das nossa milícia. Confiando no brio dos meus comandados, espero que tenham idêntico procedimento todas as vezes que preciso for a sua acção em emergências tais. (BIO/nº 10 de 10/01/1929).

Observa-se nesse relatório que a fama de Lampião já havia se espalhado e que este já era bastante temido, uma vez que o autor do texto se refere ao cangaceiro como célebre, bem como, exalta a coragem do sargento que o enfrentou como um verdadeiro feito heroico.

É possível observar também, em um boletim de novembro do mesmo ano, o fato relativo a uma emboscada que sofreu um dos contingentes das volantes, resultando em um policial morto e outro ferido gravemente. Segundo o relato, o combate ocorreu “[...] nas caatingas, entre o Arraial de Bonfim e o de Várzea da Ema, no lugar denominado Lagoa do Mary, que dista daquele 4 legoas e 5 do Município de Uauá” (BGO nº 306 de 02 de novembro de 1929).

A partir desses combates iniciais, a polícia vai começando a entender as táticas do inimigo, a atuação dos coiteiros, suas técnicas de confronto e passa a empregar todos os esforços no sentido de capturar Lampião e dizimar o banditismo, como explica Fontes (2001): “A força pública não dá trégua aos bandoleiros [...] num dos mais exaustos exercícios a que é submetida”. (p. 59).

Exaustivos combates ocorreram nos anos seguintes até a morte de

Lampião, em Sergipe, no ano de 1938. No entanto, somente em 1940 travou-se o grande confronto final contra o cangaço, no qual foi morto Corisco e efetuou-se a prisão de sua companheira, Dadá. Vale a pena transcrever o ofício que descreve em detalhes o confronto e a prisão dos cangaceiros:

Honrados pela vossa confiança e do Exmo. Sr. Dr. Urbano Pedral Sampaio Secretario de Segurança Publica deste Estado para na qualidade de comandante da D-NE e de Delegado Especial do Nordeste, dirigimos a campanha contra o Banditismo, que como praga maldita assolava aquela região do nosso Estado e os de Pernambuco, alagoas e Sergipe, há uma quartel do século, vimos, no momento, relatar a última diligencia que teve como feliz resultado a extinção total do Banditismo, com a morte do famigerado bandoleiro Cristino Gomes da Silva, Vulgo “Corisco” e a prisão de Sergia Maria de Jesus conhecida por Dadá, companheira do referido bandoleiro, a qual pela coragem e sangue frio demonstrando nas lutas, si tornara tão ou mais respeitada e temida que o próprio “Corisco”. (CASTRO, p. 277-278, 1940)

No dia dezanove de março de 1940, do quartel situado na cidade de Paripiranga, o comandante das forças de Destacamento do Nordeste, por meio do mesmo ofício, enviava ao comandante geral da Força Pública as seguintes informações:

Para o devido conhecimento, cientifica-se que:

[...]

b) - que o Sr. 2º Ten. José Osorio de Farias, apresentou parte do combate no qual foi abatido o bandido Cristino Gomes da Silva, vulgo “Corisco” e capturada Sergia Maria de Jesus, vulgo “Dadá”, mulher de Corisco, apreendendo em poder dela a menor Josefa Erondina de Almeida, de doze anos presumíveis, filha de Braz Francisco de Almeida, residente em Bebedouro, Município de Geremoabo. (BGO, nº129, p. 277, de 16/07/1940)

Ainda no mesmo ofício, o capitão informa que o corpo de Corisco fora transportado para a cidade de Djalma Dutra e que Dadá fora entregue aos cuidados médicos, pois recebera um tiro no pé e , em razão do ferimento, precisou amputar a perna. Em seguida, apresenta a relação de objetos em poder do casal de cangaceiros, como um parabélum caibre 7mm., uma pistola, dois punhais, além de outros objetos, como jóias e brincos de ouro, inclusive cinco burros, que deveriam ser entregues ao delegado responsável pela região.

Ainda nos boletins de abril e maio de 1940 foram feitos registros de prisões. Em 1 de abril constam a apresentação da noite anterior dos seguintes cangaceiros:

Angelo Roque, conhecido como “Labareda”, Benício Alves dos Santos, o “Saracura”, Raimundo da Silva, o “Jandaia”, Antonio Pedro da Silva, “Patativa” e quatro mulheres que os acompanhavam. No mesmo relatório há descrição dos objetos e armas apreendidos com os homens capturados. Com o cangaceiro Labareda, por exemplo, foi encontrado um mosquetão “M”, modelo 1922, 193 cartuchos modelo 1908, um bernal, duas cartucheiras e um cantil.

Os relatórios sobre o cangaço não somente descrevem as lutas, as questões técnicas e administrativas da Polícia Militar no enfrentamento ao banditismo na Bahia. É possível analisar as condições das comunicações, das estradas que ligavam as cidades do estado, os problemas sociais e econômicos que grassavam a Bahia no período, como a seca e a fome.

Um escrito em particular chama atenção pela denúncia que fez relativa à situação de abandono dos sertões baianos. Trata-se da leitura que o Capitão Felipe Borges de Castro faz, em 1940, após a extinção do grupo liderado por Corisco, das condições sociais da população sertaneja e a sua reflexão sobre as causas do banditismo na região. Para o comandante das forças de repressão do cangaço, na ausência de políticas públicas, a penúria econômica e social conduzia os jovens sem perspectivas a aderir aos bandos de cangaceiros. Para ele, são as condições climáticas opressivas, representadas pela seca, uma das causas para a criminalidade. No entanto, suas reflexões se concentram em causas mais profundas e estruturais: “Não há escolas, nem oficinas, nem arado. Ali só o bacamarte”. (Idem, p.276).

Dessa observação do comandante das forças de operações, podemos depreender todas as dimensões que as fontes trazem para compor um quadro mais abrangente sobre o cangaço, sobretudo no que se refere às condições sociais da população que se encontrava distante dos grandes centros urbanos no período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se apresentar neste artigo algumas fontes que podem ser encontradas no arquivo da Polícia Militar da Bahia. Tocou-se em alguns aspectos, sobretudo os documentos sobre o cangaço e, ainda assim, não foi possível abordar em profundidade os assuntos que tais fontes trazem. São informações detalhadas sobre as transferências de policiais para as volantes, recursos financeiros e bélicos empregados, policiais ou cangaceiros feridos, equipamentos, munições e armas apreendidas, a

questão disciplinar, inclusive narrativas sobre os confrontos entre cangaceiros e volantes, compra de uniformes e contratação de efetivo, dentre outros. Nesse sentido, buscou-se divulgar uma parcela do acervo documental produzido no âmbito da Polícia Militar da Bahia que agrega quase dois séculos de história.

Os documentos que compõem o acervo da força policial do estado da Bahia são manuscritos e datiloscritos originais, únicos, que revelam momentos históricos, nos quais a Polícia Militar da Bahia, em conjunto com o Exército e a Guarda Nacional, atuou. São documentos que relatam perspectivas diversificadas sobre os eventos, à espera da crítica historiográfica para alimentar futuras pesquisas nas mais diferentes áreas de produção do conhecimento.

Em razão da necessidade de espaço, atualmente o arquivo geral da polícia militar baiana ocupa um andar de um prédio localizado no bairro do Comércio, em Salvador, e passa por uma grande reforma na estrutura física, de modo a permitir uma melhor conservação do seu acervo e, conseqüentemente, ampliar o atendimento ao público.

Assim, na iminência de completar duzentos anos de criação em 2025, a Polícia Militar da Bahia vem buscando preservar sua história, seja através da criação de espaços de memória da instituição, como a inauguração em fevereiro de 2022 do Museu Siegfried Frazão Keysselt, seja através da conservação, reestruturação e divulgação do acervo do seu arquivo histórico.

FONTES

BAHIA. Polícia Militar da Bahia. **Boletim Interno Ostensivo nº10 de 10/01/1929**. In: Centro de Documentação e Memória da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 1929

BAHIA. Polícia Militar da Bahia. **Boletim Geral Ostensivo nº 238 de 31 de dezembro de 1940**. Salvador, 1940.

BAHIA. Polícia Militar da Bahia. **Boletim Interno Ostensivo nº 43 de /01/04/1940**. In: Centro de Documentação e Memória da Polícia Militar da Bahia. Salvador. Salvador, 1940.

CASTRO, Felipe Borges de. Relatório de Serviço de 15/07/1940. In: Centro de Documentação e Memória da Polícia Militar da Bahia. Salvador. [Inserir o ano e especificar que tipo de relatório].

OLIVEIRA, Flaviano de. **Relatório das atividades durante o ano de 1955**. Salvador:

Serviço de Radiocomunicação, Salvador, 1955.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**: São Paulo: Contexto, 2005.

BELLOTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos; estudos e reflexões**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 1 jan. 2022.

BONFIM, Luiz Ruben F. de A. **Lampião e os interventores**. Paulo Afonso: Graf Tech, 2007, v. II.

BORGES, Alberto Salles Paraíso; UZEDA, Bernardino José de Carvalho; SILVA, Antonio Vital da; BRITO, Gesivaldo Nascimento; SANTOS, Augusto Flávio; OLIVEIRA, Dilton Dimas de; GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. **150 anos da Polícia Militar da Bahia**. Salvador: EGBA, 1975.

CÉSAR, Elieser. **O coronel da Chapada. Bahia**. Salvador: Empresa Baiana de Jornalismo, 2002.

FONTES, Oleone Coelho. **Lampião na Bahia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

HOBSBAWM, E. J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

JESUS, Andréa Reis de. **Da volante à radiopatrulha: as comunicações na Polícia Militar da Bahia (1930-1967)**. In: XVIII Encontro de história da Anpuh-Rio: História e parcerias. Anpuh, RJ, p. 1-14. Anais eletrônicos. Disponível em: <https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/> Acesso em 15 de março de 2020.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os cangaceiros**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. Salvador: Edufba, 2001.

MELQUÍADES PINTO PAIVA (1930-2021): CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA NATURAL E SOCIAL DOS SERTÕES¹

Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá²

RESUMO

Esse artigo trata das contribuições de Melquíades Pinto Paiva para a história natural e social dos sertões brasileiros, destacando o diálogo entre as ciências naturais e humanas na construção do discurso narrativo sobre a presença dos naturalistas e do fenômeno do cangaço na história do Brasil. No campo das ciências naturais, o pesquisador desenvolveu relevantes pesquisas na área de zoologia, da ictiologia e da biologia marinha, tendo reconhecimento internacional e nacional. Por meio da pesquisa bibliográfica, trataremos aqui da sua atuação, como historiador diletante, em instituições vinculadas à cultura histórica, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto do Ceará, escrevendo artigos e livros relacionados aos mencionados temas, motivados pela condição de nordestino e sertanejo em sua busca identitária, em um amalgamento entre território e identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Melquíades Pinto Paiva; Nordeste Brasileiro; Naturalistas no Brasil; História do Cangaço.

ABSTRACT

This article deals with the contributions of Melquíades Pinto Paiva to the natural and social history of the Brazilian backlands, highlighting the dialogue between the natural and human sciences in the construction of the narrative discourse on the presence of naturalists and the phenomenon of cangaço in the history of Brazil. In the field of natural sciences, the researcher developed relevant research in the area of zoology, ichthyology and marine biology, with international and national recognition. Through bibliographical research, we will deal here with his performance, as an amateur historian, in institutions linked to historical culture, such as the Brazilian Historical and Geographical Institute and the Ceará Institute, writing articles and books related to the mentioned themes, motivated by the condition of northeastern and sertanejo in his search for identity, in an amalgamation between territory and identity.

KEYWORDS: Melquíades Pinto Paiva; Northeast Brazil; Naturalists in Brazil; History of the Cangaço.

¹ Comunicação apresentada no debate virtual MELQUÍADES PINTO PAIVA (1930 – 2021) – “O homem, o intelectual e o cangaço” (Live in memoriam), organizado pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha/TV UNEB (17 de novembro de 2022). Esse texto é dedicado à professora Luitgarde Barros pelas inúmeras contribuições aos estudos sobre os sertões brasileiros.

² Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Doutor em História pela Universidade de Brasília. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6496-4456>. E-mail: fernandosa@academico.ufs.br

*Sou sertanejo e faço questão de declarar minha condição de sertanejo.
E digo mais: sou índio Cariri.*

Melquíades Pinto Paiva (2018)

Nascido em Lavras da Mangabeira (CE), em 1930, Melquíades Pinto Paiva construiu sólida carreira acadêmica no campo das ciências naturais, ao longo de mais de cinquenta anos em diferentes universidades brasileiras, tendo reconhecimento internacional, por sua vasta produção intelectual e desempenho técnico-profissional. Paralelamente, como historiador diletante, atuou em instituições vinculadas à cultura histórica, como, entre outras, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto do Ceará e Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, dissertando sobre o papel dos naturalistas do século XIX para o desenvolvimento científico no Brasil, ao mesmo tempo em que redigia trabalhos sobre o cangaço.

Esse artigo destaca como a condição de nordestino e sertanejo norteou essa produção voltada à história, como fica evidente em entrevista registrada, em 2016, por Rogério Faria Tavares, quando o professor afirmou que nunca deixou de “ler e estudar sobre o Nordeste”, pois “o sertão sempre esteve dentro de mim”. Para ele, seu melhor livro é *Nordeste do Brasil: terra, mar e gente*, escrito após cuidadosa leitura bibliográfica, mas principalmente pelo “contato e convivência com pessoas muito importantes, como o Thomaz Pompeu Sobrinho, o Câmara Cascudo, Rachel de Queiroz, Patativa do Assaré” (TAVARES, 2018: p. 552 e 557).

Essa preocupação de afirmação identitária pode ser encontrada no artigo escrito sobre a presença dos intelectuais cearenses no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nos séculos XIX e XX, a partir dos seis volumes do *Dicionário biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros*, destacando-se Clóvis Beviláqua (1859–1944), Djacir Lima de Menezes (1907–1996), Guilherme Chambly Studart (Barão de Studart) – (1856–1938), Gustavo Dodt Barroso (1888–1959), João Capistrano Honório de Abreu (1853–1927), João Franklin da Silveira Távora (1843–1888), entre outros (PAIVA, 2011: p. 33). Essa busca identitária também demarcava a presença de naturalistas no Nordeste, os cientistas no IHGB e as primeiras organizações científicas brasileiras (TAVARES, 2018: p. 552).

Parte significativa de sua produção no campo da história se concentrou na contribuição de naturalistas nacionais e estrangeiros para o desenvolvimento científico

no Brasil, especialmente, ao longo do século XIX. Em palestra, proferida no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), sobre os naturalistas que estudaram a Velha Bahia, assim definiu o naturalista: “todo aquele que se dedica às ciências da natureza, com maior ou menor grau de especialização, mas sempre com uma visão global e integrada dos fenômenos naturais” (PAIVA, 2012: p. 180).

Entre os intérpretes da natureza baiana, o pesquisador ressaltou as contribuições dos cronistas coloniais, como Pero Vaz de Caminha, José de Anchieta e Gabriel Soares de Souza, passando pelo médico e político Francisco Agostinho Gomes, que possuía um museu de História Natural, em Salvador, o príncipe de Wied-Neuwied, Maximilian Alexander Phillip, cujos relatos sobre sua viagem aos trópicos tornaram-se indispensáveis para o estudo da natureza brasileira.

Dos viajantes estrangeiros do século XIX, os livros de Alcides D. d’Orbigny, Robert Ave-Lallemant, Ferdinand Maximilian von Habsburgo, George Gardner e Louis Agassiz foram, brevemente, comentados, destacando-se a expedição de J. B. von Spix e K. F. P. Von Martius pela enorme contribuição para o estudo da fauna nordestina. Sobre o rio São Francisco, as contribuições de Charles F. Hartt, especialmente sobre a ictiofauna do baixo São Francisco, Richard Francis Burton, Franz Steindachner e John D. Haseman foram relevadas pelo professor (PAIVA, 2012: p. 185 e seguintes).

Também intelectuais nacionais, como Euclides da Cunha e Theodoro Sampaio, foram lembrados pela contribuição para o conhecimento dos sertões baianos, mas, para ele, os “grandes conhecedores das águas e terras da Bahia são os seus pescadores e sertanejos, gente rude com o saber das coisas vividas” (PAIVA, 2012: p. 192)

Em 2017, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*, o pesquisador analisou, em coautoria com Hiroshi Nomura, a presença dos naturalistas-viajantes no Museu Nacional, evidenciando o predomínio dos estrangeiros no cargo, “com cinco alemães e três franceses. Apenas três brasileiros foram contratados e dois não tiveram a nacionalidade(s) conhecida(s)”. Para eles, esses dados demonstravam “a importância da Alemanha e, secundariamente, a França, nos campos das ciências naturais no século XIX”. Em termos de profissões e especialidades, os autores verificaram a “predominância de naturalistas-viajantes formados na área de saúde (médicos, farmacêutico e veterinário), bem como as especialidades em botânica e zoologia” (PAIVA e NOMURA, 2017: p. 151 e 153).

Essas reflexões foram ampliadas e sistematizadas no livro *Alguns Naturalistas Ilustres no Brasil (Século XIX)*, quando, a partir do acervo do Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro, produziu ensaio biobibliográfico dos naturalistas vinculados à instituição, realçando a contribuição do sócio Rodolfo Augusto de Amorim Garcia (1873-1949) para o conhecimento das explorações científicas no Brasil.

Sobre Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), Paiva afirmou que nada “lhe foi estranho ou desprezível”, com relação aos aspectos naturais e culturais do Brasil, defendendo a “natureza dos biomas visitados, em virtude de continuadas agressões antrópicas”. Conservacionista militante, ele aproximou-se das assertivas do naturalista francês quanto à condenação do desmatamento generalizado, as práticas de mineração do ouro e as inadequadas práticas agrícolas. Não esquecendo-se da sua relevante contribuição para o conhecimento da flora brasileira, pois, além “de haver fornecido abundante material para a *Flora Brasiliensis*, ele descreveu mais de 1.000 espécies novas, e reviu conhecimento já existente” (PAIVA, 2018: p. 16, 20 e 29).

O escritor cearense considerou Francisco Freire Allemão de Cisneiros (1797-1874) como o maior botânico do século XIX, pela produção volumosa sobre “gêneros e espécies novas ou poucos estudadas, além do trato de temas diversos, relacionados com a biologia e usos de plantas”. Sua correspondência com Karl F. Von Martius, entre os anos 1844 e 1867, e Auguste de Saint-Hilaire, em 1851, demonstrava o “valor e o apreço que merecia da parte de tão importantes naturalistas do século XIX” (PAIVA, 2018: p. 37 e 38).

Em 1850, participou da criação da Sociedade Velosiana do Rio de Janeiro, em homenagem a frei José Mariano da Conceição Veloso, e da Palestra Científica, entidades que, apesar da curta duração, representaram tentativas de organização da comunidade científica. Também presidiu a Comissão Científica de Exploração, que viajou pelos sertões do Ceará nos anos de 1859 e 1861, quando foram registrados os hábitos, documentos antigos, plantas, animais e ainda exploraram montanhas e grutas do interior do Ceará e as serras na fronteira com o Piauí e Pernambuco (KURY e SÁ, 2012: p. 266).

Da obra *Viagem pelo Brasil*, escrita por J. B. Von Spix e Von Martius, cujos três volumes registraram suas impressões sobre os sertões brasileiros, o autor dedicou observações sobre o universo sanfranciscano, cuja “abundante e diversificada fauna, incluindo animais de maior porte”, foi registrada pelos naturalistas. Além da descrição da *flora brasiliensis*, o livro também registrou a “vida social e cultural das tribos encontradas, as migrações e as guerras” (PAIVA, 2018: p. 55 e 50).

Peter W. Lund (1801-1880) foi retratado como o pai da paleontologia brasileira pelas suas pesquisas realizadas em Lagoa Santa (MG), durante 1835 e 1845, quando encontrou, no início dos anos 1840, “fragmentos fósseis humanos, inclusive crâneos completos, comprovando a contemporaneidade do homem pré-histórico com os grandes mamíferos extintos”, derrubando “o paradigma do catastrofismo”, defendido por Georges Cuvier (1769-1832) (PAIVA, 2018: p. 68).

Para ele, o livro de Maximilian Von Wied-Neuwied (1782-1867) “ainda hoje [é] indispensável a todos os estudiosos de nossa história natural”, por ser “do mais alto interesse biogeográfico”. Do ponto de vista etnográfico, são relevantes “as observações pioneiras e bem detalhadas sobre os índios botocudos do Espírito Santo” (PAIVA, 2018: p. 79).

Como chefe da Expedição Nathaniel Tayer, Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873) conseguiu “reunir grandes coleções zoológicas para o Museu de Cambridge (USA)”, além concentrada atenção “às relações interracialis, majoritariamente com os negros escravos” (PAIVA, 2018: p. 87 e 88).

Outros naturalistas foram, brevemente, comentados pelo professor, em capítulo à parte do livro, destacando-se Alcide Charles V. M. D. D’Orbigny (1802-1857) e Francis L. N. de C. de L. De Castelnau (1810-1880), que, além de contribuir com observações pertinentes à natureza brasileira, também deram atenção aos costumes dos índios por onde passaram. Dois cientistas norte-americanos foram fundamentais para a institucionalização da ciência no Brasil: Charles F. Hartt (1840-1878) e Orville A. Derby (1851-1915). O primeiro visitou o país, pela primeira vez, em 1865, “acompanhando Louis Agassiz, como membro da Expedição Thayer, retornando outras quatro vezes até 1875, quando organizou a Comissão Geológica do Império, que funcionou até 1877”. Seu livro *Geology and Physical Geography of Brazil* (1870) representou “uma espécie de compilação do que havia sido publicado até 1870 sobre a geologia e a geografia física no Brasil” (SANTANA, 2001, p. 134).

Já o segundo, transitou pela geologia, paleontologia e arqueologia, geografia física e cartografia, entre outros assuntos, exercendo grande influência entre geólogos e geógrafos na virada do século XX (SANTANA, 2001, p. 137). Participou, ao lado de Theodoro Sampaio, da expedição da Comissão Científica pelo Rio São Francisco, liderada por William Milnor Roberts (1879-1880), além de ser um dos fundadores da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo (1886-1890) e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1894).

Por fim, o autor relembra as contribuições do botânico João Barbosa Rodrigues (1842-1909), discípulo de Francisco Freire Allemão, para a criação do Jardim Botânico do Amazonas, atuando, posteriormente, como diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. De Emil August Goeldi (1859-1917), caracterizou-o como polígrafo multifacetado, com mais de 20 livros e álbuns publicados, mas também como administrador autoritário na reestruturação do decadente Museu Paraense (PAIVA, 2018: p. 111).

De um modo geral, o ensaio biobibliográfico marcou essa produção sobre os naturalistas para o desenvolvimento e a institucionalização científicas no Brasil, aproximando-se da escrita biográfica dos sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Pela bibliografia citada, em cada um dos capítulos desse livro, percebemos a erudição do escritor para balizar suas reflexões sobre o tratamento das relações homem/natureza, bem como da preocupação etnográfica, especialmente no tocante aos povos originários. Nesse sentido, percebemos certa preocupação com a religação dos saberes entre as ciências naturais com as ciências humanas.

O cangaço foi outra de suas paixões intelectuais, vinculando-se à memória familiar, por conta das ameaças de invasão de cangaceiros à cidade natal de Lavras da Mangabeira, no Ceará, nas primeiras décadas do século XX. Como sua família era ligada ao coronelismo local, o cangaço era recorrente, junto com o “fanatismo” de Padre Cícero, porque sua cidade natal “era rota de passagem de gente que vinha da Paraíba e ia para Juazeiro”. Ao longo da vida, esse tema tornou-se um “momento de lazer”, “fazendo resumos dos livros que (...) lia” (TAVARES, 2018: p. 553).

Para tanto, construiu vasta biblioteca temática, que, generosamente, cedia para pesquisadores aprofundarem seus estudos sobre o cangaço, como foi registrado pela professora Luitgarde Barros, quando confeccionava sua tese de doutorado, depois transformada em livro, *A Derradeira Gesta: Lampião e Nazarenos Guerreando no Sertão* (2000). Segundo ela, “Não me teria sido possível escrever a Tese de Doutorado, defendida em 1997, sem a leitura das centenas de fichas de rigor científico elaboradas por Melquíades sobre toda matéria cangaço, por ele lida” (BARROS, 2022: p. 6).

Essa erudição está presente no livro sobre a ecologia do cangaço, que, estabelecendo conexões entre o banditismo rural com o meio ambiente das caatingas, pode ser considerado como uma proposta prática da religação de saberes entre as ciências naturais e humanas. Descrevendo a área de atuação do cangaço nordestino, o autor identificou, por meio de mapas e gráficos, os espaços de atividade, de

recrutamento, de repouso e de fuga. Foram encontradas algumas áreas consideradas como “viveiros de cangaceiros”: “ribeiras dos rios Pajeú, Moxotó e Ipanema, no sertão sanfranciscano de Pernambuco; bacia do rio Piranhas, no sertão oeste da Paraíba e do Rio Grande do Norte; vale do Cariri, no sul do Ceará e áreas limítrofes da Paraíba e Pernambuco; nordeste da Bahia, entre os rios São Francisco e Vaza-Barris, englobando o Raso da Catarina; sertão do Baixo São Francisco (...) e a parte sul da bacia do Ipanema, com destaque para o município de Santana do Ipanema (AL)” (PAIVA, 2004: p. 11).

Percebe-se aqui uma interpretação próxima das teses euclidianas, na configuração do cenário natural de atuação dos grupos de cangaceiros, bem como do isolamento do sertão para explicar o fenômeno no contexto do “ciclo do gado”. Para o autor, em geral, os cangaceiros foram recrutados entre vaqueiros e moradores das fazendas, “mas os chefes de bando não saíram da massa do povo sertanejo” (PAIVA, 2004: p. 13).

Mesmo fustigados pela constante persiga das tropas volantes, a longevidade do cangaço pelos sertões foi atribuída, pelo pesquisador, a três condições fundamentais: o alto conhecimento das caatingas; a capacidade de encontrar água e alimentos fornecidos pelo meio ambiente e, por fim, a utilização da medicina sertaneja. Nessa vida dura e nômade, a fome e a sede eram companheiras, “flagelando a gente do cangaço”. Nesse sentido, é destacada a “resistência dos cangaceiros à fome”, gozando de boa saúde pelo conhecimento da medicina popular nordestina e do bioma da caatinga. Entretanto, também ressaltou as marcas deixadas nos seus corpos, como corcunda, pernas tortas, cicatrizes, “calo de bernal” e o “cangote branco”, por conta dos cabelos longos (PAIVA, 2004: p. 22 e 15).

A adaptabilidade dos cangaceiros e cangaceiras à natureza sertaneja se manifestava na operacionalidade da vestimenta, inclusive sendo, depois, copiada pelas próprias forças volantes. Aqui o pesquisador distinguiu os soldados citadinos que não suportavam as asperezas dos sertões, chamados “pé de banha”, dos sertanejos contratados, que tinham comportamento semelhante aos cangaceiros, pois “eram vinho da mesma pipa” (PAIVA, 2004: p. 18).

Do mesmo modo, a arte de rastejar, herança indígena, refletia “a adaptação ao meio e ao poder de observar vestígios de marcas nos caminhos e veredas, indicadores do anterior trânsito dos perseguidos ou dos que andam no seu encaixe” (PAIVA, 2004: p. 27-28). Foram citados alguns rastejadores das tropas volantes, como o cabo Leonídio

e Antônio Joaquim dos Santos (Batoque), que desempenhavam papel relevante na identificação dos caminhos dos cangaceiros. Mas, no texto, destacou-se que, perseguidos, os cangaceiros “demonstravam superioridade de estratégia, utilizando a mobilidade; para enganar o rasteador, tratavam de apagar ou dissimular os rastros” (PAIVA, 2004: p. 31).

Desse modo, as retiradas de Lampião, em combates perdidos, buscavam desorientar as forças perseguidoras, com ações como a divisão em grupos que seguiam em várias direções ou, em fuga, deixar marcas de sangue em lugares determinados e seguir rumos diversos, entre outras.

Nesse livro, o cangaço foi definido como “uma rebelião rural, sem explícitos objetivos sociais”, “refletindo a pobreza do povo sertanejo, sob o jugo dos coronéis de barranco, intensificando-se com as secas e lutas de famílias e/ou políticas, principalmente nas quatro primeiras décadas do século XX” (PAIVA, 2004: p. 11).

Identificamos, em dois artigos, uma síntese de suas ideias sobre a temática cangaceira, que nos oferece pistas para depois tratar de sua obra de maior fôlego sobre a bibliografia cangaceira. No primeiro, publicado na *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco* (2016), afirmou que o surgimento do fenômeno estava vinculado ao latifúndio e ao coronelismo, que o alimentaram por várias décadas. Segundo ele, o cangaço “se mostrou serviçal, dependente dos grandes coronéis, sem preocupação social”. Nesse sentido, criticava determinada imagem da bondade de Lampião construída pelo cinema e pela literatura de cordel, afirmando que o “esquerdismo do cangaceiro é sonho de desavisados, inocentes ou safados!” e que o suposto feminismo também não encontrava respaldo nos fatos, já que “não houve tal progresso”. Sobre a morte de Lampião e seu bando na Grota de Angicos, o autor afirmou que foi uma “farsa montada pela volante de João Bezerra”, pois os cangaceiros estavam envenenados e não houve luta, “mas simples simulação bárbara!” (PAIVA, 2016a: p. 460 e 465).

Se, nesse texto, há uma crítica à produção cultural vinculada ao cinema e a literatura de cordel pelo processo de mitologização de Lampião, na *Revista Rotary Brasil*, o escritor destacava “as influências positivas do cangaço na moda, nos seus trajes e adereços, nas artes plásticas, no artesanato, na literatura erudita e popular, na música, no teatro e no cinema nacionais”. Além disso, “o cangaço gerou um expressivo fluxo turístico, de valor cultural e econômico, com a existência de vários museus e a venda de ‘coisas’ de sua memória” (PAIVA, 2016b: p. 25).

Essa leitura ambígua sobre o cangaço se manifestaria nos livros *Cangaço: uma ampla bibliografia comentada* (2012) e *Cangaço: segunda e ampla bibliografia comentada* (2021). Com o incentivo de Jerônimo Vingt-um Rosado Maia, de Mossoró (RN), a publicação dessas obras representa relevante contribuição para os poucos estudos existentes sobre a bibliografia cangaceira, como os de Isaura Ester Fernandes Rosado Rolim, Paulo Gastão, Eduardo Diatahy Meneses e Marianne Wiesebron (TAVARES, 2018: p. 553).

Apesar de considerar como “tarefa impossível de ser realizada por um pesquisador, exigindo o trabalho de equipe interdisciplinar”, o autor enfrentou o desafio, estabelecendo critérios de análise sobre as diferentes linhagens bibliográficas, como obras gerais, que tratam parcialmente do tema, de livros específicos sobre o fenômeno, teses de mestrado e doutorado, artigos de periódicos e jornais, folhetos de literatura de cordel, filmes e novelas de televisão e catálogo de exposições. A avaliação deste acervo foi demarcada pela separação das “obras de pura ficção daquelas que cuidam do cangaço na base da realidade, com a apresentação de comentários sobre a precisão dos relatos e interpretação dos acontecidos” (PAIVA, 2012: p. 384 e 386).

A proposta de transposição da prática científica de objetividade na análise bibliográfica trouxe alguns percalços com relação a juízos de valor que, em determinados comentários, não contribuem para a compreensão do fenômeno, pois destacava obras ficcionais como “mentiras”. Essa ideia coloca o imaginário social como sinônimo do afastamento da verdade histórica, como fonte de mitificação no âmbito da tradição oral, da literatura ou nos veículos de meios de comunicação de massa.

Discordamos dessa leitura, pois, por exemplo, a literatura é um discurso que possibilita o acesso privilegiado ao imaginário de diferentes épocas, ao colocar em evidência, para o historiador, o não-acontecido para recuperar o que aconteceu, permitindo-lhe visualizar traços que outras fontes não lhe dariam. Como propõe Sandra Pesavento, “o texto literário inaugura um *plus* como possibilidade de conhecimento do mundo”, sendo que o que conta “não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção” (PESAVENTO, 2006).

Nesse mesmo diapasão, José Carlos Reis (2010, p. 78-79) afirma que

História e ficção são complementares na narração da experiência humana. Elas têm temáticas comuns, dificuldades comuns, trocas comuns. A história se serve da ficção e a ficção se serve da história. A leitura é mais ou menos a mesma de um romance e da historiografia e, sem perderem a sua heterogeneidade, elas se entrelaçam no espírito do leitor.

Curiosamente, há a incorporação em sua escrita da versão polêmica da morte do rei do cangaço por envenenamento, presente na tradição oral, com uma certeza que não foi respaldada em depoimentos de cangaceiros, coiteiros e tropas volantes, que presenciaram o fato.

Segundo o pesquisador, apesar da abundância da bibliografia cangaceira, há aspectos que precisam de um aprofundamento como a “postura de autoridades constituídas em relação ao cangaço”, as relações entre coronelismo e cangaço, as “relações entre chefes cangaceiros e comandantes de volantes policiais”, a “investigação da ecologia do cangaço” e as “possíveis relações de paralelismo entre as antigas lutas cangaceiras e as que sustentam a violência nas favelas e áreas periféricas de nossos grandes centros urbanos” (PAIVA, 2012: p. 387-388).

Como historiador diletante, suas pesquisas, vinculadas aos Institutos Históricos e Geográficos, trazem, para a discussão, as contribuições da historiografia não-universitária no Brasil, demonstrando que havia, nos seus textos, preocupações metodológicas, levantamento exaustivo da bibliografia, citações corretas, que conduziram a leitura erudita e crítica. Essas preocupações, por certo, foram influenciadas por sua pesquisa científica nas ciências naturais, afastando-o do memorialismo existente na bibliografia cangaceira.

Se, por um lado, sua escrita, no que se refere aos naturalistas e sócios cearenses do IHGB, segue a tradição biobibliográfica desta instituição, os textos relativos ao cangaço, por buscarem uma maior abrangência possível do fenômeno, conseguiram trazer contribuições relevantes, especialmente no livro *Ecologia do Cangaço*, quando propôs religar os saberes das ciências naturais e das ciências humanas. Sem descurar das especificidades de cada disciplina, penso ser essa a sua maior contribuição para a história natural e social dos sertões brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. In Memoriam: homenagem a Melquíades Pinto Paiva. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 13, p. 1-7, 2022.

KURY, Lorelai Brilhante e SÁ, Magali Romero. As caatingas e o Império do Brasil. In: KURY, Lorelai Brilhante (org.). **Sertões adentro: viagens nas caatingas séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2012.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

PAIVA, Melquíades Pinto. **Ecologia do cangaço**. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2004.

_____. Cearenses no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB (séculos XIX e XX). Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, Ano CXXV, Vol. 125, p. 33-64, 2011.

_____. Naturalistas na Velha Bahia. **Revista IGHB**, Salvador, v. 107, p. 179-197, jan./dez. 2012a.

_____. **Cangaço: uma ampla bibliografia comentada**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012b.

_____. A saga do cangaço: verdades e mentiras. **Revista do IAHGP**, Recife, n. 69, pp. 459-468, 2016a.

_____. Lições do cangaço. **Revista Rotary Brasil**. Ano 92, n. 1134, p. 24-25, dezembro de 2016b.

_____ e NOMURA, Hitoshi. Naturalistas – viajantes do Museu Imperial/Nacional do Rio de Janeiro (Brasil). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro**. Ano 24, n. 24, p. 141-156, 2017.

_____. **Alguns naturalistas ilustres no Brasil (século XIX)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018.

_____. **Cangaço: segunda e ampla bibliografia comentada**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 20/08/2006. URL: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>; DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.1560>.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010 (Coleção FGV de bolso. Série História).

SANTANA, José Carlos Barreto de. **Ciência & arte:** Euclides da Cunha e as Ciências Naturais. São Paulo: HUCITEC; Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

TAVARES, Rogério Faria. **Contribuições para a história do IHGB: entrevistas concedidas a Rogério Faria Tavares.** Belo Horizonte: Edição do autor, 2018.

CANGAÇO: DO PASSO AO TRAÇO E À CENA QUE VIRA ARTE

Carlos Carneiro de Jesus¹

RESUMO: O presente trabalho objetiva enunciar aspectos das linguagens artísticas e culturais que se relacionaram e ainda são inspiradas e relacionadas ao cangaço e não somente como um fenômeno social complexo, violento e arcaico ou moderno com a literatura tem apresentado. Usando os métodos de coletar informações bibliográficas para embasar a redação com teóricos que debatem sobre o tema. Desse modo foi possível observar o cotidiano, a identidade, a astúcia e o modo de vida do bando, compreendendo a estética da arte em várias linguagens, seja ela urbana ou contemporânea que são releituras do cangaço, traçados pelos fatos históricos tendo em vista suas representações na literatura, no cinema, no teatro, na música e em outras manifestações artísticas, que contribuiu para a cultura, a arte e a história imagética e imaginária do povo sertanejo.

PALAVRAS-CHAVES: Arte. Cultura. Cangaço. História.

ABSTRACT: The present work aims to enunciate aspects of the artistic and cultural languages that were related and are still inspired and related to cangaço and not only as a complex, violent, archaic or modern social phenomenon with the literature it has presented. Using the methods of collecting bibliographic information to support the writing with theorists who debate on the subject. In this way, it was possible to observe the daily life, identity, cunning and way of life of the band, understanding the aesthetics of art in various languages, whether urban or contemporary that are reinterpretations of cangaço, traced by historical facts in view of their representations in literature, cinema, theater, music and other artistic manifestations, which contributed to the culture, art and imagery and imaginary history of the sertanejo people.

KEYWORDS: Art. Culture. Cangaço. History.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho analisará o cangaço pela perspectiva da contribuição e da produção artístico-cultural que fascina a imaginação e a criatividade dos múltiplos artistas e não tão somente como um fenômeno social complexo, visto por alguns como contraditório, violento, híbrido do arcaico com o moderno, bandoleiros ou outros termos pejorativos ou não, ligados ao bando de Lampião que conforme a literatura, englobou violência,

¹ Graduado em Letras e graduando em História pela UNEB – Universidade do Estado da Bahia.

mas também sutilezas, “justiça”, fascínio, imaginação e criatividade, estes últimos são pontos destacados neste trabalho.

Diante disso, o objetivo desse trabalho é analisar aspectos das linguagens artísticas que se relacionaram e ainda são inspiradas e relacionadas ao cangaço, dessa forma será observado o cotidiano, a identidade, a astúcia e o modo de vida do bando, com as fontes e obras aqui expostas para melhor compreender a estética da arte em várias linguagens, seja ela urbana ou contemporânea que são releituras do cangaço.

Autores, historiadores, estudiosos, pesquisadores dos mais diversos campos do saber têm verticalizado inúmeros trabalhos sobre o cangaço, sendo analisado pelas vertentes da literatura, da história, da arte, da antropologia, da economia e das ciências humanas como um todo, o que veremos neste trabalho é uma outra perspectiva do ponto de vista artístico, perpassando pelos temas: social, político, religioso entre diversos fatores entrelaçados que fizeram do cangaço um movimento singular nas páginas da história do Nordeste brasileiro.

Dissertar algo inédito sobre o cangaço é uma tarefa árdua, pois parece que tudo foi dito, porém este ensaio apresenta uma nova perspectiva, não necessariamente inédita, já que outros trabalhos sobre o cangaço foi analisado a partir de diversos ângulos, inclusive sobre elementos artísticos, o foco principal deste trabalho.

Ainda assim, a literatura referência os cangaceiros pelo processo histórico, como fenômeno, mas dificilmente nos deparamos com trabalhos que analisa atos e fatos isolados do ponto de vista artístico-cultural com descrição romântica, narradas por romancistas, poetas, cordelistas, teatrólogos, cineastas e outras artes.

Como metodologia, foi coletada informações de outros trabalhos, para embasar a redação com teóricos que debatem sobre o tema, vale salientar que esse ensaio não analisará o cangaço sob a ótica do conflito de classes, esse estudo já tem vasta bibliografia e excelentes trabalhos, buscaremos nesse movimento aspectos artísticos e culturais e o quanto eles inspiraram o universo da criação imaginária.

A arte no cangaço é nítida basta observar os signos do chapéu de couro, da estrela do Salomão, do traje, ao qual aqui denominaremos de figurino, pela questão artística abordada nesse trabalho e é distinto de qualquer outra vestimenta seja no sertão ou longe dele.

No figurino do cangaceiro há arte que dão beleza pelo fuxico, pela combinação de cores, pelos bordados e traços de costura tornando-os singular, causando um impacto estético, visual pelas joias, pelos terços e elementos religiosos expostos no corpo, além

da cabaça, colher, caneca, bernal, punhal que têm funcionalidade no uso do dia a dia, portanto, no figurino do cangaceiro há história e elementos de status sociais e funcionais.

Todos estes elementos artísticos do cangaço influenciou a arte, é perceptível por meio das letras das músicas, da dramaturgia, da dança, do artesanato, da fotografia, dos diversos festejos, da moda e da sétima arte, principalmente na região Nordeste, que faz dessa influência, inspiração para criação, circulação e comercialização dos artigos.

Para Câmara Cascudo autor do “Dicionário do Folclore Brasileiro”, que catalogou lendas e figuras do folclore, métodos de artesanato, comidas típicas, danças e estilos musicais, o xaxado é um ritmo que ganhou crédito por se desenvolver dentro do cangaço, com estética própria:

Dança exclusivamente masculina, originária do alto sertão de Pernambuco, divulgada até o interior da Bahia pelo cangaceiro Lampião e os cabras de seu grupo. [...] Os cangaceiros executavam o Xaxado marcando a queda da dominante com uma pancada do coice do fuzil. Xaxado é onomatopeia do rumor xa-xa-xa das alpercatas, arrastadas no solo. [...] A música é simples, contagiante como toda melodia popular feita para a memorização inconsciente, [...]. Não há acompanhamento instrumental. Só a voz humana. (CASCUDO, p.116, 1999).

A respeito de um elemento pouco notado no figurino do cangaceiro, especialmente a de Lampião era a sandália que curiosamente no documentário “A Sandália de Lampião” o senhor Espedito Seleiro relata que o pai dele fez uma sandália para o Lampião. “E não era um par qualquer: diferente dos modelos tradicionais daquela época, a sandália do Rei do Cangaço tinha o solado retangular, para confundir os rastejadores que, diante daquelas estranhas pegadas, não sabiam com certeza se o bando ia ou voltava”.

O Mestre Espedito Seleiro, artesão renomado do Ceará e reconhecido nacionalmente, mantém vivo o ofício que herdou do pai, confeccionando artesanalmente selas, chapéus, calçados, acessórios e roupas de couro.

Quanto aos acessórios e roupas, outros tantos artistas, figurinistas e estilistas embrenhados no universo da moda, fizeram do cangaço um estilo de moda com um conjunto de fatores da personalidade sertaneja, com símbolos e traços da crença, das vivências e o cotidiano do povo nordestino, e assim nos diz LINS:

A moda vai, então, criar o sujeito do cangaço, engendrar no imaginário o cangaceiro — como o povo gosta: rico, fidalgo, belo, de uma beleza requintada, — exótica, porém real, porque estruturada na ordem dos signos e dos sentidos, no simbólico e no imaginário. (LINS, 1997, p. 59.)

Essa moda nascida da estética do cangaço, com a arte tipicamente nordestina oriunda das manifestações culturais popular, vai ganhando espaço e destaque em palcos, festas, museus, mídias e estabelecendo uma identidade específica do Nordeste brasileiro.

Toda essa interface da vestimenta, com a cultura e os elementos de arte foi melhor difundido com a produção da sétima arte inicialmente em preto e branco e depois com as imagens coloridas, conseqüentemente vários artistas adotavam um ou outro elemento do universo do cangaço para a sua criação artística seja na música como foi o caso do “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga.



Imagem 1: Luiz Gonzaga.
Fonte: Blog Sala Latina de Cinema.

Dessa, maneira a abordagem cultural dos elementos artísticos relacionados ao cangaço vai ganhado visibilidade, mas em contra partida não foram atreladas reflexões de cunho libertários da sensibilidade artística que adentraram ao movimento com a inserção das mulheres naquele contexto cheio de estereótipos produzidos pela imaginação popular e ainda muito vivo pelos leitores leigos que desconhecem o papel da cangaceira dentro do bando.

Vale destacar que ao contrário da mulher do sertão catingueiro, a cangaceira não precisava desenvolver trabalhos braçais seja na roça ou com a lida dos animais, isso incluía não buscar água, não cozinhar entre outros trabalhos denominados femininos, como era determinado pela sociedade patriarcal, em comparação com a dona de casa comum, as cangaceiras exibiam um status invejável e superior por estarem enfeitadas com joias, bem penteadas, bem vestidas e perfumadas.

A ex-cangaceira Dadá, em vários momentos de seu depoimento deixou transparecer... Maria Bonita era um pouco ranzinza, gostava muito de conversar de puxar papo, de viver arrumadinha como boneca (FREITAS, p. 155-156).

Percebe-se que as mulheres eram como manequim, bem enfeitadas pelas joias presenteadas pelos seus companheiros, verifica-se tudo isso por meio das fotografias antigas e imagens reais produzidas pelo cineasta Benjamin Abrahão².

Há um consenso entre os historiadores e pesquisadores que a estética do cangaço embelezou ainda mais com a inclusão das mulheres, principalmente Dadá que em uma de suas gravidezes, impossibilitada de continuar com o bando, conforme Ferreira e Araújo (2011) em 1932 elaborou e confeccionou o primeiro par de bornais ornamentados com flores em cores vibrantes. Ela é sem sombra de dúvida uma das grandes responsáveis por fazer com que a estética do cangaço seja destaque do movimento até os dias atuais.

O registro imagético do fotógrafo Benjamin Abrahão revelou além do imaginário e falsas notícias, destacando que muitos cangaceiros sabiam ler, o próprio Lampião escrevia as cartas antes de adentrar as cidades, lia e consumia muita literatura de cordel, além de costurar os bornais e outras peças, comprovado pelas fotografias.

² Fotógrafo libanês-brasileiro, responsável pelo registro iconográfico do cangaço e de seu líder, Virgulino Ferreira da Silva — o Lampião. Abrahão teve seus trabalhos apreendidos pela ditadura de Getúlio Vargas, que nele viu um antagonista do regime. Guardada pela família Elihimas, migrantes libaneses, em Pernambuco, a película foi analisada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, um órgão de censura atuante durante o Estado Novo.



Imagem 2: Lampião na máquina Singer.
Fonte: Jornal Folha de São Paulo.

O modismo influenciou o cangaço, Lampião, como chefe se diferenciava, usando camisas listradas ou estampadas, com botões de ouro, tudo era enfeitado, ganhando assim um toque artístico pelo artesanato, as cartucheiras, as bainhas dos punhais, as alças dos fuzis completavam a riqueza dos trajes. Se até os cães dos cangaceiros ostentavam no estilo da moda, quanto mais as mulheres que carregavam a beleza natural de sua juvenildade:

Os cangaceiros também eram “modernos” em sua relação com as mulheres. Afinal de contas, viviam, muitas vezes, em regime de concubinato, sem serem casados pela Igreja católica, o que era algo malvisto pela sociedade tradicional. Estar junto de suas companheiras, portanto, era mais importante do que constituir laços de matrimônio “oficiais” ou religiosos, ainda que alguns bandoleiros procurassem se casar na Igreja (PERICÁS, 2010, p. 178).

Segundo o “Blog Lampião Aceso”, a estética da extravagância de Lampião e seus cangaceiros já influenciou muitos estilistas, regional, nacional e internacional. Zuzu Angel, apresentou em seu primeiro desfile em Nova York, em 1970, uma coleção inspirada em Maria Bonita” e em 2002, o universo do cangaço inspirou Tufi Duek, as roupas e acessórios da "Forum" foram enfeitados por pespontos ou tachas que recriavam os desenhos dos artesãos da caatinga.



Imagem 3: Look da coleção Maria Bonita.
Fonte: Blog Bianca Bertoni Design.

É inegável que o cangaço serve até hoje como fonte de inspiração para as diversas produções artísticas, Marcelo Dídimo escreveu o livro “O cangaço no cinema brasileiro” que exhibe uma variedade de filmes com comentários relevantes, evidenciando a importância do cinema e do cangaço enquanto fruto de inspiração e releitura, baseada em uma ampla pesquisa.

Na dramaturgia há uma infinidade de autores anônimos regionais e famosos de diversas partes do mundo que colocaram Lampião e o cangaço nas tramas de suas narrativas.

A passagem de Lampião pela Bahia é romanceada no livro “Lampião na Bahia” de Olegário Coelho que segundo o mesmo teve passagens pela Vila do Cumbe, atual Euclides da Cunha, o texto do autor serviu como base para o roteiro cênico da Quadrilha Junina Raízes do Sertão que encenou a "Feira do Cumbe e a passagem de Lampião” o diretor e produtor cultural da Junina, Mateus Oxumaré, disse:

- O espetáculo dançante mostra a história do antigo Cumbe, atual Euclides da Cunha, onde o devoto com a mão no chão, faz pedidos à Nossa Senhora da Conceição erguida pela fé e força em um andor, a Santa representada meigamente pela presença da atriz-dançarina Bruna Campos, parece sentir a dor pela labuta do trabalhador que vem com a enxada preparar a terra seca para o plantio no dia de São José com a esperança de comer o milho no dia de São João.

Este Cumbe onde as mulheres são tão valentes quanto as cangaceiras que chegam no dia de feira junto com Lampião para

celebrar a alegria, mas promete voltar no dia 08 de dezembro, dia da padroeira, a mãe do Divino...

No espetáculo o espectador poderá ver a presença de uma criança é João Miguel, filho da quadrilheira Carol que em outras oportunidades foi Rainha, e dançou gestante, provavelmente seja esse o motivo de ver tanto entusiasmo no João Miguel ao representar uma personalidade real que tocou na feira do Cumbe em 15 de dezembro de 1928 para Lampião e como bem mostra o espetáculo a pedido dele, o menino toca a gaita e emociona Virgulino que parecia ser insensível. (OXUMARÉ, Mateus).

Percebe-se uma pesquisa para fundamentar o trabalho artístico com metodologias pedagógicas que são recursos didáticos utilizados por docentes, especialmente para o ensino de história nessa temática do cangaço, Mateus Oxumaré somou os elementos da literatura, da música, do teatro e as memórias para a feitura do espetáculo que foi ao palco em forma de representação da história, pela linguagem cênica.



Imagem 4: Casal destaque da Quadrilha Junina Raízes do Sertão – Euclides da Cunha-Ba.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 5: Representação de Nossa Senhora da Conceição, destaque da
Quadrilha Junina Raízes do Sertão – Euclides da Cunha-Ba.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O comentário do produtor cultural, referenciado por uma pesquisa, mostrou o quanto Lampião era amante da arte, inclusive em entrevista ao extinto Jornal "O Pasquim" no ano de 1973, Volta Seca (Antônio dos Santos), que no passado integrou o cangaço, diz que Lampião tocava acordem.



Imagem 6: Quadrilha Junina Raízes do Sertão – Euclides da Cunha-Ba.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Outra Quadrilha Junina da cidade de Euclides da Cunha, fascinada pelo universo do cangaço, montou o espetáculo: Ah Lampião vivo!, com esse trabalho a Quadrilha Junina Arroxa o Nó, sagrou-se campeã no festival de quadrilhas juninas do município, o evento é um concurso que integra as comunidades rurais, de onde advém a maioria dos grupos objetivando promover a cultura local circulando e difundindo os trabalhos cênicos atrelando atividades culturais e pedagógicas, provendo ainda entretenimento, conhecimento e geração de renda.



Imagem 7: Quadrilha Junina Arroxa o Nó – Euclides da Cunha - Ba.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Imagem 8: Quadrilha Junina Arroxa o Nó – Euclides da Cunha-Ba.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Volta Seca, segundo os pesquisadores e a bibliografia das obras sobre o cangaço está colocado como a voz musical que representou o cangaço, ele inclusive gravou “Acorda, Maria Bonita, Mulher Rendeira” entre outras, das quais ele cogitou ser o

autor, porém não se sabe precisar a autoria, embora *Mulher Rendeira*, sinaliza ser de sua autoria, pois se trata de um caso típico do cancionero popular nordestino, com fortes indícios da criação ter surgido no grupo do cangaço.

A música cantada por *Volta Seca* se juntou a voz de Luiz Gonzaga e outros tantos nordestinos, migrantes instalados nas metrópoles do Sul e Sudeste do país que segundo o autor ALBUQUEQUE:

O sucesso de Luiz Gonzaga foi fruto, por um lado, de um código de gosto que valorizava as músicas dançantes, as de natureza lúdica e, por outro, atendia ao consumo crescente de signos nordestinos e regionais como signos da nacionalidade. Mas seu maior sucesso se dá entre os migrantes nordestinos, pois se conecta com a saudade do lugar de origem, com o medo da cidade grande e, ao mesmo tempo, com o orgulho de estar enfrentando-a, com seus valores de origem rural como religiosidade e a importância dos laços familiares. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 178).

Vale ressaltar a contribuição da imagem do cangaço enquanto matéria prima para objeto de arte na literatura regionalista, que foi disseminada pela literatura de cordel, tendo a identidade defendida dos valores tradicionais, da coragem, da valentia e do homem de fibra nordestino.

Os cangaceiros seriam vingadores de Deus contra as imoralidades praticadas pelos poderosos, seria uma rebelião contra as injustiças e a vida feia e pequena; uma procura pela morte gloriosa e honrada, demonstração de coragem. (...) O cangaceiro é tomado como símbolo de luta contra um processo de modernização que ameaçava descaracterizar a “região”, ou seja, ameaçava pôr fim à ordem tradicional da qual faziam parte. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 126).

Rimas, emboladas, músicas, danças, cenas, pinturas, esculturas e outras manifestações artísticas são constantemente atos de releituras das ações dos cangaceiros, a literatura alude os aspectos lúdicos que se transforma nas mais variadas linguagens artísticas romantizadas ou não, mas que faz do cangaço uma das mais importantes fontes de imaginação, criação e estudo dos movimentos sociais e populares que representa um traço do povo do sertão.

CONCLUSÃO

O presente trabalho evidenciou alguns elementos artísticos do cangaço e o quanto esse movimento influenciou e inspira até os dias atuais a criação artística, do passo ao traço e à cena, que vira arte, muitos artistas criam espetáculos de dança, de teatro, roteiros de cinema, outros ligados ao campo das artes visuais, traçam suas linhas, pontos e cores para estamparem em muros, xilogravuras, HQs e assim as obras vão gerando reflexão, intriga, questionamentos, aprendizados e descobertas, indo além de sua principal função que é entreter, educar e informar.

Apreendeu-se, por meio dessa pesquisa o quanto o cangaço inspirou a produção da arte e conseqüentemente a disseminação da cultura popular tendo em vista a contribuição para o reconhecimento das especificidades das diferentes linguagens e modalidades passíveis de interação, pelas releituras, debates e novas possibilidades da aquisição do conhecimento por meio da cultura e da arte impregnadas nesse movimento e no contexto da época.

Ampliei meus conhecimentos relacionado ao tema e notei que há muitas memórias repassadas pela oralidade e por conta disso se estigmatizou a imagem do cangaço e por esse viés uma infinidade de livros, revistas, artigos e outros trabalhos foi publicado, tendo em vista que o sertão é povoado dos causos contados em família e a partir de um conto aumenta-se um ponto e assim a história vai tomando rumos distintos e fantasiosos dos fatos, por conta disso, se faz necessário o ofício científico do historiador e demais pesquisadores que usam a ciência para evidenciar os fatos do passado.

Perante o exposto, fica o efeito deste trabalho com resultados de uma pesquisa sinalizando novos aspectos aos pesquisadores, curiosos, professores, artistas e aos fascinados pela trajetória do cangaço, esse movimento que pode ser visto pela ótica da cultura, da arte, da religiosidade ou do ceticismo, da coragem, da transgressão ao sistema coronelista e outros signos e significados criados por esse fenômeno denominado de cangaço.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

Adriana Yañez, Antonio Lino, Paula Dib. Documentário, 28 min. **A Sandália de Lampião**, Brasil, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Ediouro, 1999.

DÍDIMO, Marcelo. **O cangaço no cinema Brasileiro**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 219.

FERREIRA, Vera; ARAUJO, Germana Gonçalves de. **Bonita Maria do Capitão**. Salvador: EDUNEB, 2011.

FREITAS, Ana Paula Saraiva de. **A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940) / Ana Paula Saraiva de Freitas**. Assis, 2005.

FONTES, Oleone Coelho. **Lampião na Bahia**. 4a. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

JÚNIOR ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste: e outras Artes**. Cortez Editora, São Paulo, 1999, p. 158.

LINS, Daniel. **Lampião: o homem que amava as mulheres**. São Paulo: Annablume, 1997.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros. Ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música: História cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Quadrilha Junina Arroxo o Nó. Disponível em [@arroxeono](#). (Disponível em 21 de junho 2023).

Quadrilha Junina Raízes do Sertão. Disponível em [@juninaraizesdosertao](#). (Disponível em 21 de junho 2023).

DEPARTMENTO

O CAIPIRA QUE AMAVA O NORDESTE

O caro Manoel Neto convidou-me a dar um depoimento para essa publicação dedicada à memória de Antônio Amaury Corrêa de Araujo. Eu, seu segundo filho, tomarei a liberdade de flunar sobre algumas facetas da vida pessoal do grande pesquisador, o Amaury, como era tratado na intimidade do lar.

São muitos os amigos amealhados ao longo dos anos de pesquisa e estudos no universo do cangaço. Esses amigos e admiradores numerosos já dizem por si só dois aspectos dessa figura "sui generis". Diz de sua paixão e devoção ao cangaço e à história, e diz também de sua capacidade relacional e o apreço que tinha pelas amizades, as quais devotava uma fidelidade cavalheiresca.

De fato, o pai, foi um homem desses que chegava discretamente nos lugares e, usando de sua palavra com sabedoria e respeito, conquistava a simpatia e confiança de todos. Ele tinha o que dizer e sabia escutar. Conhecia a alma humana, como se espera daqueles que se debruçam sobre os estudos das humanidades.

Foi incitado a publicar seus conhecimentos por dois grandes amigos com quem mantinha estreitos laços. O Franklin Maxado e o Zacarias José dos Santos. Dois estudiosos incentivadores da literatura de cordel e de outras tantas manifestações culturais do nosso Nordeste. A eles meu pai creditava o advento de sua notoriedade. Foram eles que perceberam o quilate que tinha o paulista.

Minhas memórias mais antigas contam de um quarto ensolarado, na pacata Rua Cataguazes, no Jardim São Paulo, Zona Norte da capital paulista. Numa manhã na qual eu e meus irmãos pudemos invadir o quarto de meus pais e brincar com eles. O casal era só afeição e contentamento. Meu pai, com um tape de rolo, gravou nossas vozes. Registrou uma cantoria de um "Acorda Maria Bonita", ensinada a nós que mal sabíamos falar corretamente. Recordo o cheiro do aparelho novo, no qual ele já havia gravado as vozes de Sinhô Pereira, numa viagem que fizemos a distante cidade de Patos de Minas.

Nesse mesmo tape gravou também outros grandes personagens dessa história fantástica, até então muito conhecida mas pouco estudada, entregue às informações tendenciosas e clichês da mídia, porta voz dos detentores do poder que conseguiram calar a

voz dos vencidos. Foi assim que o Balão, Zé Sereno, Tenente Bezerra, Sila, Criança, dentre tantos outros, deram suas versões sobre os ocorridos naquelas brenhas, até então distantes e esquecidas do "Brazil".

Incomodado e intrigado com as lacunas e contradições que observava nas poucas publicações em revistas, jornais e nos raros livros que tratavam do assunto, não se conteve e fez um verdadeiro trabalho de jornalismo histórico, por satisfação pessoal. Foi atrás dos atores sociais que viveram aquela saga, dando voz e vez a todos quanto pôde entrevistar.

Recordo minha avó falando para que tivéssemos respeito com todos eles, pessoas importantes para a história do país. Uma dimensão um tanto difícil para crianças avaliarem. Mas que, tivemos o privilégio de vivenciar, para dimensionarmos o calibre das personalidades que frequentaram nossa casa.

Nesses tempos, já havia sido lançado o filme "Corisco, o Diabo Loiro", cuja execução contou com a acessoria direta de Dadá. Para tanto, a ilustre esposa do próprio personagem que dava título á obra, morou conosco durante dois períodos, de cinco e de seis meses. Nós, miúdos, interagimos com ela, mulher vigorosa. Ficávamos intrigados com suas muletas e sua maneira de se locomover, amputada que era.

Foi por essa demanda de informações que também fomos levados a conhecer os recantos de São Paulo em sua amplitude, saindo dos bairros centrais e frequentando algumas periferias, nas quais o pesquisador encontrava seus entrevistados. Tenho forte na memória as primeiras idas ao bairro de Itaquera, todo em ruas de terra, com casas novas e inacabadas, as ruas esburacadas e sem sinalização. E, nessa miríade de becos e ruelas, meu pai demonstrava um senso de direção e uma capacidade de memória que o faziam chegar onde quer que houvesse algum depoimento a ser coletado, para agregar ao seus conhecimentos. Assim foi, também, pelas estradas sertão afora, quando se aventurava pelo interior do Nordeste que, à época, tinha uma outra cara, muito mais precária e rústica.

Seu primeiro livro, o "Assim Morreu Lampião", foi datilografado por minha mãe, na pequena Olivetti portátil que ele comprara havia pouco tempo. Acompanhava-a, tirando suas dúvidas, enquanto a fiel companheira transcrevia o livro, após um dia longo de trabalho lecionando para duas turmas das primeiras séries de uma escola estadual distante, mostrava sua destreza na mesa da cozinha, tornada escritório. Incansáveis. Ele, que já havia mudado o consultório particular que ficava em casa, para o bairro da Liberdade,

trabalhava também em jornada dupla, chefiando os dentistas do Sindicato da Construção Civil.

Quem lhe deu algumas orientações nesse primeiro escrito foi o então já consagrado escritor Inácio de Loyola Brandão, seu antigo amigo do Colégio São Bento, de Araraquara. Lembro-me dele dizendo: "Quando for relatar algum mérito, conjugue na primeira pessoa do plural. E quando for citar alguma falha, faça-o na primeira do singular."

Assim eram os tempos, bem antes da internet. Alias, era uma festa a cada pequena conquista. Foi assim com a Rural Willys, a primeira TV, o primeiro telefone e tantas outras coisas atualmente banalizadas... Apesar das limitações, demonstrando o poder de sua paixão, fez o que fez. Escreveu um bocado daquilo que captou, transformou em informação e ergueu um arcabouço de conhecimento sólido. Eu, que não sou historiador, atrevo-me a dizer que ele lançou as bases da historiografia do cangaço. Isso por ter dado voz a tantos quantos dessa história participaram, entre volantes e cangaceiros, coiteiros e outros testemunhos num imenso quebra cabeça. Nesse esteio vieram também os jornalistas, os pesquisadores e tantos outros interessados em beber de sua fonte de conhecimento.

Da sala de jantar, espiávamos pelo buraco da fechadura as figuras ilustres que ficavam na sala de visitas para as entrevistas mais formais. Causava um certo "frisson" essas presenças, mesmo sem que soubessemos exatamente a envergadura de cada qual. Só percebíamos a aura de cerimônia em torno deles.

Pouco depois, veio então a sua participação no programa de perguntas e respostas da TV Globo, o "8 ou 800". Foi a porta para o estrelato. Ganhou notoriedade no nível nacional. Na escola os colegas vinham fazer perguntas sobre o cangaço. As curiosidades possíveis para as crianças como por exemplo "Quantos dentes de ouro Lampião tinha?"... E ele nos respondia.

Na estrada, se eventualmente um guarda de trânsito o parava, logo era reconhecido e reverenciado. Ele sabia bem o que isso significava. E comentava conosco a capacidade que os meios de comunicação tinham de transformar um homem em herói, ou não. E esse é mais um aspecto seu que para muitos dos amigos mais próximos foi marcante... A lucidez que tinha em relação a essa dinâmica do jogo social. Tinha consciência de classe, os amigos afirmam. Consciência essa que influenciou em muito meu modo de ler o mundo, pelo que sou grato a oportunidade do convívio e o privilégio das conversas que viemos a estabelecer

durante nossa jornada.

Sua força permitiu que, apesar de ter sido preso, pressionado e perseguido no período da ditadura, no auge do regime militar, não sucumbisse à fraqueza, mantendo-se firme e conduzindo a família em segurança. Dessa fase, só recordo o peso das infundáveis e repetidas recomendações para que não se falasse com estranhos, não se comentasse da intimidade do lar, e tantos outros cuidados que semearam em mim uma paranóia. Só pude compreender entorno dos meus 18 anos, quando vim a saber dos fatos, já próximos que estávamos da reabertura política. Isso foi no período das Diretas Já. E aí, para mim, meu pai, de pessoa ilustre, foi alçado a herói. Passando a ser meu exemplo de cidadania, dignidade, ombridade, consciência política, moral e amor à liberdade. Entendi o silêncio a que se obrigou conosco sobre essas questões tão delicadas. A ditadura não poupava nem mesmo as crianças.

Eu, que já folheava alguns dos poucos livros que ele não queimou quando voltou do DOPS, ia formando meu repertório de respeito e consideração ao país e ao povo trabalhador. Tive o prazer de lhe fazer uma preciosa indicação de leitura, a qual me transformou e teve o condão de despertar um sentimento para além do filial. Passamos a ser amigos e companheiros. O livro em questão foi "As Veias Abertas da América Latina", do Eduardo Galeano.

Como disse, sua memória também era qualquer coisa de invulgar. Com certeza essa é uma das qualidades que lhe favoreceram em seu extenso trabalho. Arguto, evocava datas e nomes com precisão incrível. Para quem está a escrever sobre uma história de tantos personagens, há que se contar com um recurso desses em tempos analógicos. E nós, até a vida adulta, consultávamos a ele antes de iniciarmos qualquer pesquisa. Isso nos dava uma tremenda tranquilidade, como se tudo pudessemos saber somente ao lhe perguntar.

O início da perda da memória assustou-o e feriu sua vaidade. Vaidade essa que teve o ambíguo papel de favorecer sua construção narrativa e relegar a organização de seu acervo. Quando o chamava para arrumar e organizar seus guardados ele sentenciava: "Eu sei onde está!". E sabia.

Sabia, inclusive com precisão assombrosa, as páginas as quais recorrer dos inúmeros livros que já havia lido, quando necessitava de uma referência mais precisa para um argumento, ou mesmo para desconstruir outro discurso. Por saber-me pifio se

comparado a ele nessa sua capacidade, nunca me atrevi a seguir seu caminho. Falta-me a base, tanto na memória quanto na paixão. Por mais que ele visse em mim alguém que enxergava o mundo de maneira similar à sua, o que o fazia incentivar-me no interesse pelo seu legado, eu sabia que não teria um mínimo de sua capacidade de articular memórias e evocar fatos num debate qualquer.

Queixava-se por não possuir o dom beletrista para transformar sua obra em algo mais além da informação. Mas sua capacidade de, com simplicidade, expressar suas perspectivas em relação aos acontecimentos, alcançou, conquistou e influenciou um público incomensurável. Assim ia contaminando a muitos com a sua obsessão. Seus olhos brilhavam ao encontrar com essas pessoas. O sorriso brotava fácil. Aquele homem acostumado a dormir cedo, varava a madrugada em conversações animadas. No outro dia, acordava cedo, e prosseguia no encalço de novas informações com o mesmo ânimo.

Esse mesmo fogo, foi o que conduziu aquele senhor octagenário, que já andava com alguma dificuldade pelas calçadas das cidades, a subir as barrancas do São Francisco, rumo à Grota do Angico, usando um cajado improvisado e deixando para trás outros tantos jovens que nos acompanhavam. Era incrível como o assunto lhe trazia vida nova.

Muitos perguntaram o porquê de um paulista ter tido tamanho interesse por um tema nordestino. O pai via para além dessa dicotomia Nordeste x Sudeste. Para além do nosso bairrismo, via questões que dizem respeito à história da humanidade, com todas as singularidades que lhe são peculiares, dado o tempo e espaço em que ocorreram. Mas recordo também o interesse que ele cultivava pela história universal, em especial pela temática do banditismo. Era nítido seu interesse pelos filmes de faroeste (e pela história americana, de maneira geral) que ficaram registrados na minha memória através das vinhetas dos filmes que éramos "obrigados" a assistir nas tardes de domingo. Isso quando não estava ligado nos jogos de futebol. Não era exatamente algo que a criançada aceitasse com tranquilidade, isso dava o tom do nosso final de semana. E até desse clima, onde se impunha um silêncio para que fosse possível qualquer ser humano escutar a programação, tenho saudade.

Saudades de vê-lo tomando seu chá mate, acompanhado de bolacha Maizena. Saudades da conversação que se tinha ao redor da mesa da copa. Saudades do sorriso leve que dava quando lhe pedíamos a benção na hora de dormir.

Com os gostos e orgulho de ser caipira. Mesmo sendo filho de um casal que havia sido próspero nos tempos do café. Quando nasceu, já haviam perdido a fortuna com a crise de 1929. Sua mãe conduziu e sustentou a família mantendo uma pensão para os estudantes daquela que viria a ser sua universidade no início da idade adulta. Por ser a única universidade custeada pelo governo, foi esse o critério adotado para que tivesse cursado Odontologia ao invés de História. E foi um excelente dentista, tendo sido nomeado Chefe dos Dentistas em alguns sindicatos pelos quais passou.

E como eu amava ouvir de minha avó, sua mãe, que conosco morou durante toda a vida, as histórias que contava dos antepassados. Uma rica saga, na qual desfilavam lances como o do relógio de ouro que foi deixado com aquele que consideramos o patriarca de nossa família, no início do século XIX. Falava da escravidão, do tempo dos colonos italianos, do passado de mascate de seu pai vindo do Líbano ainda com onze anos de idade. A mudança de Minas para o interior de São Paulo usando carros de boi, no período da Guerra do Paraguai. Das assombrações que ganhavam cores e vida nas falas daquela herdeira de uma tradição de contadoras de histórias, dos tempos em que os entretenimentos nas fazendas eram poucos, algumas me assombram até hoje. Tão encantado com todo esse repertório, eu não alcançava o porquê de meu pai não se interessar pela história da própria família, e sim por gente de terras distantes e áridas.

Pelo arrebatamento que essa história despertou em meu pai, minha mãe teve ciúmes. Um ciúmes contido, mas sincero, que contaminou um tanto os filhos. Hoje compreendo os dois, mãe e pai. Bem fez ele de ter seguido sua paixão. Sua obra justifica e atesta que fez o que deveria ser feito. O Brasil agradece. E minha mãe, companheira abençada, reclamou contidamente, com razão muitas vezes. Efetivamente, meu pai dedicava muito do melhor quinhão de sua vida, inclusive no aspecto financeiro, aos seus estudos. Ele reconhecia. E num certo momento, eu consegui conversar com ele sobre isso, apoiando-o nessa atitude, apesar dos efeitos de suas escolhas. Espero que o Brasil realmente o agradeça.

Carlos Elydio Corrêa de Araújo

ENTREVISTA

UMA CONVERSA ATEMPORAL: PROSEANDO COM ANTÔNIO AMAURY CORRÊA DE ARAÚJO

No dia 10 de julho de 2012, lá se vão 11 anos, recebemos no Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC/UNEB, aquele que era considerado o mais importante pesquisador brasileiro sobre o cangaço, o Dr. Antonio Amaury Corrêa de Araújo, o qual demonstrando boa vontade e, porque não dizer, notável entusiasmo, iria nos conceder uma entrevista para o documentário “Feminino Cangaço”, sobre seu tema preferencial, diríamos mesmo rotineiro. Participavam também do encontro, além de Lucas Viana e eu, Carlos Elydio Corrêa de Araújo, filho do nosso convidado, e o capitão Raimundo Marins – hoje Tenente Coronel da Polícia Militar da Bahia -, historiador e pesquisador do assunto.

Já naqueles dias Antonio Amaury já era uma figura lendária, pelos seus mais de 50 anos de pesquisas e volumosa produção historiográfica, baseadas em centenas de entrevistas, consultas documentais e incontáveis viagens aos cenários de combates entre os bandos cangaceiros e as Forças Policiais que confrontavam nas caatingas nordestinas. Narrava sua experiência com paixão intensa e naturalmente alguma exaltação quando o debate esquentava. Era dono de uma prosa pegajosa, cativante, daquelas que os ouvintes não conseguem se alheiar, dado ao fervor e segurança com que contava suas histórias. Ouviu gente de todo lado: Ex- cangaceiros, chefes e cabras comuns, policiais aposentados, da menor a maior patente, pôs luz sobre as mulheres, coiteiros, rastejadores, poetas e tantos outros investigadores e participantes dos episódios passados. Nos dava a impressão onírica de uma onipresença pontualíssima, em qualquer lugarejo, povoado, cidades grandes e médias, onde o cangaço e suas derivações, entrelaçamentos teóricos e factuais estivessem em discussão, isto porque seu nome sua obra e sua figura humana eram sempre referidos.

Essa entrevista que ora apresentamos aos leitores da ‘Cangaço em Revista’, Vol. 2, corrida mais de uma década da sua gravação, resolvemos transcrevê-la e editá-la, considerando que a presente publicação, celebra e homenageia a memória do querido mestre, nascido, paulista, em 1934 e falecido em 2021, no mesmo estado. O texto escrito nos revelou o legado imperecível deixado por esse paulistano do interior, seduzido para todo sempre pelos sertões nordestinos, como se tivesse “enterrado o umbigo”, naqueles territórios por vezes inóspitos, com seus personagens e acontecimentos incomuns e

assinalados por uma violência advinda dos tempos arcaicos desse Brasil plural e desafiador, isto para não falar da natureza hostil, aos estranhos a ela.

Muitos são os atrativos que os leitores de uma maneira geral encontrarão nessa conversa, agora textual. No entanto, para pesquisadores e estudiosos, estudantes em produção de trabalhos de conclusão de cursos em nível de graduação, na escritura de dissertações de mestrado e teses de doutoramento e especializações acadêmicas, o texto é um prato cheio e variado. Destaco em meio a muitas afirmações inéditas ou pouco divulgadas dois momentos especiais: um no qual ele relata seus encontros pessoais e a troca de correspondências com Sinhô Pereira – Sebastião Pereira da Silva; o outro as gravações realizadas com Sila, Dulce, Aristéia, estas cangaceiras, como também, com dona Mocinha, irmã de Virgulino Ferreira. Cita nomes como o de Corisco Preto personagem desconhecido, - todavia identificado por nós - para renomados pesquisadores que consultamos, assim como de um certo Concriz, o qual permanece sendo uma incógnita, pois apesar de todos os esforços nada encontramos sobre ele. Não passam despercebidas suas discordâncias com os professores e escritores Frederico Pernambucano de Melo e Luitgarde Cavalcanti Barros, estudiosos renomados e reconhecidos nacionalmente da saga cangaceirista e da história popular do Nordeste. Meticuloso nos seus trabalhos de campo, indagava de um e de outro, anotava nas suas famosas cadernetas, ou seja, realizava averiguações exaustivas para sanar suas dúvidas e hesitações.

Para finalizar queremos agradecer ao filho e atual tutor do acervo fabuloso deixado por Amaury, o sempre amável Carlos Elydio Corrêa de Araújo, que nos atendeu habitualmente com presteza, cuidados e sincera boa vontade, nas inúmeras vezes que por Whatsapp ou telefone o requisitamos para esclarecer pontos obscuros, os quais, sozinhos não conseguíamos decodificar no processo de transcrição e edição. Além de nos liberar fotos do acervo familiar para usarmos na capa da publicação.

Aliás, nesse processo de transcrever e editar a fala sonora do entrevistado, cuidaram Lucas Viana e Manoel Neto. Ciosos da tarefa dolorosa, mas, sobremaneira, zelosa, para corrigir trechos e suprimir repetições do próprio Amaury, assim como perguntas longas e reincidentes, com o rigor e a ética inegociáveis de preservar o pensamento daquele que nos confiou generosamente seu testemunho histórico.

Não esquecemos também o apoio inestimável de dos escritores, homens de pesquisa e amigos, Angelo Osmiro, Luiz Rubem Bonfim, Zé Bezerra Lima Irmão e Miguel Teles. Foram sempre obsequiosos em nos atender, disponibilizando informações e seus arquivos particulares, nos enviando uma valiosa coleção de fotos do velho pesquisador.

Em todos que estiveram envolvidos nesta modesta tarefa, dado a grandeza do homenageado, percebemos um sentimento profundo de saudade e uma consciência concreta da falta que Amaury nos faz e fará sempre, apenas dois anos após sua viagem rumo as caatingas celestiais, se é que elas existem, contudo, se elas existirem ele as encontrará!

Manoel Neto

MANOEL NETO: *Amaury, bom dia. Primeiro é agradecer sua presença, sua disponibilidade e de Carlos Elydio, dizendo da honra imensa que nós temos com sua visita e com a sua participação no documentário. A primeira pergunta que me vem é a seguinte: Foi você que foi ao cangaço ou o cangaço que foi até você?*

ANTONIO AMAURY: Olha, para falar a verdade, eu sempre tive, eu digo sempre, porque eu comecei pequeno o interesse em saber quem foram os cangaceiros, quem foi Lampião, quem foi Maria. Eu morava em Araraquara, um lugar que não tem nada a ver com cangaço, centro do estado de São Paulo. Eu procurava encontrar revistas, jornais, fontes de informação sobre o assunto. Isso depois que eu fui despertado para o tema, quando eu tinha 14 para 15 anos. A partir daí, até hoje, eu estou tentando encontrar respostas. Eu acho que foi um acaso que me levou a isso. Na verdade, foi um acaso, porque eu deveria está pensando em bandeirantes, em revolução de 1932¹, eu não tinha nada que me meter com a vida de Lampião.

MN: *Essas informações sobre cangaço, cangaceiros, Nordeste, elas chegavam até você como?*

AA: Quando eu estava em Araraquara, olha, chegavam a conta-gotas através de algumas raríssimas informações em jornais. Nem as revistas não falavam mais em Lampião, a não ser a partir do ano de 1953, quando a revista O Cruzeiro, a falecida O Cruzeiro, teve uma

¹ Revolução Constitucionalista de São Paulo. Sublevação contra o Governo Vargas.

série de reportagens com Luciano Carneiro², que visitou a família de Lampião e levou João Ferreira, irmão de Lampião, até Angico e até locais onde Lampião havia andado.

MN: *Bom, então essas informações, ainda que esparsas e pequenas, chegavam até você em Araraquara?*

AA: Certo.

MN: *Mas você veio para São Paulo?*

AA: Exatamente. Quando eu me formei em odontologia, era o caminho de todo jovem de profissões liberais, era tentar vir para São Paulo, onde a possibilidade de ganhos pecuniários era maior. E eu não escapei a regra, eu fui para São Paulo. Para mim foi uma felicidade, porque eu fui trabalhar na Companhia de Gás de São Paulo, no Sindicato dos Gasistas³. E no meu cargo como dentista, eu tinha um acesso enorme as pessoas que procuravam o consultório. Quando entrava uma pessoa, eu olhava.- “De onde você é?” – “Sou da Bahia, sou de Pernambuco”. Eu olhava a idade, vamos dizer, se fosse um rapaz de 20 anos, provavelmente não tinha informações relevantes. Se era uma pessoa de 40, 50, aí eu já: - “Escuta, de onde você é?” – “Ah, doutor, sou de um lugar que o senhor nunca ouviu falar” – “Mas de onde?”. Eu falava:- “Lampião passou por lá”. Então o cara: - “Ah, o senhor sabe do caso?”. Aí o cara se abria e começava a contar. Muitas vezes me convidavam para ir para a casa dele, no sábado ou no domingo, para conversar com o vizinho, com o parente, aí o cara lembrava: - “Oh, tem o beltrano que encontrou Lampião em tal ocasião”. E era desse jeito.

MN: *Quer dizer, as fontes orais foram...*

AA: Primordiais, para mim foram primordiais. Eu fiz mais de 7 mil entrevistas. Hoje é uma entrevista, eu coloco como uma entrevista o que nós estamos fazendo aqui, porque eu ouço do Capitão Marins uma informação, ouço do Lucas, ouço do Manoel Neto e eu vou colocando aquilo no meu arquivo de memória.

MN: *Bom, as fontes orais eram iniciáticas, sem dúvida. E quais são as suas primeiras leituras mais organizadas sobre o cangaço?*

² Luciano Carneiro (1926-1959). Repórter da cearense que faleceu precocemente aos 33 anos. Apesar do pouco tempo de vida, tornou-se um dos mais importantes e conhecidos jornalistas do seu tempo.

³ Trabalhadores das empresas distribuidoras de Gás.

AA: O primeiro livro que eu li foi o de Optato Gueiros⁴ e também o de Ranulfo Prata.⁵ O de Ranulfo Prata, Lampião teve ele em mãos. Lampião leu aquilo e ficou pê da vida, porque constava umas coisas que na verdade não eram abonadoras a ele, inclusive de sua família. Dizia, por exemplo, que João Ferreira não entrou para o cangaço porque era débil mental. João Ferreira, irmão de Lampião, foi meu hóspede, ficou 23 dias na minha casa. Não tinha nada de anormalidade mental. Eu fui criando a imagem diferente daquela que os livros traziam de um sujeito que andava no mato, acompanhado por alguns assassinos, procurando a quem matar, procurando mulheres para serem estupradas. E na verdade, as pessoas que conviveram com ele contavam a mim uma história muito diferente: – “Lampião chegou lá em casa, tratou todo mundo muito bem, comeu, foi embora, aí veio a volante... e aí que o negócio foi feio”. E contavam episódios que denegriam a imagem da Força.

MN: *Tem uma coisa curiosa na história do cangaceirismo anterior a Lampião. Antes haviam os bandos. Eles aumentavam em determinados períodos, por exemplo, nas grandes secas, o banditismo cresce em determinadas regiões do Nordeste. Lampião, antes de se tornar chefe de grupo, integrou o bando de “Sinhô Pereira”⁶. E houve antes dele, Antônio Silvino⁷, o Jesuíno Brilhante⁸. Como é que você analisa isso?*

AA: Eu analiso da seguinte forma, a única conotação entre seca e cangaço, eu encontraria em Jesuíno Brilhante. Na época de Lampião isso não existiu de forma alguma. Nunca entrou um cangaceiro por causa de seca, na época de Lampião. Na época do Sinhô Pereira também não, porque o problema dele era familiar, era uma luta entre a família Pereira e a família Carvalho. Sinhô Pereira eu conheci melhor do que qualquer outro pesquisador, porque eu fui três vezes conversar pessoalmente com ele, uma das vezes eu fiquei três dias, a outra dois e a outra um, e mantive correspondência com ele através de cartas. Olha, basta dizer que ele era sobrinho neto de um Barão – Barão de Pajeú⁹ - ele não era um “zé ninguém”, a família era uma família abonada. Chegou a ter pessoas da família no governo de Pernambuco. O problema deles era problemas familiares, lutas de família. Agora

⁴ Oficial da Polícia Militar, autor do livro “Lampeão – Memórias de um Ex-Oficial das Forças Volantes” publicado em 1953. Participou também da violenta repressão ao Movimento de Pau-de-Colher, na Bahia, em 1938.

⁵ Ranulfo Prata (1896 -1942). Sergipano de Lagarto, médico e escritor. Contribuiu com a bibliografia do cangaço, nos legando uma obra hoje clássica: “Lampião”, vinda a lume em 1934.

⁶ Sebastião Pereira da Silva (1896-1979). Sinhô Pereira. Nome dos mais expressivos da saga cangaceira, tendo sido chefe de Lampião, que tinha por ele respeito e admiração. Era de família ilustre do sertão.

⁷ Manoel Baptista de Moraes, Antonio Silvino (1875-1944). O último grande nome do cangaço pré-lampião. Foi uma celebridade e sua prisão causou grande repercussão quando ocorreu.

⁸ Jesuíno Alves de Melo Calado (1844-1879). Jesuíno Brilhante. Nascido em Patu, Rio Grande do Norte. Antecede Lampião, Antonio Silvino e outros cangaceiros famosos. Tinha fama de justiceiro e protetor dos pobres.

⁹ Inserção nossa.

cangaceiro com problema de seca, entrar por seca eu desconheço, a não ser esse que eu citei, o Jesuíno Brilhante, mas da época de Lampião não.

MN: Eu não falo da época de Lampião, em verdade eu me referi ao banditismo, não especificamente ao cangaceiro. Na época de Lampião você tem muito mais informações.

AA: Teve seca, claro, teve a de 1915, teve a de 1932. Olha, a de 15 nós podemos, vamos dizer que forçando um pouco, nós podemos dizer que Lampião é fruto da seca de 15. Forçando um pouco. A família de Lampião, no ano de 1915, foi até o Juazeiro do Padre Cícero. Provavelmente pelas dificuldades que encontravam com a seca, foram lá visitar o Padre, pedir a bênção, qualquer coisa. Dos irmãos, ficou um lá na fazenda para cuidar dos animais. Nós fizemos os cálculos, eu e o irmão de Lampião, João Ferreira, e ele disse que ou foi Antônio Ferreira, ou foi Lampião quem ficou. Mas não tem uma afirmativa, taxativa, foi fulano. Pois bem, o que aconteceu? Roubaram alguns animais por causa da carne. O que tinha valor naqueles tempos, que foi implantado por Delmiro Gouveia¹⁰, era o couro. Ele comprava o couro e enviava para a Europa, o Delmiro Gouveia. Mas o ladrão não fez por motivação econômica, fez por necessidade alimentar. Ele roubou os bodes, os cabritos lá, e matou, usou a carne e colocou dentro de um buraco, um fojo, dentro da cozinha, pôs um pilão em cima para esconder as peles, que depois quando a família percebeu que tinha sumido e tal, começaram a procurar, acabaram encontrando na casa desse morador, era João Caboclo, empregado de Zé de Saturnino. José Alves de Barros era o pai de Zé Saturnino. O empregado dele foi quem roubou. O pai de Lampião, quando os filhos descobriram as peles, o pai de Lampião se dirigiu ao vizinho, que era José Alves de Barros, e disse que estava sendo furtado por aquele morador. O filho, que era o Zé de Saturnino, falou que era invenção, quer dizer, acobertou o roubo do funcionário, do empregado. E aí começou a encrenca. Aí ele começou a acusar ao vivo, isso aí pessoas presenciaram, João Ferreira presenciou e Dona Mocinha, que morreu agora no mês de fevereiro de 2012, também assistiu. Porque ela diz que quando o pessoal retornava das frequentes viagens, eles levavam uma cachorrinha na companhia deles, o pai e os irmãos.

E essa cachorra, quando se aproximava a 500 metros ou 1000 metros, ela saltava de cima dos animais onde ela viajava e corria na frente do pessoal, fazendo festa com a família. Então quando eles viam a cachorra chegar, sabiam que os irmãos e o pai estavam se aproximando. Quando viram, o pessoal chegou, ao mesmo tempo chegou o Zé de Saturnino e dois capangas com a acusação de que Virgulino tinha furtado o chocalho de uma criação do vizinho. Lampião falou: -“Não, eu comprei isso aqui em Arco Verde” -“Não, roubou, roubou”, aquela discussão boba, roubou, não roubou, roubou, não roubou. -“Isso daqui é meu e para acabar a conversa...”, Lampião, eu cito Lampião, mas era Virgulino ainda, Lampião pegou duas pedras, amassou e falou: -“Nem para mim, nem para ti, Zé Chocalho”.

¹⁰ Delmiro Augusto da Cruz Gouveia (1863-1917). Empresário nordestino, nascido no Ceará. Rico e poderoso, inovador, granjeou poderosa concorrência e inimigos políticos. Morreu assassinado em 10/10/1917, crime nunca satisfatoriamente esclarecido.

A partir desse dia, ele começou a chamar, ele começou e os irmãos acompanharam, a chamar Zé Saturnino de Zé Chocalho e Zé Muié, porque ele com os dois comparsas, ele se retirou. Então, isso daí, alguém pode contestar, qualquer pessoa pode contestar. Eu tenho como verdade, porque eu recebi as informações de pessoas que estavam presentes, que eram o irmão e a irmã de Lampião.

MN: *Quando é que Virgulino passa a Lampião?*

AA: Foi logo depois desses episódios, porque isso daí que eu estou falando, aconteceu no ano de 1916, 1917. Em 17 foi pior, porque enquanto os velhos, o pai de Saturnino e o pai de Lampião, se entendiam, acalmavam o negócio. Mas em 17 morreu o velho José Alves de Barros e Zé Saturnino, herdeiro, tomou as rédeas da questão e aí complicou realmente muito. Passaram a acontecer tiroteios, perseguições, e nesse vai e vem, ele conseguiu fazer com que a família de Lampião mudasse de estado, mudasse de Pernambuco para Alagoas. Eles tinham sido convidados pelo Antônio Matilde. Antônio Matilde era casado com uma parenta da mãe de Lampião. Quando houve esse casamento, aproximou muito mais Antônio Matilde da família dos Ferreira. Ele foi preso, Zé Saturnino colocou cela no Antônio Matilde, montou, humilhou, prenderam, ele ficou uma semana preso em Vila Bela, que é a Serra Talhada. Quando ele saiu, ele saiu derrotado. Dizem que tirou o chapéu e falou: - “Adeus Vila Bela, não volto mais aqui”, e se retirou, foi procurar um casal que tinha criado ele, que era da família Pereira. E esse pessoal, inclusive antes dele se retirar, ele ficou uns tempos ali e depois foi para Alagoas para a companhia do Coronel Ulisses Luna, que era um coronel muito famoso, que deu muita cobertura para cangaceiros. Mas antes dele fazer essa viagem, ele procurou na Fazenda Bela Vista, ele procurou a Neco Valões e a esposa dele para se despedir e contou o porquê que ele ia embora, que tinha sido humilhado e que ia para Alagoas. E convidou os Ferreira para se deslocarem, para mudarem para esse estado também. E quando aconteceram esses episódios com Virgulino, com a família dele, o pessoal resolveu, o velho resolveu mudar para Alagoas para evitar, porque aquilo vinha num crescendo, ele percebeu que logo ia ter morte, tudo isso, e ele quis evitar. Só que o velho, as informações são dos inimigos, o pessoal de Nazaré foi quem, eu tenho gravado o pessoal de Nazaré contando o que eu vou dizer.

O velho Zé Ferreira era uma pessoa decente, o pai de Lampião, e que evitava de todas as formas o confronto. Ele tirava as armas dos filhos na porta da frente e a mulher dele, Dona Maria, entregava as armas na porta da cozinha. Então ela empurrou inconscientemente os filhos para esse confronto. A afirmação dela é que ela não tinha filho para ficar no caritó¹¹. Bom, essas colocações foram confirmadas pelas pessoas, até pelo João Ferreira, quer dizer, ele fala, colocando a verdade, ele até joga a mãe numa situação problemática, como sendo estimuladora. O pai, dizem que era contrário às brigas. Tem uma versão, pelo menos eu li

¹¹ Caritó – Espécie de prateleira rústica existentes nas antigas casas sertanejas. No caso a mãe de Lampião, queria afirmar que não tinha filhos para que ficassem recolhidos em casa.

uma que é defendida até por Luitgarde Barros no livro “Lampião X Nazarenos: A Última Gesta do Sertão”, que você conhece bem, em que ela diz que Lampião já participava de assalto, furto, e cometia algumas arbitrariedades mesmo antes de se tornar cangaceiro, quer dizer, que havia um histórico de violência na vida dele. Você acha que isso pode ser verdade? Não pode ser, porque nós temos que colocar, tinha dois tipos de cangaceiros: era o cangaceiro volante, como foi Lampião no fim da vida, e cangaceiro manso. No início Lampião foi um cangaceiro manso. Quem era o cangaceiro manso? O cangaceiro manso era um sujeito que todo mundo sabia onde ele morava. Quando você precisava de alguém para fazer um trabalho de trabuco, procurava, não estou taxando Lampião de pistoleiro, pistoleiro é uma outra graduação. Agora, no início, ele tinha lutas contra Zé Saturnino, matou o gado de Zé Saturnino na Fazenda Lagoa da Lage. Inclusive, Zé Saturnino era sobrinho, não sei se vocês sabem, era sobrinho de um grande cangaceiro, respeitabilíssimo na época do cangaço¹². Zé Saturnino foi lá, pediu ajuda a ele, ele veio junto com alguns cabras dele para enfrentar o pessoal de Lampião, tiveram um tiroteio, eles mataram Gino, que era sobrinho do Antônio Matilde, que estava junto com Virgulino. Um negro famoso, tinha uma pontaria muito boa. Esse negro pediu para dar o primeiro tiro que ele queria acertar a Virgulino. E na hora de atirar, Lampião ouviu o estalo, pulou no chão e falou: - “Aprende atirar, nêgo fio da puta!”, e aí ele errou. Só que Lampião, isso daí que eu estou contando, aconteceu no ano de 1919, fim de 1918, segundo semestre de 18 para 19. E esse negro, Lampião pegou ele no ano de 1925, ele estava com mais quatro companheiros, cercou a casa que ele estava. Antes de cercar, os moradores falaram: - “Olha, vai embora, que Lampião vem aí”. Ele falou: - “Eu lá tenho medo daquele moleque!”. Ficou e aguentou o fogo até onde pôde. Lampião foi muito esperto, pegou uma cerca, jogou em volta da casa, botou fogo, o pessoal teve que fugir, dos cinco que estavam lá só tinha sobrado ele, ele saltou dentro do rio Pajeú e morreu afogado. Depois tiraram o cadáver.

MN: *Nas suas conversas com o Sinhô Pereira, você chegou a considerar com ele, se ele já enxergava em Lampião essas qualidades de liderança, de estrategista que o caracterizariam posteriormente?*

AA: Sim, eu falei para ele. Eu falei: - “Como é que o senhor percebeu isso?”. Ele falou: - “Olha, quando ele chegou na minha presença, ele veio comandando os irmãos e ele era mais novo. Eu recebi ele como um igual”, o Sinhô Pereira falando. E é muito interessante porque até o próprio irmão de Lampião falou que nos primeiros entreveros quem tomava a frente era Antônio, que era o primogênito, que é uma coisa normal, o primogênito tem prioridade sempre. Mas o Virgulino falava: - “Olha, isso assim não vai dar certo”. - “Não, mas vai ser assim”. Fazia, não dava certo. Vai de novo. - “Olha, vamos fazer assim, não vai dar certo”. Olha, quando fez várias vezes e não dava certo, aí o irmão falou: - “Olha, então

¹² Trata-se de Cassimiro Honório. Possuía dezenas de cabras a seu serviço, muito dos quais combateram na briga de Lagoa do Lage, embate do qual o próprio Cassimiro participou. Morreu algum tempo depois de ataque cardíaco, no ano de 1925.

você toma a frente aí que você sabe mais”. Foi o que aconteceu. E o Sinhô Pereira disse que quando ele veio lá para o bando, ele é quem comandava os irmãos. Só um adendo, olha, você sabe, eu não sei se é de seu conhecimento, mas além desses irmãos de Lampião, tinha um outro irmão de criação que acompanhou também, Antônio Rosa Ventura¹³. Antônio Rosa Ventura foi um elemento que nas lutas do cangaço, foi o braço direito de Lampião, nas retaguardas, diz que ele e Antônio Ferreira eram especialistas nas retaguardas dos combates. E esse rapaz foi morto por um irmão de Lampião, nenhum livro quase fala isso, na Fazenda Constantino, em Pernambuco. Era quem fazia esse tipo de trabalho. Depois ele se tornou, formou um grupo, fez assaltos, e acabou morrendo.

MN: *A subdivisão do grupo atenderia a o quê?*

AA: Olha, eu acho que o grupo, pelo que me parece, o grupo todo unido era muito mais fácil de ser encontrado, porque você dividindo em grupos menores era mais fácil do sujeito se esconder. E, além do quê, alguns elementos tinham a pretensão de ter seu grupo próprio. Sabino tinha isso, Corisco teve isso, Zé Sereno teve isso, quer dizer, o sujeito já logo de cara, o próprio Virgínio, o Virgínio Fortunato, cunhado de Lampião, quando entrou também teve um grupo de 18 homens. Então isso daí chama muito a atenção.

TEN-CEL RAIMUNDO MARINS: *Inclusive isso, pelo que eu já percebi olhando pela literatura da Polícia, contribuiu muito para a formação do mito de Lampião. Porque as pessoas tinham no imaginário delas que ele estava em diferentes lugares.*

AA: Exatamente.

TCRM: *Então cobriam um território muito maior. Hoje, Lampião está aqui. Amanhã, Lampião já está em outra cidade.*

MN: *O que me chama a atenção também é que é uma mão de obra farta. Você tem uma disponibilidade de pessoas para constituir esses subgrupos*

AA: Manoel, é muito mais do que isso. Você sabe por quê? O que tinha de elementos interessados em entrar no bando e foram rejeitados é enorme o número. Quer dizer, não faltou nunca mão de obra para ele. Mão de obra como cabra. Quantas pessoas: – “Ah, eu quis entrar e Lampião não deixou”.

¹³ Alagoano de Mata Grande. Efetivamente fez parte do bando de Lampião que teria encomendado seu assassinato, por não gostar de sua liderança ascendente. Sua morte ocorrida em julho de 1924, comporta várias versões. Teria sido morto no dia 09/07/1924, por Levino Ferreira, também seu irmão adotivo, a mando de Virgulino. Outra narrativa afirma que teria morrido em combate com a Polícia em 19/07/1924. Outra hipótese é que tenha sido eliminado por Antonio Ferreira.

MN: *A causa específica que foi determinante, Amaury, para Lampião entrar no cangaço e parte de seus irmãos, de seus familiares, está muito claro. É um incidente, uma querela com vizinhos, que é até meio clássica no Nordeste. Agora, quando é que Lampião se torna efetivamente um profissional no cangaço?*

AA: Pronto... Quando aconteceu essa viagem, essa mudança que eles fizeram, eu já fui lá no lugar onde eles moraram e fui no lugar onde aconteceu a morte do pai e da mãe também, aconteceu um fato curioso. João Ferreira, esse que foi meu hóspede, foi o causador involuntário dos episódios que eu vou narrar. Naqueles dias, eles tinham recebido a visita de uma irmã que era recém casada com Luiz Marim cujo filho está morando em Curitiba atualmente, se estiver vivo. Eles estavam lá na casa do sogro e eles tinham uma menina chamada Alica, que teve problema auditivo e ficava chorando por dor de ouvido. Eles tentaram aqueles remédios caseiros, não conseguiram resolver o problema e pediram para João ir até Água Branca, que é Alagoas, o episódio todo aconteceu em Alagoas, buscar um remédio na botica, na farmácia. João foi para comprar o remédio e Amarilho Vilar Batista, o delegado, prendeu o João. Qual a acusação? - “Esse é o irmão dos bandidos, ele veio buscar munição para os irmãos”. Ele explicou que era por causa da menina. Entrou por um ouvido, saiu por outro e ficou preso. Não voltou para casa, alguém da cidade que já conhecia a família correu até onde eles moravam, lá na casa, e deu o alerta de que João estava preso. Aí Virgulino e os irmãos ameaçaram de ir até a cidade. Falaram para a pessoa: - “Olha, fala para o delegado soltar o nosso irmão, senão nós vamos lá retirá-lo a bala”. O sujeito voltou lá para a cidade, falou com Amarilho e estabeleceu o horário, até às 5 horas. Não aconteceu nada, não soltou, o sujeito foi de novo lá. Aquela noite, João ficou preso, ficou acorrentado, não era amarrado, era acorrentado em cima de uma mesa e com uma gargalheira que os escravos usavam. Provavelmente uma corrente de escravos que prendeu João, e ele deitado em cima da mesa. Ele disse que a noite, isso ele contando para mim, ele dizia, uma noite terrível, porque não sabia o que podia acontecer. A ameaça do delegado: - “Na hora que seus irmãos chegarem, você é o primeiro a morrer”. A ameaça era essa. Aí raiou o dia, voltou a pessoa lá no sítio onde eles moravam. Ficou aquele leva e trás. Chegou até no ponto em que o pessoal falou: - “Nós vamos buscar o João”, e foram. Só que tem um riacho lá, eu vi o riacho, inclusive. O Amarilho antecipou-se com uma tropa de “cachimbos¹⁴” e fez uma emboscada. Quando os rapazes se aproximaram do riacho, o Amarilho mandou bala e teve a resposta de Virgulino e dos outros. O que aconteceu? O pessoal correu. Dizem, e eu não posso afirmar nada, é o que eu ouvi lá, pode ser exagero, dizem que quando se aproximaram da cidade, o Amarilho mandou alguém, um dos que estavam com ele, buscar calça porque ele tinha se sujado nas calças. Quer dizer, é o que consta.

Aí ficou decidido o que o Amarilho fez. Ele retirou João Ferreira de onde estava e levou para um outro prédio que eu acho que hoje é da prefeitura. Eu estive lá e conversei que era

¹⁴ Paisanos contratados a soldo para combater os cangaceiros.

um prédio que poderia oferecer maior resistência, maior garantia, um prédio melhor. Aí aquele negócio vai, não vai, solta, não solta, o fato é que o Amarelho acabou soltando o João. O João pegou o cavalo que tinha ficado lá no quintal de alguém, voltou para casa. Quando ele chegou perto da casa, ele ouviu a cancela bater. Ele dizendo a mim, ele falou: - “Aí eu falei, são os meninos que vão me buscar.” E de fato era Virgulino, o Luiz Marim, que era o pai da criança lá de quem eu falei, a Lica, e o Antônio Rosa Ventura, e o Livino, que iam lá pegar o preso. Aí o velho pegou e falou: - “Nós não ficamos mais aqui, vamos embora”. O pai de Lampião: - “Nós não vamos passar amanhã aqui”. Só um parêntese. Nessas viagens, eles foram perdendo tudo que tinham. Só permaneceu, de propriedade dele, os animais que eles faziam o transporte como almocreves. Eles pegaram, parece que tinha uma cama, segundo eles falaram, tinha mais alguma coisa lá, e viajaram para cá e pararam na casa do Luiz Fragoso. Eu fui lá nesse Luiz Fragoso, existiam três casas. Uma, a casa do dono, Luiz Fragoso, na outra casa, um filho dele, que também se chamava Luiz Fragoso Filho e uma terceira casa que estava sem morador. Quando eles chegaram lá, o pai de Lampião pediu rancho. O velho falou: - “Olha, pode ficar aqui”, e eles ficaram. E o velho tomou o caminho de Mata Grande para abastecer, comprar comida, porque naquela correria toda não tinha mais nada. Os filhos, Lampião e os outros, não acompanharam a família. Isso é muito importante. Para onde eles foram? Eles foram para Santa Cruz da Baixa Verde. Santa Cruz da Baixa Verde é próximo a Triunfo. É um local onde eles possuíam uma propriedade que era cuidada por um irmão do pai de Lampião. Quando ele começou a caminhada para ir buscar comida, o pessoal ficou ali. A mulher dele disse que acorrou-se conversando com a filha de um Fragoso. Daí, a pouco, ela falou: - “João, acorde que sua mãe está morrendo”. Foi um ataque fulminante, embora ela já tivesse tido alguns. Uma situação desgraçada dessa, os filhos sempre podendo ser mortos de uma hora para outra, deve ter causado uma pressão muito grande, isso daí só um médico é quem poderia fazer uma análise melhor. Daí, a mulher morreu. Correram chamar o velho, que estava a um quilômetro de distância, não mais do que isso, ele retornou e mandaram alguém avisar os filhos. Os filhos vieram, fizeram o enterro, enterraram em Santa Cruz do Deserto¹⁵. Eu estive lá. Não tem o cemitério, onde era o cemitério hoje é a agência de correio. Bom, deve estar enterrado os restos mortais, os ossos, devem estar nesse local. O pessoal, desarmado, os filhos fizeram esse enterro e saíram novamente. Aí ficou João e o velho, Livino, o pequeno Ezequiel, as irmãs, Dona Mocinha também pequena, Anália menor ainda e ficaram ali para ver o que seria decidido. Quando decidiram ir embora, isso aconteceu no dia 20 de maio, do ano de 1920, 18 dias depois eles falaram que não podiam mais ficar aqui, que iam embora. Durante esses 18 dias, o João e o pai dormiam no mato, porque havia o receio que a polícia pudesse chegar. E foi o que aconteceu 18 dias depois, é 8 ou 9, do mês seguinte, no dia 9 de junho. Como dormiam no mato, o velho levantou-se, passou na casa do Fragoso, a filha dele pediu: - “Olha o senhor, faz favor, tira os leites da vaca aí, e o senhor toma café aqui”. Inclusive, ele pegou umas espigas de milho para dar para os

¹⁵ Povoado alagoano.

animais. João ficou cagando no mato, foi a sorte dele, se ele vai junto com o pai, ele teria morrido. De repente ele escutou os tiros, ele ficou quieto lá e só se retirou do local onde estava, quando o tiroteio cessou. Aí foi lá e estava. O curioso, isso é muito importante, como as coisas acontecem, a polícia não foi atrás de Lampião e nem dos irmãos, ela foi atrás do filho do Luís Frágoso, que era criminoso. Sobrou pro pai de Lampião, que acabou morrendo. A morte até é um tanto quanto duvidosa, a morte dele. Uns dizem que foi tiro. Agora, a dona Mocinha, filha, que era pequena, ela diz que o pessoal lá dizia que o pai dela foi levado para um quarto e apunhalado pelo Amarelho Batista, o delegado, e pelo sargento que tomava conta do destacamento de Pariconha¹⁶, que tinha sido humilhado por eles. Os dois é que devem ter feito o serviço. E ela diz que o povo dizia que no local onde ele foi esfaqueado, ficou muito sangue e que se passou, não sei se é um ano, ela dizia a data lá, não sei, meses, meses, meses, sem que o sangue fosse limpo. O sangue permaneceu. Pode ser até uma fantasia, não sei, mas é o que consta. Vai uma pessoa avisar os rapazes da morte do pai, quando eles voltam, já tinha ocorrido o enterro. Aí é o que você pergunta. Lampião chegou, falou para os irmãos: - “Quem quiser...”, eu estou repetindo o que João Ferreira narrou a mim. - “Quem quiser me acompanhar, me acompanhe, porque as meninas vão ficar, João vai ficar para cuidar das meninas...”. Quando ele dizia as meninas, evidentemente que estava também o Ezequiel que era pequeno. - “Porque de hoje em diante, eu vou matar até morrer”. E cumpriu a palavra.

MN: *O que é que Lampião traz de novo para o cangaço? Enquanto tática, enquanto estratégia, enquanto modo de organização. Enfim, o que é que muda no cangaço com Lampião?*

AA: Só que antes de responder, eu queria dizer o seguinte: Lampião e os irmãos souberam que foi a volante de Zé Lucena, que tinha feito aquele morticínio ali e eles foram cercar a volta, foram fazer uma emboscada. Fizeram dois tiroteios contra o pessoal de Zé Lucena. Dizem, eu entrevistei, inclusive, soldados de Zé Lucena, soldados daquela época, não é posterior, daquela época. Zé Lucena, segundo os soldados, sempre andava na testa da coluna, ele encabeçava a coluna dele e o pessoal, me refiro a Lampião e os irmãos, que não era Lampião ainda, era o Virgulino, resolveu fazer a emboscada num local em que era certeza que eles passariam. Como de fato passaram. Aí eles mandaram bala. Então, o cara que estava na frente levou 42 tiros. Quer dizer, eles queriam é pegar o Lucena. Bom, acabou o tiroteio. Nesse dia era um outro soldado, coitado, que estava em primeiro lugar. O destino é algo imutável. Quando retorna novamente, vamos emboscar de novo, porque souberam que o cara tinha escapado, foram emboscar. Só que aí já estava um tanto quanto de noite. Foi quando alguém derrubou um... dizem que era bala, outros dizem que era cigarro e falou para Virgulino: - “Ô Virgulino, eu não estou enxergando aqui”. Ele falou: - “Olha, eu vou atirar, no clarão do tiro você pega”. Aí pá, pá, pá, pá, atirando, acendendo a

¹⁶ Antiga povoação de Alagoas, hoje elevada a condição de cidade.

chama na boca do rifle. Nesse tempo eles ainda usavam o rifle. É outra resposta para essa que você fez a pergunta. Ele atirava e falava: - “Acende de lampião!”. Isso é muito interessante, essa afirmação, porque você estabelece a data em que ele ganhou o apelido. Nesses 15 dias mudou a história da vida dele, porque ele ganhou o vulgo de Lampião, chegou no bando de Sinhô Pereira, porque ele não conseguiu pegar o Zé Lucena e procurou o Sinhô Pereira, porque Sinhô Pereira tinha os mesmos inimigos que ele tinha. Têm vários autores que dizem que quando ele chegou, o Sinhô Pereira botou o apelido nele de Lampião. O Sinhô Pereira falou para mim: - “Não, quando ele chegou aqui na minha presença, ele já vinha com o apelido de Lampião”. Aí eu falei: - “Mas escuta, o senhor tinha uma pessoa junto com o senhor, um cabra, que era o Cajueiro, e dizem que foi o Cajueiro que...” Ele disse: - “Não, não foi”. O Cajueiro ainda era vivo e morava próximo ao Sinhô Pereira, coisa de uns... lembra, Carlos, que nós fomos lá na fazenda dele? E eu repeti a pergunta. Eu queria a informação, eu acho importantíssima, do apelido. Aí o Cajueiro falou: - “Não, ele já veio com o apelido. Não fui eu que dei não”. Se fosse ele, seria engrandecedor para ele. - “Ah, fui eu que dei o apelido”. Disse que não. O apelido ele já trouxe. Foi nesse negócio aí, nesse combate.

Bom, agora eu vou responder a sua pergunta. Lampião, quando foi para Mossoró, ele tinha estado no ano anterior, em março de 1926, ele tinha estado no Juazeiro, onde recebeu armas, munição e dinheiro para perseguir a Coluna Prestes. Eu vou contar uma coisa para vocês e eu não vou ter como provar hoje, mas quem quiser até deve ter condições de provar. O general, que era o Peregrino¹⁷, era tenente na época da Coluna Prestes e ele servia no estado maior, no Rio de Janeiro. Zacharias, esse meu amigo que me jogou na história do cangaço, foi hóspede dele. Ele afirmava, o general Peregrino afirmava que foi decidido no Ministério da Guerra que deveriam combater Prestes de qualquer jeito, inclusive, convidando o grupo de Lampião para participar. Lampião foi convidado, o encarregado foi o Floro Bartolomeu¹⁸. Floro Bartolomeu ficou doente, voltou para o Rio, morreu no dia 7 ou 8 de março de 1926. Quer dizer, ele não estava presente, mas ele passou a procuração para o padre Cícero assinar uma carta pedindo a presença de Lampião para enfrentar a Coluna Prestes. Ele acabou aceitando o convite e foi quando aconteceu o recebimento da patente, também das armas, da munição, do dinheiro e essas armas, que eram fuzis do Exército, até aquela época eles usavam rifle. Alguns cangaceiros, Lampião usava fuzil. Por quê? Porque eles andavam matando alguns soldados e pegavam o fuzil do soldado, porque o fuzil, nós temos aqui o Capitão Marins que sabe que o fuzil, a potência de fogo é muito maior do que o rifle. O rifle, Lampião dizia, inclusive quando ele entrou aqui na Bahia: - “Diga para Vital Soares¹⁹ que não mande soldado com rifle para brigar comigo, porque

¹⁷ General Humberto Peregrino (1911-2003). Oficial do Exército, historiador e pesquisador e escritor. Membro do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro. Entre outros títulos publicou “História de não Contar – Cenas e tipos à Margem da Vida Militar”.

¹⁸ Floro Bartolomeu da Costa (1876-1926). Médico baiano radicado no Ceará, onde exerceu intensa atividade política, tendo sido aliado do Padre Cícero Romão Batista. Caudilho poderoso e influente.

¹⁹ Vital Henrique Batista Soares (1874 -1933). Médico e político baiano que governou o estado entre 1928 e 1930.

depois de 30 tiros, eu bato de cinturão”. Quando ele foi para o Mossoró, aí sim, o pessoal estava todo com fuzil, porque ele recebeu. Olha, a partir daí era um pega difícil, viu? Ele tinha uma vantagem sobre a Polícia. Eu tenho munição da Polícia, do tiroteio da Maranduba, a munição é de 1912, 1913, e tenho também de cangaceiros que lutaram lá naquele dia. A munição é de 1930, quer dizer, de 12 para 30. Vamos lá, chefe, mais alguma colocação sobre a transformação?

MN: *O que é que Lampião inova no cangaço? Isso é fundamental, quer dizer, essa coisa do apelido está resolvido, a causa, mas para mim, na minha opinião, a grande referência são as alterações estratégicas e táticas...*

AA: Certo, certo. Por exemplo, ele estabeleceu os subgrupos. Quando ele foi para Mossoró, ele tinha o subgrupo do Jararaca, o subgrupo do Sabino, e também do Massilon. Eram subgrupos, não faziam parte do grupo de Lampião. Mas quando ele fazia o apelo, o chamado, esse pessoal vinha. Foi uma modificação na história do cangaço, uma alteração. Agora, quanto a forma de luta, isso daí, o sertanejo, acho que já nascia com isso aí, era intrínseco, viu?

CARLOS ELYDIO: *A amarração do rifle, essas inovações são técnicas.*

AA: Pronto, foi quando aconteceu de ele ser chamado de Lampião, o rifle peado. Você deve conhecer, um lenço ou uma correia de couro que não deixa fazer o movimento todo. Quer dizer, está sempre atirando como se fosse uma metralhadora. Pá, pá, pá, pá, pá, pá, a sequência. Isso daí foi obra e arte dele.

MN: *Que é um saque.*

AA: Manoel, você sabe quando foi que Lampião enfrentou metralhadora pela primeira vez? Foi no tiroteio da Serra Grande. Ele enfrentou duas, não foi uma, foram duas metralhadoras. Só que ele teve, inclusive, a sorte de que a primeira já engasgou logo de cara. Aí ficou uma só e foi o que salvou a tropa, porque, senão, eram 298 soldados. Olha, você sabe qual foi o prejuízo que a tropa teve? Entre deserção, ferimento e mortos, 45, rapaz, isso daí dá 20% do total. Isso daí o senhor capitão como militar sabe que isso é terrível. Olha, que Lampião foi um líder, bom, não é o caso, mas vou até citar. Vocês sabem, quando o Che Guevara, o Fidel, fizeram treinamento lá na península de Yucatán no México, você sabe que eles tinham aula teórica também. Você sabe que livro que eles liam? Sobre a vida de Lampião. Qual que tinha? Tinha o do Ranulfo Prata na época²⁰. Mas era citado Lampião como exemplo de guerrilheiro. Parece um absurdo, um sertanejo aqui de

²⁰ Não encontramos confirmação sobre essa afirmativa do mestre Amaury. Como ele não cita a fonte e outros autores e publicações não reportam o fato, fica a indagação: fato ou lenda?

Pernambuco, praticamente ignorante, vamos dizer assim, servir de exemplo para uma revolução que deu o sucesso que deu.

MN: *Tem uma série de afirmações, aí a gente sabe que a fantasia e o imaginário entram adoidado.*

AA: Sim, sim, sim.

MN: *Mas tem algumas coisas, por exemplo, de despistamento, usar a alpercata ao contrário. Isso vem com Lampião ou já existia?*

AA: Não, isso veio com ele. Inclusive tem coisas interessantes que até o pessoal nem sabe. Dadá contou para mim que cada chefe de grupo usava aquilo que ele julgava que seria interessante para o pessoal dele usar. A Dadá disse que para o cachorro não deixar a marca, ela mandou fazer, mandou fazer não, pegou mataram lá um carneiro, você coloca os pelos para o lado de fora, fez uma botazinha. Disse que o cachorro não gostava porque deve ser incômodo, mas não deixava a marca. Isso daí ninguém fala, mas Dadá contou para mim, eu devo até ter gravado. Isso daí não tem Frederico, não tem ninguém que recebeu esse tipo de informação.

MN: *Como, por exemplo, evitar as estradas principais e caminhar também por dentro da caatinga?*

AA: Sim, sim. Olha, o sujeito estava jogando com a vida dele, ele tinha que aprimorar aquilo. Não usavam, viu capitão, o fuzil de bandoleira. Não usavam. Era no braço aqui, desviando, não deixava a marca da mira no galho, porque o rastejador vinha atrás: - “Opa, aqui, olha aqui.” A questão da ‘percata’, eu falei, pô, eu falei até para Dadá: - “Escuta aqui, como é? Eu tenho a ‘percata’. Mas como é que é? Não tem como?”. Invertia o calcanhar! Você põe o calcanhar aqui na frente. Está percebendo? Quer dizer, o pessoal era imaginativo, era criativo. Mandavam um sapateiro ou eles mesmo. Balão²¹ fez para mim, Balão fez. Pegava, coloca o calcanhar aqui, deve dar algum desconforto para caminhar, mas você está preservando sua vida. O último cara, vamos aqui numa fila indiana, o último cara vem com um ramo de mato folhudo, apagando o rastro. Os outros vão caminhando mais livres.

MN: *Isso era sistemático?*

²¹ Guilherme Alves, o Balão (1910 -1992). Foi o maior opositor da entrada de mulheres para nos grupos de cangaço, alegando que presença delas “amolecia os cabras, ao passo que quebrava a proteção dos mesmos, nos combates com as volantes. Era baiano de Paulo Afonso.

AA: Sim. A história para se falar de Lampião, rapaz, nós precisamos de um mês, porque veja só, no caso da morte de Lampião, eu já vi outras pessoas dizendo: – “Não, mas tinha a sentinela.” A sentinela tinha de dia, quando da morte de Lampião. A sentinela de dia sempre teve, à noite só se mantinha a sentinela quando havia a suspeita de que tinha uma Força próxima. Outra coisa, você já viu falar, pegar uns chocalhos pequenos, você tem um acampamento seu, seu coito, pega em umas árvores, passa aquilo lá, escurece com carvão, pra de noite ninguém ver, coloca a um palmo do chão, na hora que o soldado lá ou quem for andando bate ali, faz o som. Eles fizeram isso. Inclusive, quando nasceu a filha de Mariano com a Otília, tiveram esse cuidado de fazer. Dadá estava também presente. Então, o pessoal usava de artimanhas que ninguém tinha ideia.

MN: *O combate ao cangaço, ele vai também, evidentemente, evoluindo. Me parece que o acordo entre os estados nordestinos mais castigados pelo cangaço²², que abole as fronteiras entre eles para a ação policial, é decisivo e é um passo estratégico também muito importante no combate ao cangaço. Isso teria sido a causa fundamental, da migração de Lampião e seu bando para a Bahia?*

AA: Olha, no meu modo de entender, eu acho que foi o aperto que eles levaram em Mossoró em 1927, aquilo a polícia falou: – “Pô, não é possível uma cidade grande”, era a segunda cidade do Estado. Eles apertaram de tal forma que o bando começou muita gente a fugir, a deixar as fileiras, outros foram presos, outros capturados. O bando diminuiu tremendamente. No retorno que eles fizeram em 1928, eles voltaram em 27 é claro, mas em 28 eles estavam no Cariri e o que aconteceu? Lá na fazenda da Piçarra, eu estive lá, conversei. Foi uma das melhores entrevistas que eu fiz na minha vida de pesquisador. O Antônio Teixeira Leite, que era o Antônio da Piçarra, ele contou para mim, ele jogou a tropa em cima de Lampião, ele era coiteiro, mas botaram ele numa sinuca danada, ou ele morria, ele achou melhor que morresse Lampião, só que Lampião não morreu, morreu o Sabino. E é muito curioso, ele começa a entrevista comigo quando eu falo: - “Olha, o senhor é muito homem”. Eu falei para ele, para o coiteiro, ele falou para mim: – “Não, Lampião foi muito mais homem do que eu”. Eu falei: - “Mas como assim, Sr. Antônio?”. Ele falou: - “Eu estava traindo ele e ele estava me defendendo”. Rapaz, olha, caiu a cara, a minha cara caiu, viu? O Sabino²³ disse para Lampião: - “Olha, eu estou desconfiado, eu acho que o Sr. Antônio está traindo a gente”. E Lampião falou: - “Não, se ele cavar um buraco e mandar eu entrar dentro, eu entro”. Eu tenho isso gravado e o que aconteceu foi que ele, Sabino, é que levou o tiro e acabou morrendo uns dias depois.

²² Vários acordos com esse teor foram assinados em diferentes épocas, entretanto, o mais abrangente é o firmado em 12 de julho de 1935, quando todos os Estados da região foram signatários.

²³ Sabino Gomes de Góis ou Sabino Gomes de Melo. Paraibano de Itaporanga. Era conhecido pela sua coragem e destemor. Sua morte é controversa. Existem versões diferentes. Sobre esse e outros cangaceiros, sugerimos a leitura do livro “Cangaceiros de Lampião – de A a Z”, de Bismark Martins de Oliveira. Publicado em 2020.

MN: *No que diz respeito a essa passagem para a Bahia, ele passa para o Estado com um bando bastante reduzido.*

AA: Ele mais cinco²⁴.

MN: *E ele aqui, me parece, ele tem um período de descanso, que me parece que é um período de reflexão. Mas, além de todas essas alterações estratégicas, ele criou uma rede de apoio, uma rede logística que é extraordinária. Então, pergunto, isso associado a um coiteiro. Quem são esses coiteiros? Eles são sempre pessoas socialmente bem postas ou eles variam? Cada coiteiro tem um papel em lugares diferentes? Qual é o papel do coiteiro na manutenção da vida do cangaço?*

AA: Olha, veja só, um coiteiro pobre, o que ele poderia fornecer? Ele poderia dar um abrigo, alguma comida que geralmente o cangaceiro dava o dinheiro para ele comprar na feira, porque muitos eram tão pobres que não tinham nem para fornecer, tinham que buscar. Os que tinham recursos eram aqueles que forneciam munição e armas. Você não pode esperar que um sertanejo matuto, que não tem nada, vá obter munição e fuzil ou metralhadora, até como o Lampião queria, que obteve, mas obteve sem o municionador, que era lá do Tanque do Touro²⁵.

MN: *Então esses coiteiros tinham um papel definido?*

AA: É, o sujeito era mais ou menos. Fulano de tal, manda ele trazer comida, informações, isso eles eram ótimos, porque não despertavam atenção. O sujeito tinha que ir na cidade comprar comida, isso não era proibido. Quando aconteceu a seca de João Miguel²⁶, atrapalhou os cangaceiros. Não há dúvida nenhuma que atrapalhou, mas eles já estavam tão acostumados. Isso que é importante dizer, a vida do cangaceiro foi uma desgraça. A vida pessoal deles, esse negócio de querer colocar cangaceiro tomando whisky, tomando champanhe, vermute, essas coisas. Isso daí era excepcionalmente quando ia na casa de alguém. Não tinha essa questão de comida de luxo. Lampião não tinha pretensão de participar de elite nenhuma. Não tinha condição, meu Deus... Eu citei o livro do Pericás²⁷. Lá diz que o cangaceiro falava latim, falava inglês, falava francês. O sujeito não sabia escrever o nome, a maioria era analfabeta. Lampião sabia mandar um bilhete. Isso daí é só pegar e ver as estatísticas de ensino daquele tempo, de 1930. Não tem, por mais que queira

²⁴ Lampião adentrou território baiano, no dia 21 de agosto de 1928, acompanhado Ezequiel Ponto Fino, Virgínio (Moderno), Luis Pedro, Mariano e Mergulhão.

²⁵ Fazenda localizada em Paulo Afonso, Bahia. Neste local, na Lagoa do Mel, morreu em combate Ezequiel Ponto Fino, irmão mais novo de Lampião.

²⁶ Sobre o assunto consultar o livro “Lampião – A Raposa das Caatingas”, de José Bezerra Lima Irmão.

²⁷ “Os Cangaceiros”. Obra de Luiz Bernardo Pericás.

colocar na cabeça de alguém isso, não havia essa possibilidade. Dadá era analfabeta, Sila era praticamente analfabeta. As mulheres pior ainda, porque os pais não queriam que a mulher aprendesse a escrever, a ler, para não trocar carta com o namorado. Era o pensamento bruto do sertanejo.

MN: *Amaury, eu falei que muda a Polícia também. As volantes mudam o comportamento. O que é mais significativo nessa mudança no processo de enfrentamento com os bandos armados de cangaceiros?*

AA: Eu acho que no caso da Polícia não teve grande transformação, porque eles tinham que ir atrás de quem estava na frente deles, eles iam perseguir. A contra informação deles era o rastejador. O rastejador era figura importantíssima. A maioria dos fracassos que Lampião teve, foi por conta de rastejadores.

MN: *Esses rastejadores eram recrutados aonde?*

AA: Dependia da habilidade de cada um. Por exemplo, o capitão aqui conhece os elementos que trabalham com ele. Fulano tem condição para isso e outro para aquilo. Zé Rufino tinha o Leonídio. Eu conheci vários rastejadores. Eu tenho gravações com vários rastejadores e era a figura mais visada quando de um combate. O primeiro que parava a bala no peito era o rastejador. Antônio Isidoro, que você vê nas imagens de Zé Rufino mostrando o braço dele, ele tomou tiro porque ele estava como um rastejador ali na frente.

MN: *Em que ano, efetivamente, Lampião atravessa a fronteira e ingressa na Bahia?*

AA: Entre o dia 20 e 22 de agosto de 1928. Aí, imediatamente, no dia seguinte, o pessoal do Pernambuco já estava atrás dele, fazendo desgraça na Bahia. O pessoal abriu o bico. Eu ia até citar um caso, mas deixa para lá... O pessoal reclamou o máximo possível, aí no mês seguinte, o governo de Pernambuco recolheu aquele pessoal.

MN: *Você fala dos nazarenos, Mané Neto, Odilon Flor²⁸.*

AA: Exatamente.

MN: *Quando eu me referia ao coiteiro, eu estava já pensando no Coronel Petronilho, que é o primeiro contato de Lampião na Bahia.*

²⁸ Homens naturais de Nazaré do Pico, em Pernambuco, que se converteram em ferozes adversários de Lampião, com o qual travaram violentos combates.

AA: É, o primeiro contato importante, porque, na verdade, o primeiro foi com a Dona Ingrácia. Aliás, a família de Dona Ingrácia, eu já comentei em *off* com vocês, foi quem deu o maior número de cangaceiros para o grupo de Lampião. Foram 22 ou 23 cangaceiros. Antônio de Ingrácia, Cirilo de Ingrácia, eram filhos dela.

MN: *Ela quase que bate de frente com Poço Redondo, em Sergipe.*

AA: Olha, é verdade. O Poço Redondo ali tem um exagero, viu? Estão botando cangaceiro a mais, viu?

MN: *Mas me diga uma coisa... Eu falei isso porque o Coronel Petro vai ser uma espécie de comparsa, de sócio de Lampião. Lampião, nos primeiros momentos, nos primeiros meses na Bahia, se acomoda e leva vida pacata, recolhida, discreta.*

AA: Inclusive, se tornou admirado aqui no sertão tudo, porque o pessoal falava: – “Não, não é aquele bandido que se dizia, aquele monstro”. Realmente, para ele foi uma época boa. Agora que ele teve esse contato com o Coronel Petro, isso daí ele deve ter vindo já orientado. Eu não posso afirmar, mas possivelmente teve orientação de algum dos coronéis que ele conhecia lá em Pernambuco. Não só em Pernambuco, como também em Alagoas, que ele conheceu muito. Ele ainda não havia entrado em Sergipe. Primeiro ele ficou aqui na Bahia, depois é que ele entrou em Sergipe. Então as informações deveriam ter vindo de gente de Pernambuco e de Alagoas: -“Procura o Coronel Petronílio de Alcântara Reis”, e foi o que aconteceu. Ele se tornou, dizem, a própria Dadá falava que parece que eles compraram, gado é certeza, parece que compraram alguma terra ou usou as próprias terras do Coronel. Só que depois ele resolveu dar um trança-pé em Lampião e aconteceu o que acabou acontecendo, de queimar lá 32 fazendas.

MN: *Da traição comprovada.*

AA: É comprovada. Agora, olha, Lampião quando era amigo, rapaz, ele era amigo, viu? Agora não queira ter ele como inimigo, que era terrível também das duas formas.

MN: *Era amigo, amava e queria bem.*

AA: Queria bem, pois é, exatamente. Eu cansei de ouvir pessoas que diziam: -“Lampião quando chegou lá em casa, minha família estava numa desgraça, numa coisa, ele ajudou”. Alguém pode falar: -“Mas era com interesse”, claro que era com interesse. Ele não saiu por aí jogando dinheiro pela janela. As vezes em que ele fez isso foi porque ele queria um retorno de alguma forma. Outra coisa que falam que eu acho ridículo: -“Lampião sabia muito usar a imprensa”. Rapaz, que sabia usar imprensa? A imprensa que usava Lampião, Lampião era notícia. Lampião nunca foi no jornal “A Tarde” aqui, bater palma lá e pedir

para um repórter fazer uma reportagem dele. Havia interesse de toda a imprensa de Sergipe, de Pernambuco, aqui da Bahia, de dar informações, porque vendia jornal. Estou errado?

MN: *Uma coisa também que é boa para se discutir é como o cangaço, os cangaceiros e o próprio fenômeno histórico é tratado na imprensa.*

AA: Totalmente distorcida, é verdade.

MN: *Amaury existia um sem número de cangaceiros que eram negros. Você acha que isso também não ensejou um certo preconceito na imprensa em relação a essas pessoas?*

AA: Rapaz, eu vou lhe dizer uma coisa, pode parecer um absurdo, Corisco e Lampião eram racistas. Não gostavam de negros. Sabia disso? Isso é verídico, isso é verdade. Teve negros na companhia? Teve. Principalmente Corisco, mas Lampião da mesma forma.

MN: *E Zé Baiano, paradoxalmente, foi o chefe de grupo.*

AA: Foi chefe de grupo, da família Ingrácia.

MN: *Esse período inicial de Lampião na Bahia, é um período de acumulação de forças?*

AA: Olha, eu acredito que não, viu? Eu acho que eles pararam porque foram obrigados e, também, porque a Polícia não estava preparada para enfrentá-los ainda, porque os primeiros combates que Lampião teve com as Polícias aqui na Bahia foram desastrosas para a Polícia. O Bigode de Ouro, o Cabo Militão, todos acabaram mortos. Não sei se você já foi lá onde teve o combate com o Bigode de Ouro, ali perto, como é que chama? Ali, perto de Juazeiro...

MN: *Mas o Bigode de Ouro não foi ali na região mais de Tucano?*

AA: Massacará, pronto. É que eu não estava lembrado. Eu estive lá. Aquilo ali foi uma imprudência do Bigode de Ouro, o Miranda. Aquilo lá foi. O Bigode de Ouro, ele tinha jurado que ele ia pegar Lampião a tapa, dar uma surra, vou prender e tal. Quer dizer, ele não sabia a fera com a qual ele estava lidando. Eles estavam na “Subida do Mato”, uma fazenda que se chamava “Subida do Mato”, Lampião saiu quando viu chegar a volante. Ele não quis enfrentar a volante e o pessoal viu ele saindo, os soldados viram, foram atrás. Aí chegaram lá na casa dos parentes da Daguimar. O tio dela era o dono do lugar. Aí o menino que eu conheci, era menino naquele tempo, quando eu conheci já era um velho de quase 90 anos. Eles falaram: -“Olha, os macacos vêm vindo”. Aí Lampião pensou um pouco, ele já tinha saído, os caras atrás, pegou e falou para o pessoal: - “Então nós vamos brigar”. Eu não sei se foi Luiz Pedro ou Corisco que perguntou: - “A pé ou a cavalo?”. Ele falou: - “A pé”.

Aí desceram e aconteceu o que aconteceu lá, que mataram dois soldados, mataram o Bigode de Ouro. Teve um outro, Vicente, levou um tiro de raspão assim, cortou o couro cabeludo. Eu vi, tem um local lá e só aconteceu aquilo porque Corisco e Luiz Pedro deram uma retaguarda, porque eles eram oito e os soldados eram nove, também era um grupo pequeno. Foi a intenção de ser mais do que os outros, mais do que o Capitão Galdino, que era o chefe dele. O Capitão Galdino falou para ele: -“Não vai, não”. Ele queria pegar Lampião.

MN: *Além de todas essas habilidades estratégicas, táticas, dessa rede de apoio, se fala muito, se comenta muito, nas superstições que conduziam Lampião e faziam com que ele tomasse determinadas atitudes, também amalgamada com uma série de crendices. Você poderia comentar isso para a gente?*

AA: Eu acho que muito disso daí é a percepção que ele tinha das coisas. Vamos dizer, o pessoal fala: -“Olha, ele viu um sapo pulando, então deixou de passar por lá e tal”. Quando ele viu umas aves voarem, havia alguma coisa natural que tinha espantado aquelas aves, isso aconteceu várias vezes. Aí, Dadá diz que ela e Corisco também agiam da mesma forma. Eu falei o negócio do sapo porque ela disse que quando tinha sapo assim: - “Não viajem, não vamos brigar hoje, aquilo ali, esse sapo vem trazendo desgraça”. Dava lá uma desculpa. Eu acho que no caso de Lampião também tinha muito disso, embora a questão de percepção eu acho primordial. O sujeito: -“Olha, se nós fizermos isso, a tropa vai fazer aquilo”. Manoel Neto, eu já ouvi e tenho gravado também soldado falando para mim. Olha, caso de Angicos. Pedro Barbosa, um soldado contando, foi dos primeiros a entrar, dos que participou da morte de Lampião, pode ser, vamos supor, talvez até o que tenha atirado. Ele falou para mim: -“Lampião pensou o seguinte: os soldados vêm por lá, nós cercamos eles por aqui, eles não podem sair e a gente acaba eles”. Na cabeça dele, ele pode imaginar o que ele quiser, mas como ele pode dizer que Lampião pensou isso? Eu acho que é uma fantasia. Você sabe por que Lampião morreu? A sua convicção, você sabe por que foi?

MN: *Eu tenho algumas ideias, mas não tenho uma convicção formada.*

AA: Olha, Lampião morreu porque deu tudo errado para a tropa. Por isso que ele morreu, deu tudo errado para a tropa. Eu fui hóspede de João Bezerra. Eles traçaram tudo, o projeto era bom, o plano. Só que não conseguiram fazer o que bolaram, foi o que deu certo. Olha, dando errado foi o que deu certo. A tropa não conseguiu completar o cerco, a coluna do Aniceto foi enviada para cercar, se essa completa o cerco dos 36 não sobrava nenhum, só sobraram 25 porque não se completou esse cerco. Os que entraram por baixo, que era o caso de Chico Ferreira, que eram com cinco, seis homens, esses é que mataram Lampião e Maria também, esses cinco, seis soldados, Pedro Barbosa, o Abdon, esse aí que matou a Maria, o Zé Panta, o Ferro, esses é que foram os exterminadores do grupo de Lampião. Olha, eu ouvi tanta bobagem. Lampião levou uma rajada de metralhadora. João Bezerra

estava era lá em cima, rapaz. Ele ficou é pê da vida! Porque eu estou dizendo que deu tudo errado. Ele combinou: - “Vocês vão, façam o cerco e eu dou o primeiro tiro porque eu estou com uma metralhadora”. A hora que ele viu, pá! Estourou. Ele falou: - “Pronto, desgraçou tudo”. Foi a sorte dele.

MN: Você acha, Amaury, que, por exemplo, a professora Luitgarde defende uma ideia de que, em verdade, Lampião, Corisco e outros cangaceiros usavam a religião, ou professavam religiosidade, como escudo ético. Qual é a sua convicção? Esses homens eram verdadeiramente religiosos?

AA: Eram, supersticiosos, não tem nem dúvida, todos eles, todos eles, quanto a isso não tem dúvida nenhuma. Agora, não é Santinho que para bala, tanto é que vejam o número, quando Lampião morreu, o número de orações fortes que tinha. Aí, vem as contradições, o Balão falou para mim: - “Minha mãe falou que enquanto eu não tivesse mulher no cangaço, eu estava salvo”. Ele arrumava mulheres fora, não para companheira no cangaço. – “E que eu não tomasse banho de mar, que não me molhasse”. Eu falei: -“Bom, então como é que você foi baleado?”. Ele foi baleado em Angico, levou um tiro na coxa, só que ele botou o fuzil, o soldado botou o fuzil nele, ele no soldado que é o Adrião, se é verdade o que ele fala, foi o único que morreu, ele atirou no Adrião. – “É porque tava perto do rio”. Ah, meu Deus! Quantas e quantas e quantas vezes os cangaceiros, estiveram perto de rio, perto de Açude, perto de Riacho. Olha, aí é a superstição que entra nesse caso. Agora, que eles eram religiosos, quanto a isso, não tem a menor dúvida.

MN: Inclusive, rezar o ofício Nossa Senhora diariamente.

AA: É, o Lampião, até no dia da morte, ele tinha rezado, até no dia em que morreu. Então, não podia morrer, pô!

MN: O ingresso de Lampião na Bahia, além de todas as significações que tem para o Estado, para as relações sociais, vai marcar o ingresso da mulher no cangaço. Qual o significado que você atribui à presença da mulher no cangaço? Que importância isso teve?

AA: Olha, foi uma mudança de vida do anterior para algo que, a partir daquele momento, passou a ser vivido. A imprensa demorou um certo tempo para absorver as informações de que existiam mulheres acompanhando o grupo de Lampião. Como as mulheres não participavam ativamente de combates, não havia uma informação positiva. Podia se dizer que eram boatos: - “Olha, Lampião tem mulheres, não sei o quê”. Até que depois realmente foram confirmados que algumas mulheres estavam acompanhando os grupos. E aí, é a transformação, aí foi uma das mudanças do cangaço, foi uma inovação que Lampião colocou no cangaço, porque todos aqueles que o precederam, em várias épocas, jamais nenhum desses predecessores teve o apoio do elemento feminino. Nunca ninguém.

MN: *E o interessante, eu não vou nem ainda entrar na questão da Maria Bonita com Lampião, nem em nenhum caso específico, mas ainda tratar isso de uma maneira geral. O interessante é que isso contraria uma série de convicções, não é? A que você atribui essa ruptura de Lampião com essas convicções, ele que era um homem de superstições arraigadas?*

AA: Olha, foi algo que nem o homem nem a mulher conseguem evitar, foi o despertar do amor. Maria, na verdade, eu tive a oportunidade de conversar com as irmãs dela, com os irmãos, dos irmãos eu nem falo muito porque os irmãos são homens também. As mulheres irmãs de Maria falavam que ela já tinha simpatia por Lampião antes de conhecê-lo, quando ela estabeleceu o primeiro contato pessoal, diziam que foi uma atração simultânea e instantânea. Ficaram conversando muito tempo e tal, ele perguntou sobre a questão de lenço, se sabia bordar, realmente existiu. Lampião perguntou para Maria se sabia bordar, ela falou que sabia. Deixou lá uns lenços de seda. Uma coisa que eles confirmam também é que Zé Baiano, inclusive, pegava lenço, jogava no telhado, ele estava dentro da cozinha, jogava e aquele lenço ficava grudado nos esteios onde tinha picumã. Você conhece picumã, né? É a fuligem do fogo do fogão. Segundo ele, olha, não era mágica, era uma prova de que era uma seda boa, leve, que não caía, que tinha valor. Vamos dizer assim, pelo fato de ser a seda era muito mais leve do que o normal.

MN: *Essas mulheres, além de serem muito jovens, aliás o Zé Umberto²⁹ diz que o cangaço foi um movimento de jovens. Essas mulheres eram muito novas e de origens bastante modestas.*

AA: Sem dúvida nenhuma. Essa observação dele, ele deve ter ouvido de Dadá e é verdade, isso daí não tem como contestar. Homens realmente existiam alguns já com mais idade, agora mulher não. O cangaço, vamos dizer, se nós fizermos a observação a partir dos homens já não é correta de que era de jovens. Quem era a parte de jovens quase que similares aos moleques de rua, é o pessoal do Poço Redondo, esses eram rapazes, eram todos novinhos. Zé Sereno falava para mim: - “Olha, 14, 15 anos que o cara está no auge!”. Na minha análise, com 14, 15 anos, é irresponsável. Você fala para ele: -“Bate ali no capitão”, ele bate, não tem o senso do que é certo ou errado. Essa é a minha suposição de que seja dessa forma.

MN: *No caso específico das mulheres, tem aquelas que entraram voluntariamente, seduzidas talvez por uma ideia de que aquilo era uma vida glamourosa e aquelas que foram arrastadas.*

²⁹ José Umberto. Escritor e cineasta. Dirigiu o filme “Dadá, a Musa do Cangaço” entre outras obras.

AA: Dadá é quase que um caso único, porque as outras, quase todas, uma já namorava, outra já gostava, outra ficou influenciada, teve muitos casos também. Laura, que no fim acompanhou o Moita Brava e tudo, o pai dela não deixava sair de casa de jeito nenhum na fazenda, ela era praticamente prisioneira. Por quê? Ela teve um namorado e o namorado se aproveitou e a família prendeu ela ali. Um dia passaram lá os cangaceiros, ela se ofereceu, eu acho que para esse que fugiu com o Corisco, quando o Corisco deixou o cangaço aí no fim, que acabou morrendo. Bom, ele não quis levá-la. Aí ela pegou e se ofereceu para outro e o cara foi, aceitou, que é o Moita Brava.

MN: *Agora, o que é interessante é que essas mulheres, o cangaço vai de 1920, vamos pegar uns 20 anos, de 20 a 1940, que é o apogeu. A sociedade ainda é bastante reservada à vida doméstica.*

AA: Sem dúvida nenhuma.

MN: *E extremamente condicionada por mecanismos de controles sociais rígidos. Então essas mulheres, na verdade, transgridem muito.*

AA: Claro, por exemplo, a Adília, quando eu a entrevistei, conversei com a Adília várias vezes, ela diz que ela acompanhou o Canário, que era Rocha o nome do Canário, porque o pai dela não queria que ela dançasse, que ela pintasse os beiço, não podia usar um *rouge* e quando o Canário a levou, ela teve toda a liberdade. Então, quer dizer, foi uma declaração de independência pessoal e isso é variável, não existe um motivo não, o fulano foi por causa disso, isso daí, cada um foi por uma motivação. A que morreu agora, a Aristéia foi porque a Polícia perseguiu muito o pai dela, a família. A irmã já tinha acompanhado, ela acabou acompanhando também. O irmão dela perdeu o pavilhão³⁰ de apanhar. Olha, veja só capitão, a polícia eliminou muito bandido, mas criou mais ainda, eu acho que criou mais bandido do que eliminou, por conduta. Principalmente aquele pessoal que era contratado, esse cara lá não tinha responsabilidade nenhuma, ele ia porque queria ganhar o dinheiro que ele recebia e também porque era inimigo de cangaceiro. Então, ele estando lá junto com a Polícia, ele tinha o apoio e ao mesmo tempo estava satisfazendo a vingança contra aquele elemento. E teve casos, se você me permite, Manoel, de vez em quando eu saio do seu roteiro. Eu conversei com soldados de Pernambuco, o Luís Pedro era inimigo de Valdemar, Valdemar entrou na Força e falou para o Luís Pedro: - “Olha, eu vou entrar na Polícia que é para perseguir você”. O Luís Pedro pegou e acompanhou o grupo de Lampião, foi a defesa que ele achou e o soldado que conversou comigo falou: - “Nós perdemos é muito, porque o Valdemar era frouxo, covarde, e o Luís Pedro era um cara valente e tal que apoiou Lampião e deu no que deu”. Então, tem essas situações.

³⁰ No caso Antonio Amaury se reporta ao pavilhão auricular.

MN: *Quer dizer, para as mulheres, pode ter significado, no primeiro momento, uma vida menos apeada, mais livre de tantas regras, mas não era exatamente, a vida glamourosa que se esperava.*

AA: Não. Olha é muito relativo também, porque veja só, ninguém entra para o cangaço, nem homem, nem mulher, achando: -“Bom, dentro de xis meses eu morro”. Ninguém tinha esse desejo. Agora, isso aconteceu com várias mulheres. Eu estive com o Abdon³¹, ele dissecou uma vagina de uma cangaceira que morreu, passou sal e deixou curtir e andava com aquilo no bolso mostrando para o pessoal. Isso aconteceu, isso daí aconteceu, não é fantasia, inclusive, um coronel, meu amigo, lá de São Paulo chegou a ver. Na época ele morava em Alagoas, que foi onde aconteceu o fato e ele disse que viu. Quer dizer, não é fantasia.

MN: *Isso enseja uma outra questão que é a violência contra a mulher. Não dentro do cangaço, dos cangaceiros com suas companheiras, embora tenha havido casos, mas eu digo da mulher de fora cujo caso mais notório era o de Zé Baiano que ferrava as mulheres. Eu queria que você comentasse isso, também sobre a violência sexual que teria diminuído com a presença da mulher nos bandos.*

AA: Veja só, no caso de Zé Baiano ferrar aquelas mulheres lá em Canindé do São Francisco, perto de Piranhas, aquilo ali, por que aconteceu? Porque Lampião foi desafiado por aquele grupo de mulheres. O problema foi cabelo. Lampião não queria que as mulheres cortassem o cabelo, que achava que era mulher mundana, mulher ponta de rua, ele queria que as mulheres andassem na linha correta traçada pela mente dele. O negócio tem que ser assim! As mulheres fizeram uma carta desafiando que o cabelo era delas e elas faziam o que queriam com o cabelo. Quando ele entrou lá, em Canindé, isso que eu estou contando foi narrado a mim por Zé Sereno, porque Zé Sereno foi incumbido por Lampião: - “Pega aquelas mulheres lá”. Maria Marques foi uma. -“Olha, o capitão está chamando”. -“Que capitão?”. -“Capitão Lampião”. -“Nossa senhora!”. -“Não, é Lampião mesmo”. Pegou e levou para a presença de Lampião. Aí Lampião deu uma reprimenda e o Zé Baiano ferrou. No caso de Maria Marques é algo que aconteceu, porque ela tinha o irmão Vicente Marques, soldado, que chegou na casa da mãe de Zé Baiano, no interior da Bahia e queria que a mãe contasse onde estava o filho. Cangaceiro nenhum dizia para a família, eu vou para tal lugar, quer dizer, o pessoal ignorava mesmo, podia bater. E foi o que aconteceu no caso. Vicente Marques desceu o cacete na velha, afundou o frontal, deixou como morta. Os vizinhos, quando a volante foi embora, cuidaram da mulher, ela se restabeleceu e aquilo chegou aos ouvidos de Zé Baiano. Aconteceu de Lampião entrar em Canindé e ele encontrou a irmã de Vicente Marques que era Maria Marques e aconteceu o que aconteceu, dele ferrar a mulher no rosto. Quando o Corisco se encontrou com ele, chamou a atenção de

³¹ Abdon Cosmo de Andrade, soldado da Polícia Militar de Alagoas. Participou do combate de Angico.

Zé Baiano, falou: -“Compadre, Zé Baiano, o senhor fazer uma coisa dessa com a mulher lá em Canindé, por que o senhor não pegou o Vicente? Foi pegar a irmã dele?”. Zé Baiano falou: -“Quando o Vicente foi lá na casa de minha mãe, me procurar, eu não vivia lá, ela não sabia, ele pegou e fez com a minha mãe, deixou o frontal fraturado, eu fiz a mesma coisa com a irmã dele, não peguei ele, peguei a irmã, ele deveria ter pego a mim, não a minha mãe”. Eu não sei se tem lógica ou não, mas que o raciocínio é correto, é.

MN: *Agora veja bem Amaury, primeiro que as informações é de que isso era uma prática de Zé Baiano. Segundo é o seguinte: eu vi uma senhora lá em Várzea da Ema e ela dizia que havia em Várzea da Ema uma moça cujo rosto havia sido marcado por Zé Baiano.*

AA: Teve sim, porque não foi só mulher, ele também marcou homens. Teve uma família lá que eu, olha, você vai ler no livro aí, eu conto essas coisas aí, você vai ter essa oportunidade. O cara tinha sido volante, ele era contratado, o tempo dele venceu, ele voltou e ficou com medo danado, porque os cangaceiros a hora que pegasse, sabendo que ele tinha sido perseguidor, iam aprontar com ele e não deu outra, pegaram ele, pegaram as irmãs dele e ferraram. Teve outros homens também que foram ferrados.

MN: *Passando para um outro aspecto. É sobre a violência sexual que é propalada e repetida e está nos cordéis, está nos jornais. É quase que um consenso de que os cangaceiros eram estupradores profissionais. Inclusive, o próprio Virgulino. O que há de verdade e o que há de invencionice, de manipulação nisso?*

AA: Que aconteceram alguns deslizes, isso é verdade. É aquele pessoal que eu citei, a molecada lá de Poço Redondo, aprontou, viu? Tanto é que os cangaceiros mais velhos que tinham uma conduta já anteriormente respeitosa com famílias, ficavam bravos quando tinham notícias de que o grupo de Zé Sereno, o grupo de Balão, ou pelo menos que eles faziam parte, tinham praticado ações aí menos honestas, vamos dizer assim. Agora, de Lampião sofrer acusações, o Ranulfo Prata coloca a acusação de que Lampião pegou uma mocinha que ficou com a ilhargá toda equimosada do atrito das cartucheiras durante o ato sexual³². Rapaz, o Ranulfo diz que conheceu em Aracajú, uma mulher que estava ajudando no preparativo do casamento da neta, que os cangaceiros chegaram, abusaram da neta lá e que fizeram a velha, a mulher, fazer higiene deles. Ele diz que conheceu essa mulher no consultório, acho que ele cita até o consultório em Aracaju, mas eu acho que isso precisa ser esclarecido, porque teve muita gente que usou o nome de Lampião. Isso era uma constante. Nós estamos aqui, chega alguém: -“Olha, Lampião está aí.” A gente não vai pedir a identidade do cara que está se apresentando como Lampião, principalmente se ele

³² Há controvérsias quanto a prática de estupros e outras violências sexuais cometidas por Lampião contra suas vítimas mulheres, sobretudo, entre alguns dos seus biógrafos e testemunhas orais. Entretanto, nos parece pouco provável que tais fatos não hajam ocorrido, principalmente antes da entrada de Maria Déa, Maria Bonita, no bando.

chegar com quatro, cinco elementos armados, você tem que ficar calado o máximo possível. E eu tenho provas disso, e a prova que eu tenho está com Doria³³. Eu trouxe, ele pediu para que eu trouxesse, está com ele. Um manuscrito do Corisco Preto, quer dizer, nunca teve o Corisco Preto, mas um tal de Luís se intitulava Corisco Preto, embaixador de Lampião e embaixador de Corisco. Quer dizer, acho que ele se colocou como sendo enviado por Lampião, por Corisco. Ele aprontou no Estado de Sergipe, roubou, matou, castrou como sendo cangaceiro e não era do grupo de cangaceiro de jeito nenhum. Tinha até mulher no bando dele, esse tal Corisco Preto³⁴, que era para aparentar mais com os cangaceiros, aparência maior com os grupos de cangaceiro, tinha até mulher. Então, é complicado, viu Manoel Neto, nós acreditarmos em tudo aquilo que a gente ouve.

Tem muita fantasia também. Eu acho que Lampião, durante um certo tempo, pelo menos, a maior parte da vida dele, ele seguiu aquele preceito dos antigos cangaceiros de que tinha que respeitar a família. Sinhô Pereira disse pra mim que quando Lampião estava no grupo dele, nunca aconteceu de fazer nada pra mulher. Quando Lampião brigou na fazenda com Raimundo Barbosa ali perto de Nazaré, acabou morrendo até uma moça chamada Isabel que era filha de um soldado, mas olha aqui, falta de juízo, tiroteio, bala pra cá, bala pra lá, a moça andando no meio, não só essa moça, como aconteceu em outros episódios. Rapaz, as mulheres eram acostumadas com aquilo, parece que não se assustavam. Quando Lampião brigou com Clementino Quelé³⁵, em duas oportunidades no ano de 1925, teve uma empregada lá do Clementino, ela pegou um dos cabras de Clementino e levou de um local em que ele estava atirando nos cangaceiros, até a casa onde estava o Clementino. Eu acho que não devia ser longe, mas embaixo de bala, viu? E o cara escondido atrás dela. Como é que eles falaram pra mim? Foi fazendo sombrinha, quer dizer, o teu corpo servia de sombra pra esconder o cabra, o corpo da mulher como anteparo pra evitar que os cangaceiros atirassem. E eles não atiraram, eles respeitaram. Olha, são coisas curiosas que a gente fica com uma dúvida danada. Como é que eles respeitam numa situação dessa e em outra vai estuprar? Agora, a Dadá sempre disse: - “Aquela rapaziada do Poço Redondo lá foi que estragou o cangaceiro”, ela dizia.

MN: *É curioso que ela foi vítima de estupro.*

AA: Ela foi e foi terrível o negócio dela. Ela contou pra mim, pra minha mulher, que ficou uma semana com febre, tanto é que durante alguns anos ela odiou Corisco. Ela falou pra mim que não gostava quando ele chegava, ela já antevia o que iria acontecer. Já previa.

³³ Carlos Alberto Doria, amigo pessoal de Antonio Amaury, a quem provavelmente o mestre confiou os documentos mencionados, segundo suposição de Carlos Elydio.

³⁴ Manoel Luiz de Jesus era sergipano da cidade de Frei Paulo, onde nasceu em 03/01/1907. Cometeu vários crimes que o tornaram conhecido. Os autores mais abalizados do tema não o incluem no bando de Lampião.

³⁵ Clementino José Furtado, apelidado Clementino Quelé, era sergipano de Canindé do São Francisco. As fontes bibliográficas, apontam dois diferentes anos para seu nascimento, 1886 e 1914. Militou na Polícia e no Cangaço, onde tornou-se cabra de Lampião, com o qual se desentendeu e veio a ingressar na Polícia como volante.

Agora, chegou num determinado ponto que ela passou a adorá-lo. Por quê? Porque era quem a protegia. Qual era a proteção dela? Era o Corisco que era o companheiro dela. A mulher só servia pra sexo, a missão era essa e cada cangaceiro que tinha condições queria a mulher dele mais bem vestida, mais cheia de joias, era uma disputa interna dentro do grupo. A mulher ostentando riquezas e o companheiro fornecendo. Eu acho que, acho não, tenho certeza que os homens viam as mulheres como propriedade. Não era amizade como marido e mulher, como companheiro, viam aquilo como propriedade. Então queria exibi-la como tal, mais bem vestida, com perfume, o diabo a quatro.

MN: *Roupas caras?*

AA: Não. Roupa não tinha como escolher, viu? Tem gente que coloca que usava roupa, não sei o quê. Rapaz, qual foi a mulher que introduziu bordado, introduziu enfeite em chapéu? Foi Dadá, queira ou não queira foi ela. É muito fácil de se constatar isso. Você pega as fotos que existem antes da presença feminina, compare com as pós-presença feminina. Você nota da água para o vinho. Agora, todas as mulheres se vestiam com saias corridas, tecido grosso porque a vegetação exigia isso, se ela fosse colocar o vestido de seda, ela saia nua dentro de meia hora. Vai entrar dentro de uma caatinga, não sobra nada. Usavam até aqui a parte superior, você vai ver no livro, a meia que a mulher usava era até perto da virilha que era para não ofender a pele, a derme tinha que ser preservada. Os cangaceiros, o Zé Baiano em particular, a Dadá disse que ele era de um requinte com a Lídia, porque Lídia foi a cangaceira mais bonita que apareceu, nem Maria Bonita, nem Sila, Durvinha, essas que eu estou citando até eram bonitinhas. Agora, diz que a Lídia era muito bonita. Isso é informação de homens que a conheceram, de cangaceiros que a conheceram e de cangaceiras. Eu dou até mais valor às informações das mulheres, porque mulher não é muito jogar confete na outra, ela vê a outra como rival, mas, na realidade era isso.

MN: *Amaury, você diz que as mulheres eram, na verdade, objeto de prazer e de ostentação do cangaceiro. Agora, tem um fato curioso que é de Gato³⁶ com Inacinha. Quando Inacinha é presa, o Gato enlouquece, ele surta. Ali não é uma relação que extrapola um pouco isso, não?*

AA: No meu modo de entender, o Gato era um cara que queria exibir a valentia que ele tinha. Pronto. Dadá participou dessa encrenca que o Gato arrumou, não só ela como Maria de Pancada, Durvinha. As duas participaram do ataque a Piranhas. Inclusive, tem gente que fala: -“Ah, não aconteceu nada”. Claro que aconteceu, morreu um monte de gente. Eu

³⁶ Santílio Barros, baiano, era da tribo dos Pankararé, na região de Brejo do Burgo, Paulo Afonso, Bahia, sendo que seu pai, Fabiano, era sobrevivente da Guerra de Canudos. Afamado como um sujeito temido pela sua violência e perversidade. Foi ferido gravemente tentando regatar sua companheira Inacinha, grávida, que estava detida em Piranhas. Nesse dia, 28/09/1936, assassinou friamente em torno de 10 pessoas inocentes. Ferido veio a falecer dois a três dias depois do combate.

conversei com uma senhora que já falou que foi da casa dela que saiu a cadeira de balanço para carregar o ferido, o Gato. O Gato levou um tiro na espinha, não podia andar, colocaram numa cadeira, ela falou pra mim. Ela descreveu a cadeira que, por sinal, Dadá já tinha descrito anteriormente, bateu, não mudou nada. Ela falou que tinha uma almofada com rosas, com flores coloridas e realmente diz que foi isso. A Dadá e a Maria de Pancada pegaram a cadeira, levaram, aí o pessoal colocou o Gato em cima e subiram com ele, foi morrer na Fazenda Mucambo.

MN: *Mas quando Inacinha é presa, ele...*

AA: Pois é. Ele deu um surto de loucura que os outros também contestaram. Não gostaram. Você matar dez pessoas, a Polícia por mais pacata que seja, não sei o termo que se dá, tem que se mexer numa situação dessa e foi o que foi feito. A perseguição que aconteceu contra eles por causa disso, as mortes desses indivíduos lá.

MN: *Você acha que essa teoria sua, ela se aplica mesmo nas relações mais duradoras, mais notória no cangaço, no caso Dadá e Corisco, Maria e Lampião, Luiz Pedro e Neném?*

AA: Rapaz, olha, é difícil a gente fazer uma análise do pensamento alheio, né? Dadá morreu gostando de Corisco, isso não se contesta. Ela, na presença do marido dela que era o Alcides Bartolomeu, com quem ela se casou novamente, ela não negava que gostava de Corisco. A Durvinha, agora, que morreu há pouco tempo, também na presença do Moreno, abria a boca para exaltar a figura do Virgínio, do Moderno. O que a gente vai pensar disso? Eu não sei, Qual a conclusão que a gente chega? Quando a mulher bota na cabeça uma coisa, meu amigo!

MN: *Amaury, a gente sabe que havia uma medicina, não é uma medicina acadêmica, mas é uma medicina popular que atendia às emergências, os primeiro socorros.*

AA: Sem dúvida nenhuma.

MN: *Qual era o papel da mulher? Ela tinha um papel efetivo nisso?*

AA: Olha, a mulher não era orientada nesse sentido. Ela até podia, acho que, colaborar de alguma forma. Olha, foi o caso da Dadá, né? Mas as circunstâncias a obrigaram. Não é que ela se transformou numa médica. Não tinha outro, tinha que ser ela mesmo ou então deixar o cara morrer. Olha, o cangaço, com a morte de Lampião, começou a morrer, quando o Corisco ficou aleijado, ele ficou mais do que moribundo e acabou morrendo no dia em que mataram o Corisco e Dadá perdeu a perna, aí extinguiu mesmo, não teve jeito. Olha, a Dadá, não era só ela, todos as pessoas, todos os cangaceiros, levavam consigo iodo, álcool, cânfora, o que pudesse usar em determinadas situações de ferimento.

MN: *Pimenta.*

AA: Pimenta. Já levava pronta. Como é que chama o outro lá, que também era para talhar o sangue? A raspa de quixabeira. Raspava, eles carregavam consigo, era o que se podia fazer, não tinha outra situação.

MN: *Você falou na Dadá, é uma teoria também que Germana Araújo defende, como a grande esteta do cangaço. Quer dizer, ela que vai mexer com aquilo. Eu e Lucas conversando com o Frederico lá em Pernambuco, ele disse a gente o seguinte: Dadá bordava bem, mas Lampião era mais exímio bordador do que Dadá. Você acha que isso é verdadeiro?*

AA: De jeito nenhum. Quando é que começou a aparecer bortal enfeitado com flores estilizadas, coloridas? Quando foi? Eu nem sei se o Frederico sabe, mas foi no segundo semestre de 1934, é só acompanhar as fotos antes dessa data e posteriormente. O Frederico quer porque quer que Lampião é quem era o esteta do cangaço, quem desenhava, bordava, não é nada disso. Dadá fez esses bornais porque ela precisava passar o tempo, ela estava grávida enquanto ficou no Raso da Catarina esperando para desembuchar, fez os bornais. Corisco usou, Lampião viu, gostou, pediu para ela fazer. Cangaceiro usava quatro bornais, dois menores e dois maiores. Ela fez dois para Lampião. Lampião pegou: -“Ah, comadre, a senhora tinha que fazer o jogo completo”. Ela pegou e fez os quatro. Os cangaceiros quando viram, Lampião fazia um xis assim e todos os cangaceiros faziam, copiavam, aí passaram a usar. É só olhar nas fotos e, por sorte, nós temos até o filme que é do Benjamin Abraão. Você sabe quando que Benjamin Abraão fez a primeira visita ao bando para filmar e fotografar?

MN: *Eu sei que foi antes de 1936.*

AA: Foi em 1935, 1936 e tudo indica que também em 1937. Aí fez propaganda lá em Fortaleza, no jornal “O Povo”, acho que o “Diário de Pernambuco” também publicou fotos, essas coisas, tudo bem. Não vamos nem discutir essa parte. Agora que Dadá não disputou com Lampião para ser reconhecida como a pessoa que introduziu as flores estilizadas no cangaço, ela não tinha a mínima intenção disso e não aconteceu. Aconteceu como eu contei agora, de Lampião ter gostado e copiado, copiado não, exigido que ela fizesse e os outros copiaram.

MN: *Outro aspecto também que é interessante é o mito da mulher guerreira, as cangaceiras como mulheres intrépidas que entravam nos combates, do corpo a corpo, enfim, que participavam ativamente da luta quando ela ocorria. O que há de verdade e o que há de equívocos, fantasias, nessas narrativas?*

AA: Fizeram até um livro, não faz muito tempo agora, “A trajetória guerreira de Maria Bonita”. Qual foi a trajetória guerreira dela? Alguém pode dizer algum combate? Ela só participou da morte dela, com a presença física naquele dia. Não existiu trajetória guerreira nenhuma. Agora, voltando a questão do Frederico...

MN: *Ele chegou a nos dizer que teria submetido um bordado de Lampião e um bordado de Dadá a uma bordadeira e que ela tinha dito, que o de Lampião era superior.*

AA: E como é que pode provar que aquele era feito por Lampião? Como que se pode provar? Olha, quando teve os 500 anos lá em São Paulo ele participou, o Banco Santos levou as coisas lá, tudo. Rapaz, ele apresentou uma peça lá, um bernal de Zé Baiano pego pela Polícia em 1932. Nunca, jamais em tempo algum teve esse tipo de bernal lindo, maravilhoso, no ano de 1932, nunca, nem até 1934, não tem. Tem a partir de 1934, quando Dadá bordou no Raso da Catarina. A partir daí é que aparecem os bornais coloridos com flores estilizadas.

MN: *Retornando um pouco a questão da mulher como combatente que você já contesta, tem a questão específica de Dadá, pela circunstância que ela viveu.*

AA: Aí é outra coisa. Ela foi a única. Não se queira colocar Dadá como exemplo de todas. Nenhuma outra mulher teve participação em combate. Algumas morreram. Por quê? Porque estavam presentes na hora do negócio. Essa que eu disse que teve a vagina dissecada, foi uma vítima. Não era que ela tivesse brigando, não.

MN: *A própria Enedina*³⁷

AA: Enedina, correu lá, levou o tiro e arrancou o tampão da cabeça. Maria pelo fato até de ser companheira de Lampião, foi mais visada, mas não era participante de luta.

MN: *Mas elas portavam algum tipo de armamento?*

AA: Claro, claro. É só olhar as fotos. Toda mulher carregava um coltzinho, uma browning³⁸. Por quê? Você sabe por quê que era isso? Não era pra atirar no capitão, não. Era, sabe pra quê? Quando tinha o combate, cada um corre pra um canto. A gente precisa se reunir. Não dava pra marcar: -“Olha, nós vamos nos encontrar na Fazenda Pedra D'Água”, tem que disparar e quer dizer, o pessoal sabia.

³⁷ Enedina Saturnina dos Santos (1920? – 1938), sergipana, nascida em Poço Redondo. Era casada com o cangaceiro Zé de Julião, o Cajazeira.. Morreu no combate de Angico em 1938, tendo ele sobrevivido.

³⁸ Arma de origem belga fabricada em 1900.

MN: *Mas, Amaury, essas mulheres ingressavam no bando, sabiam que iam ter uma vida com sérios riscos, elas nem sequer aprendiam a manusear uma arma, a atirar, para se defender?*

AA: Teve mulher que aprendeu. A Joana aprendeu, que era a Moça de Cirilo. Você vai encontrar isso no livro aí. Ela aprendeu, só que não participou de combate e atirando. Dadá participou porque o marido perdeu os dois braços. Você já pensou o capitão entrar na guerra sem poder dar um tiro? Não tem cabimento.

MN: *Dadá é uma figura mitológica...*

AA: Sim, é fora de série.

MN: *Você teve a oportunidade de conviver com Dadá, inclusive ela se hospedou em sua casa. Como é que você definiria essa mulher? Quem era Dadá verdadeiramente?*

AA: Rapaz, olha, depende do ângulo que você queira analisar Dadá. Ela era uma pessoa que tinha uma memória simplesmente inacreditável. As primeiras informações que ela me passou, eu coloquei em dúvida porque eu calculei: - “Pô, tá querendo gozar com a minha cara dizendo que lembra disso, lembra daquilo”. E eu acabei encontrando soldados que tinham participado da briga quando o Corisco ficou aleijado. Um soldado, os irmãos dele foram de Jeremoabo, todos participaram da volante do Odilon, do Zé Rufino, e esse soldado falou pra mim, ele me contou o que tinha acontecido, que ele presenciou, que teve parte ativa, falou: - “Nós chegamos na casa, pegamos o pessoal, eles acabaram contando que os cangaceiros estavam fazendo comida, que os cangaceiros vinham pra comer e tal, que era o grupo de Corisco, aí nós ficamos, inclusive tinha metralhadora nesse dia, nós ficamos escondidos ali no mato, aí quando vem, na frente de tudo vinha dois cangaceiros novos, que era o Roxinho, Roxinho e Cruzeiro, aí vinha os dois guias, que era o Gringo e o Cabeção e a mulher, e mais atrás o Corisco com os outros homens. Nós atiramos, matamos dois, os que vinham na frente, os coiteiros correram”. Ele descreveu como estava vestido o coiteiro e a Dadá tinha contado pra mim como era e eu achei que não era possível lembrar, depois de tantos anos, pois o que ele contou pra mim era o que ela tinha transmitido. Uma camisa riscadinha e o outro tinha um outro tipo de camisa. Ele contou direitinho e ele nunca conversou com o Dadá, conversou na boca do fuzil nesse dia que aconteceu isso.

MN: *Quer dizer, era uma mulher de memória prodigiosa.*

AA: Prodigiosa, prodigiosa.

MN: *Ela passa, ou se passa a ideia de uma mulher agressiva, como é o caso do episódio com o Paulo Gil Soares³⁹, que ela avança pra ele e manifesta uma hostilidade que ela tinha a Glauber também.*

AA: Sim, ela sempre falou pra mim que não gostou de jeito nenhum do filme...

MN: *Ela era essa figura agressiva? Porque o Zé Humberto disse que não.*

AA: Olha, no caso eu sou suspeito porque ela estava em minha casa e precisava de mim, eu que estava dando o arroz e o feijão pra ela. Mas, olha, ela era de convívio difícil, parece que foi você quem citou que até o fim da vida ela levou arma. Levou, levou mesmo. Levou porque quando nós viajamos juntos ela estava armada.

MN: *Eu citei isso porque Marins havia dado a entrevista a gente, o Capitão Marins, e falou isso. E aí eu perguntando a Zé Humberto, ele disse: -“Que nada, eu dormi com ela, inclusive, às vezes no mesmo quarto, tivemos no mesmo momento, e nunca vi arma”. Aí eu pensei: -“Vou perguntar a Amaury também”. Não que eu tivesse alguma dúvida com a afirmativa de Marins, pois ele é um cara muito cuidadoso com essas coisas. E você me deu uma razão que eu achei muito interessante, aquele temor permanente de uma vingança.*

AA: Claro, era por isso que ela usava. Não há dúvida.

MN: *Você conviveu com outras figuras do cangaço. Sila, Dulce. Elas manifestavam ou externavam arrependimento, por ter ingressado nessa vida?*

AA: Todas detestavam e nem gostavam de falar do tempo que viveram no cangaço. A única que falou que voltaria para o cangaço se o cangaço retornasse, desde que, colocava uma ressalva, desde que Lampião e Corisco voltassem, era Dadá. Ela falou que ela voltaria com a presença de Corisco e de Lampião, ela voltaria. Agora, nunca ela falou que a vida era maravilhosa, que era uma delícia, que tomava o uísque White Horse, nunca falou isso. Aliás, ela disse que nunca viu isso. As informações do Pedro Moraes, que fala sobre Maria traindo, *ménage à trois* e Lampião gay, todas essas coisas⁴⁰. Dadá disse que nunca viu falar isso, aprendeu, conheceu essa situação em Salvador.

MN: *Mas casos de adultério houve, que é o caso de Lídia.*

³⁹ Paulo Gil Soares (1935 – 2000). Baiano de Salvador. Autor do documentário “Memória do Cangaço”, produzido em 1964. É hoje uma obra clássica.

⁴⁰ Essas afirmações rechaçadas pela quase totalidade dos pesquisadores, consta do livro “Lampião, o Mata Sete”.

AA: Claro, claro, e não foi a única. Houve outras. Teve Lili de Lavandeira.⁴¹

MN: *A gente pode dizer que a presença da mulher nos bandos trouxe algum tipo de tensão entre os homens, algum tipo de disputa? Ou entre elas mesmo?*

AA: Olha, Dadá, ela descrevia as companheiras e dizia, olha, fulana era quieta, fulana a gente nunca via ela falar nada, ela não gostava de Maria.

MN: *Agora me diga uma coisa, essa tensão entre Dadá e Maria, ela chegava a dizer eu não gosto dela por tal razão?*

AA: Falava, pra mim falava.

MN: *E ela alegava o quê?*

AA: Ela disse que Maria não cuidava de Lampião como deveria, que era muito, como é que ela dizia, muito enxerida, que quando ia fazer uma divisão de comida, umas coisas, ela tinha os protegidos dela, Maria tinha os protegidos que ela beneficiava e os outros ela deixava pra lá.

MN: *Veja bem, há a contrapartida. Vinte Cinco foi do bando de Corisco, passou para o bando de Lampião e diz que saiu do bando de Corisco porque não suportava Dadá.*

AA: E não foi o único, teve mais outros, o Balão também saiu do grupo de Corisco, Criança também foi do grupo de Corisco e não aguentavam Dadá, realmente. Era uma carga pesada, viu, porque eu aguentei, porque eu sou muito pacato. Cinco meses e dezesseis dias. Eu convidei pra ficar na minha casa um mês, pra mim seria o suficiente, mas acabou ficando cinco meses e dezesseis dias. Olha, era uma parada, viu, porque com toda minha calma vezes eu já ficava...

MN: *Era difícil, né?*

AA: Era, era.

MN: *Não podia ser uma pessoa fácil, né? Agora, o que eu soube, e aí é coisa que a gente tem que filtrar a informação, é de que Maria era uma mulher muito expansiva, muito brincalhona, muito bem humorada.*

⁴¹ Lili se chamava Maria Lúcia Xavier, natural de Paulo Afonso, na Bahia. Teve diversos companheiros no cangaço, sendo que o último, Moita Brava II, a assassinou ao flagra-la em adultério com Pó Corante II.

AA: Olha, a alma humana, o pensamento cada um tem um, é criado de uma forma, a gente não pode exigir que todas elas agissem da mesma forma, pensassem da mesma maneira. Isso é impossível. A Dadá falava: -“Olha, Maria de Pancada é muito bonitinha, Pancada bate nela, puxa pelos cabelos”. Cada mulher tinha o seu carma para sofrer, viu? Agora, Dadá, eu acho que ela dominava o Corisco, até por uma outra razão, você sabe que Corisco era um alcoólatra, ele vivia chumbado, se bem que, também é bom que se acrescente, todas as mulheres bebiam. Todas as mulheres bebiam e não era bebida fraca, não, não era nada de uísque, era cachaça pura. O cangaço era movido a álcool e as volantes também, tanto é que no dia da morte de Lampião, eu conversei com vários sobreviventes, inclusive com o coronel João Bezerra e eu insisti com ele, eu falei: -“O pessoal tomou cachaça. Conversei com vários elementos da tropa, todos disseram que tomaram”. Ele disse: -“Não, quem quis tomou”. Quer dizer, quem quis tomou. Mané Velho, que foi muito meu amigo, que é o Antônio Jacó, foi quem cortou as mãos de Luís Pedro, ele disse pra mim: -“Eu não tomei porque eu tava atento”. O problema de Antônio Jacó é mais ou menos o mesmo dos Nazarenos, era um problema pessoal. O tio dele tinha sido morto por Lampião e o Pocidônio, o primo dele, tinha ficado surdo e ele também ficou surdo, o Mané Velho também ficou surdo, que estourou a caixa de culatra, aqueles fuzis velhos lá, arreventou o tímpano dele. Então, eu conversei com vários soldados que disseram que tomaram a cachaça. Sabe do que que era a cachaça? Misturada com o quê? Pólvora. Cachaça com pólvora, sabia disso? Cachaça com pólvora. Eu morava em Araraquara bom, aqui é um parênteses. Eu morava em Araraquara e meu pai tinha uma espécie de hotel lá, no qual naquela época teve vários jogadores, lá tinha dois times, numa determinada época, dois times, depois teve quatro. Paulista e São Paulo. Um jogo entre Paulista e São Paulo, que era a decisão lá da região. O Paulo Brandão, que era goleiro do São Paulo, falou pro meu pai: - “Sr. Elídio, como é que é? Tô tenso”. - ”Toma cachaça com pólvora”. Ele tomou cachaça, olha, pulava de um canto pro outro, ficava elétrico. E os soldados do João Bezerra também tomaram cachaça com pólvora⁴².

MN: O episódio da morte de Lydia, que tem uma história, inclusive você relata com pormenores, que é o fato de Maria ter se manifestado junto ao Lampião no sentido de intervir para que Zé Baiano perdoasse ou relevasse a falta de Lydia.

AA: Não, pelo contrário, ela ficou quieta, quando Lydia implorou pra ela, ela ficou quietinha. Corisco foi que salvou o Bem-te-vi⁴³, que era o Ademórcio, o nome dele era Ademórcio. -“Não, meu rapaz... Zé Baiano, a mulher é dele, a Lydia ele faz o que ele quer,

⁴² Há registros na tradição popular que a cachaça misturada com pólvora provoca coragem. O poeta Ascenso Ferreira, no seu poema "Branquinha", menciona esse ritual entre os soldados que lutaram na Guerra do Paraguai.

⁴³ Bem-te-vi III, de pré-nome Ademórcio (1913? – 1935). Baiano de Paulo Afonso. Foi o terceiro homem a ingressar nos bando e adotar este apodo. Flagrado em contato sexual com Lídia, mulher de Zé Baiano, foram chantageados por Conqueiro, outro integrante do bando que tentou tirar proveito da situação, sendo imediatamente executado por ordem de Lampião.

agora o meu rapaz ninguém mata, não”. Quer dizer, ele interveio, não sei se Dadá deve ter botado na cabeça dele, acho que até pra enfrentar Maria, porque, olha, Dadá demonstrou que tinha problemas pessoais com Maria.

MN: *Então, Amaury, há algum fundo de verdade de que as relações entre Lampião e Corisco pudessem estar estremecidas por conta dessa rivalidade de Maria e Dadá?*

AA: A Dadá diz que Corisco ficou separado numa ocasião de um ano e meio de Lampião. Eles se encontraram acho que um mês antes da morte de Lampião. Foi quando tiveram oportunidade de se reencontrar. Porque, olha, não foi só o Vinte e Cinco⁴⁴ não, o Vinte e Cinco é o testemunho vivo, mas Balão, Criança, também se queixaram. Diziam: -“ olha, eu não vou aceitar ordem de mulher”. Quer dizer, aí até era o ego masculino se manifestando. Está entendendo? Não diz que era por outro motivo, era pelo fato de uma mulher mandar nele. -“Faz isso, faz aquilo”. Quer dizer, o cara: -“Por que diabo estou?”. O Corisco, eu acho que se pode dizer que no fim era um brinquedo nas mãos de Dadá e quando ele perdeu os braços, aí que enrolou de vez porque ele só foi morrer oito meses depois.

MN: *O episódio da morte de Lampião é cercado de uma série de polêmicas. Você trabalha isso muito bem no livro “Assim Morreu Lampião” e tem coisas que dizem respeito especificamente a presença da mulher naquele episódio final trágico. É uma conversa de Sila com Maria, mas eu gostaria muito de ouvir de novo, para quem sabe, tirar mais alguma informação de você.*

AA: Veja só, nesse caso de Maria ter conversado com Sila, isso é ponto pacífico. Sila sempre falou isso e dizia: -“Eu e Maria, tal”. Só que tinha uma terceira pessoa que continua viva, que é a Dulce. Dulce participou da conversa.⁴⁵ Só que a Sila não gosta de dividir, ela quer ser a figura maior do episódio, então: - “Maria já morreu, fica eu”. E Dulce, que estava junto, participou da conversa, está viva. O que aconteceu realmente foi a conversa das três trocando ideias, olha a coincidência, elas falando: - “Olha, eu não tenho medo da Força de Sergipe”. A outra: -“É, eu não tenho medo da Força de Alagoas”. E por aí afora.

MN: *Tem uma coisa que eu acho muito curiosa. É essa história do vagalume e dos sinais de luz vistos por Sila, e que Maria achou que eram apenas vagalumes.*

⁴⁴ José Alves de Matos, nascido em Paripiranga, na Bahia, no ano de 1917. Pertencia ao bando de Corisco, mas se desentendeu com Dadá e passou a integrar o bando de Lampião, tornando-se muito amigo de Maria Bonita.

⁴⁵ Dulce Menezes dos Santos, sergipana de Porto da Folha. Foi estuprada e arrastada para o cangaço, por Criança III. Sobreviveu a Angico e foi para São Paulo. Faleceu neste ano de 2023.

AA: E na realidade não era. Isso é ponto pacífico.⁴⁶ Por que não era? Elas estão conversando é oito horas da noite, oito e pouco, não iam conversar meia-noite. A Polícia chegou depois da meia-noite, quer dizer, então não era. Não adianta querer forçar, que não era. A Polícia saiu de Piranhas já tarde, teve que fazer uma série de acomodações, ajoujar as canoas, as três canoas pra poderem descer, parar na fazenda Remanso, vão três soldados. Primeiro foram dois. Dois soldados pra pegar o Pedro de Cândido. Ele se negou a vir, porque a mulher tava em situação interessante e tal, quer dizer, tudo isso leva tempo, eram três quilômetros de distância, não é uma pista de corrida, é um lugar difícil de você andar tudo. Voltar. Leva a bronca do tenente: -“Volte lá seu safado, senão você tá sendo tão coiteiro quanto ele. E vai também fulano”. Aí que trouxeram. Veja só. Se coloque no lugar do Pedro de Cândido. Chegam dois soldados -“Olha, o tenente tá chamando você”. -“Ah, mas não sei o quê, não sei o quê”. Consegui conversar os soldados e ele permanece no mesmo lugar? Tem lógica isso? Quer dizer, eu tô pensando por mim, né? Se eu consigo afastar aqueles elementos, eu pico a mula. Eu saio ou vou avisar Lampião ou me afasto o máximo possível dali, pra não ser novamente agarrado pra acontecer tudo que aconteceu.

MN: *E a história de que a bebida estava envenenada, aquela bebida que foi servida na véspera e que teria sido a causa da letargia que tomou conta dos bandidos e que permitiu a aproximação dos soldados. Você acha que isso é proveniente? Tem alguma resíduo de verdade nisso?*

AA: Nenhuma, nenhuma. Isso daí são pessoas querendo denegrir a imagem do capitão João Bezerra, depois coronel. Eu tava comentando até com o capitão. Olha, isso daí dá uns ciúmes desgraçados, viu? O cara se tornou um herói nacional. Getúlio recebeu João Bezerra. Então, os outros que durante anos, anos e anos perseguiram Lampião foram passados pra trás. Os Nazarenos que a Luitgarde elogia tanto, eram tão bandidos quanto Lampião. Essa é a verdade. Queira ou não queira, me desculpa, mas eles eram farinha do mesmo saco que tinham convivido juntos. O pensamento deles era igual ao de Lampião. Você sabe por que eles não entraram pro cangaço? Porque Lampião entrou no cangaço, isso daí foram eles que contaram pra mim, eu tenho gravado. O irmão de Davi Jurubeba, João Gomes Jurubeba, contou pra mim: - “Eu nunca quis ser soldado ele falou.” – “Eu entrei pra perseguir porque Lampião entrou, foi ser cangaceiro, eu tinha que ser soldado”, ele falou. Amaury não inventa, viu? Pode, pode crer. Aliás, eu nem preciso inventar, porque são coisas tão fantásticas que eu contando...

TCRM: *Da mesma forma, professor, as acusações que pesam sobre João Bezerra de que ele forneceu arma, vendeu munição...*

⁴⁶ A resposta neste ponto fica um tanto confusa. Em verdade Amaury nega a hipótese levantada por Sila, segundo a qual as luzes piscando poderiam ser lanternas usadas pelos policiais.

AA: Eu contesto, é claro. Por quê? Aquilo tinha controle ou será que eu estou inventando, que estou mentindo? Tem controle, não tem? Lógico. O sujeito não saía tirando como queria, não. Ele tinha que dar conta de onde ele gastou aquela munição. Esse negócio de que Lampião jogou baralho com João Bezerra. Conteí que Antônio Brito, senhorzinho do Jerimum, recebeu na casa dele Lampião. Ele era avô da Dona Cira, mulher de João Bezerra, isso antes de 1931, antes de 1930, ele recebeu para jogar baralho, essas coisas. João Bezerra jogou baralho. O sogro dele era um fazendeiro muito rico e bandido. Ele pegava você para trabalhar. -“Olha, capitão, eu trabalhei um mês e queria receber”. -“Ah, tá bom. Vai para o fundo do São Francisco”. Isso matou muita gente.

MN: Agora, voltando, João Bezerra não forneceu armas. A polícia dificilmente forneceria porque havia um controle. Então, quem fornecia arma e munição?

AA: Aí você bateu na tecla! Nunca ouvi um cangaceiro falar de peito aberto. -“Olha, comprei arma de ciclano, fulano”. Dadá falava: -“Não se cospe no prato que se comeu”. Rapaz, olha, isso eles mantiveram em segredo, a mim nunca chegou. Olha, Zé Sereno contou para mim como ele conseguiu uns fuzis. Foram dois ou três. Ele citou um cidadão que tinha um carro que ia para Aracaju. É bom o senhor saber. O Zé Sereno pegou, vamos dizer, dois fuzis dele, do grupo dele, já estavam lascados. Foram entregues para trocar com dois fuzis novos e teve o dinheiro. Quer dizer, é possível isso? Aí eu acredito. E ele falou que fez isso.

TCRM: Eu já li algumas afirmações, segundo as quais, o ingresso da mulher no cangaço representou o começo do fim do cangaço. Uma série de situações, que obrigava os cangaceiros estacionarem por mais tempo, a questão da gestação, de qualquer forma, porque atraía problema.

AA: Quanto a isso, o pessoal diz que Lampião comentava. Quer dizer, eu ouvi isso da boca da pessoa que foi comentada. A Dadá diz que Lampião dizia: -“Compadre Corisco é um homem de sorte porque a mulher dele não empata em nada, nem quando tava grávida”. Ela era de uma fortaleza, numa ocasião, a volante estava atrás, estava chovendo, atravessou o riacho, parou embaixo de um pé de umbu, teve a criança e diz que meia hora depois estava caminhando, quer dizer, era de uma resistência anormal. É possível que Lampião realmente tenha dado esse elogio. Pronto, não precisa ir tão longe. Ângelo Roque, você chegou a conhecê-lo? O Ângelo Roque diz e até coloquei na contracapa do meu livro “Dadá e Corisco”, na primeira edição, Ângelo Roque dizendo: - “Dadá valia mais do que muito cangaceiro”. Deve ter fundamento.

MN: O prof. Pinheiro, que é colega nosso aqui, ele me pediu para perguntar quando é que você considera que o Cangaço, efetivamente, ficou extinto? Qual é o marco temporal disso?

AA: Eu acredito que foi com a morte de Corisco e Dadá, extinguiu tudo. Não teve jeito. Aconteceram alguns lampejos de cangaço em Pernambuco com o Concriz.⁴⁷ Já viu falar? Foi em 1946, Concriz, pegou um bandozinho, ficou seis meses. Não tinha condição, não tinha o apoio de rede de coiteiros, não tinha nada.

TRCM: *Eu tenho uma última questão, professor. É a participação da mulher efetivamente no combate. Eu passei a observar que as fotos, por exemplo, Lampião quando invade Ribeira do Pombal, está com o bando dele, não tem nenhuma participação feminina e outras fotos da mesma forma. Ao contrário, quando essas fotos são montadas ou como no filme de Benjamin, está lá a presença da mulher, com arma na mão. O que também me leva a questionar essa coisa. Será que efetivamente elas estavam lá, na linha de frente do combate?*

AA: Isso daí, o Benjamin nunca fotografou um combate e nunca filmou um combate. As mulheres que estavam, é porque estavam num coito, aquele grupo de cangaceiros tinham plena certeza de que estavam imunes à perseguição. Então, ele pegou e filmou e fotografou essas pessoas. Agora, mulher combatendo, Dadá diz que quem sabia atirar, de mulher era a Moça de Cirilo, mas nunca participou de um combate. Ela, Dadá, participou porque o Corisco ficou aleijado, o pessoal vinha matar Corisco e matá-la, ela atirou.

MN: *Uma curiosidade. A expressão coito, como é que ela surgiu no cangaço? Porque coito num outro patamar seria relação sexual. E como é que isso surge como denominador de esconderijo?*

AA: Olha, isso daí eu acho, no tempo de Sr. Pereira já tinha e eu acho que no tempo do Antônio Silvino. Provavelmente é no tempo de Antônio Silvino. Coito é abrigo, né? Coito é abrigo. Coiteiro é quem dá abrigo.⁴⁸

LUCAS VIANA: *Eu queria fazer também duas perguntas. Professor Amaury, qual foi a sua motivação, o que te motivou a escrever esse livro “Lampião, as Mulheres e o Cangaço”?*

AA: Eu tinha muita informação sobre mulher, só pode ter sido isso, viu? Só pode ter sido isso. Como eu tinha muita informação e o Zacarias havia me intimado, que eu não podia guardar nada que eu tinha que botar pra fora, eu acabei fazendo esse livro. A primeira edição foi de 1982, se não me falha a memória.

⁴⁷ Sobre esse personagem, apesar de buscas em diferentes fontes, nada encontramos sobre ele.

⁴⁸ Consultamos dicionários on-line e o Houaiss e neles encontramos a confirmação de que o termo também se aplica a esconderijo.

LV: *Eu vi aqui que tem um capítulo sobre o sexo. Como era a dinâmica da vida sexual entre os cangaceiros e as cangaceiras?*

AA: Olha, era uma bela porcaria. Não tinha esse negócio de agrado, de beijo, de nada, era abrir a perna e mandar brasa. Isso, segundo Sila. Ela falou pra mim que nunca beijou o marido dela na vida, nunca fez qualquer agrado, nada e vice-versa. Outras cangaceiras eu acredito que deve ter seguido no mesmo caminho, viu? Olha, eu acho uma boa pergunta. Eu acho que Durvalina que eu já citei, que é Durvinha, e que viveu com o Virgínio, mesmo depois da morte dele, até há pouco tempo atrás, ela elogiava, gostava, ela diz que gostava dele, pele macia, não sei o que, quer dizer, então essa pelo menos teve um contato. As outras, não conheço nenhuma que tenha elogiado nada de sexo.

LV: *Mas, como era essa relação com o sexo dentro do acampamento, por exemplo?*

AA: O pessoal tá aqui, a gente tá três metros pra cá e não tinha problema nenhum. Tanto é que o rastejador diz que muitas vezes falava: -“Olha, aqui teve o grupo de fulano, beltrano, tinha tantos homens, tantas mulheres, aqui, olha, aqui eles fizeram, viu? Teve uma relação”. Depois de muito examinar: -“Parece que tem a marca aqui, da cabeça”. Não sei como, mas o cara descobria.

LV: *É, até porque as marcas deviam se repetir e criavam um padrão. E em relação à dinâmica da gravidez, como era a gravidez nos grupos?*

AA: Cada mulher, volto a Dadá, dizem que Dadá não tinha problema nenhum. Dadá teve sete filhos no cangaço. Não tinha problema, enfrentava tudo com galhardia. Agora, dizem que algumas mulheres iam dois, três meses antes de parir iam pra um lugar, ficar pra descansar. Essas questões são pessoais, cada pessoa reage de uma forma. Eu acho que até hoje é assim, eu acho que muitas dessas moças aí na hora de parir devem agir de uma maneira, outra agir de outra. Eu acho que para isso não se estabeleceu um comportamento padrão.

MN: *Não devia ser uma coisa fácil pra elas!*

AA: Prá elas não! Quando tinha criança a primeira oportunidade era mandar embora. Não é que mandasse pra família de quem teve a criança, mandava pra um promotor, pra um juiz, pra um fazendeiro.

MN: *Uma coisa que eu tô me lembrando agora é o seguinte, o cangaço era um caminho sem volta tanto pra homem quanto pra mulher. Entrou não podia sair. É procedente essa informação?*

AA: Sim, sim. Sem dúvida.

MN: *Em relação às mulheres inclusive elas eram induzidas a buscar um novo companheiro dentro do bando. Verdade?*

AA: Algumas que não quiseram até foram mortas e outras foram mortas porque traíram o companheiro. Rosinha não, Rosinha morreu de parto, Adelaide também. Mas teve Lili foi morta porque traiu o companheiro, Cristina de português também foi morta porque traiu, a Lídia.

LV: *Então era pré-requisito pra mulher estar casada com cangaceiro para estar no bando.*

AA: Exatamente. Não tinha a companhia feminina isolada. Lá tinha que ter o companheiro.

MN: *Coisa curiosa também é que os homens usavam o artifício do codinome. Poucas exceções, como Lampião e Corisco, que eram muito conhecidos. Mas os outros, tanto que são vários com mesmo codinome que causam muita confusão. Mas as mulheres não. Você sabe a razão porque isso não foi adotado em relação às mulheres?*

AA: Olha, eu nunca ouvi falar de que uma mulher tenha morrido e outra entrado no bando com o mesmo nome, nunca ouvi falar, não sei o porquê.

MN: *Uma outra curiosidade que eu tenho é porque Maria estaria costurando uma roupa?*

AA: Sila.

MN: *Sila, fazendo uma roupa para um sobrinho de Lampião que havia ingressado no bando. O que foi feito desse rapaz? Tem alguma notícia dele?*⁴⁹

AA: Tem. Era filho de uma irmã de Lampião. Filho da primeira irmã dele. Depois do combate, o combate foi dia 28 de julho, no mês seguinte ele apareceu na casa da tia dele em Recife. Não na cidade de Recife, era ali perto. Bom, o rapaz foi lá, ficou mais ou menos um mês lá. Sumiu. Voltou depois que a família tinha mudado para Delmiro Gouveia. Ele voltou no ano de 1956 com malária. Ficou, parece que um ou dois meses lá. Bom, ficou até sarar. Na hora que melhorou, sumiu no mundo. Ouvi dizer que ele está em Goiás, mas tentei de toda maneira descobrir e não consegui. Aqui em Salvador ele fez uma reportagem interessante, deu entrevista, no “A Tarde”. Eu acho que foi em 1939. Luiz Rubens tem a reportagem.

⁴⁹ José Ferreira dos Santos, esse era o nome de batismo do rapaz. Filho de Virtuosa Ferreira.

LV: *Professor, a gente conversando, a gente já falou que, na verdade, muita pouca coisa mudou dentro da dinâmica de organização do bando, em termos de estratégias de combate. Mas, em termos de comportamento, de relações socioculturais dentro do bando. O que mudou com a chegada da mulher?*

AA: Eu acho que, por exemplo, os cangaceiros gostavam muito de dançar. Sempre que possível faziam um baile lá, quando havia possibilidade. Eles começaram a fazer bailes, quer dizer, já levavam a própria dama. Quando eles faziam um coito ali numa fazenda: - "Vamos fazer uma festa, porque é aniversário do fazendeiro". Arrumavam uma motivação e as mulheres participavam.

BIBLIOGRAFIA

BELARMINO. Manoel. COSTA. Rangel Alves da. **Zé de Julião. A Saga de um ex-cangaceiro de Lampião.** Editora Oxente. Poço Redondo. Sergipe. 2020. 206 p. il.

IRMÃO. José Bezerra Lima. **Lampião. A Raposa das Caatingas.** 3. Edição. JM Gráfica Editora. Salvador. Bahia. 2015. 736 p. il.

OLIVEIRA. Bismark Martins de. **Cangaceiros de Lampião de A a Z. 2.** Edição. Revista e Ampliada. Mídia Gráfica e Editora. João Pessoa. Paraíba. 560 p. ol.

OLVEIRA. Bismark Martins de. **Forças Volantes. Os homens que combateram Lampião de A a Z.** Mídia Gráfica e Editora. 2022. João Pessoa. Paraíba. 524 p. il.

OUTRAS FONTES

Sites, blogs, plataformas e numerosos outros conteúdos e formatos amplamente disponíveis nas redes sociais, alguns deles especializados no assunto e facilmente encontráveis na internet.

